

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ

# VOZES NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PÚBLICAS E PRIVADAS NO CONTEXTO DA COVID-19

JOSÉ SILVIO DE OLIVEIRA  
THIAGO BORGES DE OLIVEIRA  
ORGANIZADORES



  
edUFJ

The logo for edUFJ, featuring a stylized graphic of books and the text 'edUFJ' below it.

# UFJ

**Universidade Federal de Jataí**

*Reitor*

Américo Nunes da Silveira Neto

*Vice-Reitora*

Giulena Rosa Leite



**edUFJ**

**Editora da Universidade Federal de Jataí**

*Comissão de Condução Provisória da Editora e Conselho Editorial*

José Silvio de Oliveira (Presidente)

Cátia Regina Assis Almeida Leal

Edson de Sousa Brito

João Batista Pereira Cabral

Juliano Oliveira Rocha

Paulo José Lacerda Cabral

Thiago Borges de Oliveira

*Conselho Científico*

Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Aldo Ocampo González – Centro de Estudios Latinoamericanos de Educación Inclusiva (CELEI), Chile

Anderson Alves Santos – Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)

António Cipriano Parafino Gonçalves – Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique

Anselmo Peres Alós – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Carlos Luciano Montagnoli – Universidade Estadual de Londrina (UEL)  
César Nunes – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Cláudia Oliveira de Moura Bueno – Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Cristina Coimbra Vieira – Universidade de Coimbra (UC), Portugal  
Deborah P Britzman – York University, Canada  
Ezequiel Redin – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)  
Francisco José de Assis Cabral – Câmara Municipal de Jataí (CMJ)  
Filomena Teixeira – Instituto Politécnico de Coimbra (IPC), Portugal  
Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva – Universidade de Brasília (UnB)  
Jesus Maria Sousa – Universidade da Madeira (UMa), Portugal  
Michel Angillo Saad – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Neuda Alves do Lago – Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Nilson Fernandes Dinis – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
Rosanna Maria Barros Sa – Universidade do Algarve, Portugal

© 2020, Editora da Universidade Federal de Jataí

© 2020, José Silvío de Oliveira, Thiago Borges de Oliveira

As opiniões expressas neste livro não refletem, necessariamente, a opinião da Universidade ou da Editora.

*Capa*

Cristiano Walter Farias (UNICENTRO/PR)

*Revisão Ortográfica*

Maria Aparecida de Assis Teles Santos (SEDUC-GO-CREJ)

*Revisão Final e Editoração Eletrônica*

Thiago Borges de Oliveira

*Ficha Catalográfica*

Luismar de Carvalho Junior

---

Voices nas instituições de ensino públicas e privadas no contexto da covid-19. [Recurso eletrônico], José Silvío de Oliveira, Thiago Borges de Oliveira, organizadores. - Jataí : Ed. da Universidade Federal de Jataí, 2020.

183p. ; aspecto a5 1.41:1.

Inclui Referências.

1. Instituições de ensino. 2. Ensino remoto. 3. Coronavírus. 4. Oliveira, José Silvío de. 5. Oliveira, Thiago Borges de. 6. Título.

CDU 37

---

Cuando se avisa al navegador, “cuidado con la marea, con la velocidad del viento, con las olas revueltas”, él se pone nervioso, pero también en preparación, puede ser que venga una tormenta... Mucho cuidado, no oiga la voz de la sirena, ella encanta, sin embargo es peligrosa, va a hechizarlo y llevarlo para el fondo del mar. Convenga que se ponga atento, creo que éste es el momento de rehacer la ruta. Si todo esté al revés, el problema puede no ser del navegador, de las condiciones climatológicas, ni del mar en torbellino, sino de la brújula o, quizás del comandante. Entonces, empecemónos este viaje por mares nunca navegados antes.

*Maria Aparecida de Assis Teles Santos*

## SUMÁRIO

FOREWORD	vii
PREFÁCIO	x
DEDICATÓRIA	xiv
AGRADECIMENTOS	xv
1 INTRODUÇÃO	1
2 VOZES	8
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS	162

## FOREWORD

Manhã de 27 de agosto de 2020.

O tempo e o espaço são parâmetros determinantes da existência do mundo e das modalidades fundamentais da experiência humana.

O entendimento moderno corrente guia-se em sua atividade prática pelas abstrações “tempo” e “espaço”. Gourevitch nos escreve em suas ...catégories de la culture médiévale (1983), mas li apenas a tradução de meu amado Milton José.

07h15min - “Por que a nossa vida é dominada pelo descontento, pela angústia, pelo medo da guerra e pela guerra?” (adapt. LA RABBIA, 1963).

Em 1963, Pier Paolo Pasolini (Itália, 1922-1975) remontou imagens capturadas de telejornais, impressos, recortes televisivos e trechos fílmicos para compor a película *A Raiva*. Para o escritor, cineasta, ensaísta e poeta, as respostas possíveis não poderiam seguir um fio cronológico, ou sequer lógico, mas sim a força de nossos motivos políticos e sentimentos poéticos.

07h52min – Separar materiais para a aula do mais velho.

08h00min – Ajudar o mais velho com o acesso à aula remota.

Atendo ao pedido do amigo Silvio, que me pede um texto sobre esse momento. Qual momento? Me pergunto. O meu momento? O momento das instituições? Ou seria esse momento em que as fronteiras se desfazem e somos todos institucionais em nossas casas?

08h24min – O mais novo pede água.

08h34min – A falha na conexão internáutica deixa o mais velho (com a aula interrompida), logo acompanhado pelo mais novo (dependurado nos programas de TV), aos gritos.

Leio diretrizes para o “Ensino não presencial emergencial” definido pela Universidade. Penso: significa que vivemos um Estado de Exceção Digital?

Penso que, de fato, a sentença de Ava Rocha – que sempre encarei como pergunta – no curta-metragem Dramática (2005), ganha coro: “A alforria do povo brasileiro está no grande capital”.

08h40min – O mais novo pede ao pai um avião de papel, cujo nome bem poderia ser “dobradura para avoar o tédio”.

08h57min – A boca das crianças recusa as bananas, “de novo”.

Volto a tentar o texto para Silvio.

09h24min – Recolher os carimbos que o mais novo usou para redecorar paredes e sofás. O Ambiente Virtual de Aprendizagem, da disciplina que começa na próxima segunda, sequer tem a mensagem de boas vindas.

10h05min – A conexão volta. A aula do mais velho termina. Imprecações absurdas entre escrever e preparar o almoço.

11h00min – O alarme desperta. Encontrar a cachorra, ensurdecida, para ministrar remédios.

Ensurdeço os pensamentos.

11h38min – Cabeças e pontas de mesa me lembram do velho costume mineiro de usar uma faca para “matar” o “galo” que se forma na testa quando a batemos. Politicamente corretíssimo, substituo a mineira-idade por uma colher. O choro passa na hora!

13h28min - Percebo, somente agora, que Silvio tenta falar comigo desde as 09h50min. É o tempo sem tempo de uma epistemê toda nova.

*Dr. Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa*<sup>1</sup>  
Professor do Departamento de Educação e Programa de  
Pós-graduação em Educação da UFSCar, SP.

---

<sup>1</sup>Voz recebida às 13h34min via aplicativo WhatsApp.

## PREFÁCIO

No decorrer da leitura e esmero arranjo das vozes presentes neste livro, um desconforto tornou-se retumbante. As palavras, embora grafadas como de costume, não pareciam as mesmas, estavam inquietas, desajeitavam-se mais que o habitual nas linhas. Angústia, perda, avassaladora, repentina, liberdade – sua ausência –, mudança, surpreendente, normal, virtual, antes palavras corriqueiras, adquiriram novos significados.

Certamente é uma crise maior que as demais. O que a torna tão singular, intensa? Uma multitude de fatores. Várias são as explicações e significados nas mais distintas e representantes vozes aqui reunidas. Árdua foi a tarefa de apresentar o que se desenrola a seguir. De fato, a metáfora do navio, barquinho a vela, usada pelo Prof. Silvio, que vai e volta de um estado a outro, reflete a realidade. Que bom que ele não ordenou, itinerou, a viagem. O barquinho realmente está meio à deriva. Tem comandante. Mas se a mão está no leme, o olhar não está na bússola. Falta visão. Falta futuro.

E foi aí que encontrei, entre os meus significados, um tema também retumbante nas vozes. A liderança. Na verdade, em maior quantidade, a ausência dela. Estariam a angústia e o desconforto ancorados no calar de nossos líderes? Qual a razão de o terem? Haveriam perdido a visão? Suas bússolas não mais apontam a direção

do futuro que desejam? O que leram, aprenderam, ou deixaram de ler, aprender, para passar a acreditar que o silêncio, que o ‘não há o que fazer’, seria melhor?

Na ausência da liderança, cada um ou cada instituição é tacitamente autorizada a tomar sua própria decisão. A situação é excepcional, justificam alguns. As decisões se tornam particulares, pessoais, individualizadas, cada um à sua própria sorte. As decisões sobram para o último elo no comando – Não foi assim por aí? Professor, estudante? Em nosso país, e particularmente nesta crise, a ausência do olhar no todo, a falta de percepção do desigual, a incorreta e lenta aplicação de recursos no restabelecimento do equilíbrio, acentuam as desigualdades. As vozes retumbam a este respeito.

E a crise é uma mudança – súbita ou evolutiva – que traz consigo um problema urgente, que precisa de tratamento imediato,<sup>2</sup> um fato lamentável mas inevitável da vida e parte da condição humana,<sup>3</sup> um momento instável em que uma mudança decisiva é iminente.<sup>4</sup>

A percepção de uma crise é significativamente distinta na ausência ou presença de liderança. A percepção da atual pandemia é diferente em locais ou regiões com liderança bem estabelecida, da verdadeira mesma, sabe? Sem ego, sem próximas eleições, com visão definida, motivadora. O papel do líder logo se sente. Aponta a direção. Não acerta de primeira, claro. Não se trata disso. Trata-se de decisão, não de escolha. Não há opções prontas das quais selecionar, escolher a melhor, numa situação tão inédita, peculiar. É questão de errar e aprender rápido, a baixo ou nenhum custo, de corrigir o curso. E a percepção do erro sucede a avaliação da decisão.

---

<sup>2</sup>REVIEW, Harvard Business. *Crisis Management: Master the Skills to Prevent Disasters*. Harvard Business Press, 2004, p. xvi.

<sup>3</sup>MITROFF, Ian I. *Crisis Leadership: Planning for the Unthinkable*. John Wiley & Sons Inc, 2004, p. 33.

<sup>4</sup>FINK, Steven. *Crisis Management: Planning for the Inevitable*. Lincoln, NE: iUniverse; Authors Guild Backinprint, 2002.

A decisão pelo ensino remoto, a essa altura implementada ou em vias de ser, tanto nas instituições públicas quanto privadas, nas várias fases do ensino e em variadas metodologias, já viabiliza os primeiros ciclos de avaliação – da decisão, não do aprendizado. As vezes aqui, cuidadosamente reunidas e gentilmente cedidas pelos mais distintos protagonistas, reportam a angústia, o desconforto com a mudança, questionam por alternativas, apontam impossibilidades, possibilidades. Devemos considerá-las todas, afinal, ao ressoar, sem sombra de dúvida, são compartilhadas em essência por milhares, senão milhões, de protagonistas da educação.

Chamou-me atenção a voz dos estudantes que clamam por liderança. Ora, pode um estudante desmotivado aprender? Estariam os professores capacitados e aptos a motivá-lo? Há alguém atento a isso? Motivar em prol da visão, futuro desejável, é parte fundamental das atividades do líder.<sup>5</sup> E o professor o é na sala de aula. Também o são, ou deviam ter capacitação, aptidão para sê-lo, os que estão em sua hierarquia superior. A motivação é fruto do reforço da visão pelo líder. É mais fácil vencer esta batalha com uma visão, motivação pela qual lutar.

Orgulhei-me também ao ler vozes de líderes estudantes, como se orgulha de um filho, de suas maiores proezas. Talvez ainda não perceberam que o são. Líderes natos, líderes de si e líderes futuros de nós mesmos. Tomam as rédeas – o leme e a bússola – e levam o colega junto, para um futuro melhor. Respeitam as dores, mas ignoram as distrações, enfrentam os medos, encontram os próprios meios de educar-se. Já possuem a sua própria visão de futuro e, aqui, compartilham-na.

---

<sup>5</sup>TURABIK, Tugba e BASKAN, Gulsun Atanur. “The Importance of Motivation Theories in Terms Of Education Systems”. Em: *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 186 (2015), pp. 1055–1063.

Vamos compartilhar do futuro com eles? Vai passar. Este não é o fim, definitivamente não! Antes da próxima *live*, aula síncrona, assíncrona, conforte-se na cadeira atrás da câmera, torne-a agradável dentro do possível. Para facilitar o sorriso. Talvez forçado, mas façamos ele não parecer, por um momento. Roupa bonita, também confortável, levemente acima da expectativa? Mostre que para aprender nas atuais condições é ainda mais importante recuperar o significado,<sup>6</sup> espaçar as repetições, intercalar o aprendizado,<sup>7</sup> não só ouvir ou assistir a exposição. Os que estão ficando pra trás, pelos vários motivos de agora ou de antes, voltemos em um minuto para buscá-los? Equilibrar a partida como nunca antes foi?

*Thiago Borges de Oliveira*  
Inverno de 2020

---

<sup>6</sup>CEPEDA, Nicholas J. et al. “Distributed practice in verbal recall tasks: A review and quantitative synthesis.” Em: *Psychological bulletin* 132.3 (2006), pp. 354–380.

<sup>7</sup>BJORK, Robert A., DUNLOSKY, John e KORNELL, Nate. “Self-Regulated Learning: Beliefs, Techniques, and Illusions”. Em: *Annual Review of Psychology* 64.1 (2013), pp. 417–444.

Dedicamos carinhosamente às vozes escondidas, emudecidas, caladas, veladas, ignoradas. O livro é pequenino, recordamos, às trancafiadas, violentadas, marginalizadas, excluídas, cansadas, adoentadas, acamadas, debilitadas, depressivas, oprimidas, sintam-se contempladas.

*In memoriam*, aos colegas de profissão que perderam suas vidas para o vírus SARS-CoV-2. Às mais de 160 mil vidas ceifadas no Brasil em 2020, até o fechamento da edição, e às centenas de milhares de famílias que continuam a chorar, a derramar lágrimas, pois, não existe consolo quando um amor se vai.

## AGRADECIMENTOS

Certa vez, um palestrante lusitano explicou o significado da palavra agradeço. Logo, lhe veio à cabeça, o famoso *Tratado da Gratidão*, do filósofo medieval Tomás de Aquino (1225-1274). O português de Portugal, António Nóvoa, após exposição de uma aula magna, queria agradecer aos colegas brasileiros da Universidade de Brasília e, ao povo brasileiro, o carinho recebido. Assim, esclareceu o sentido da palavra agradeço em alguns idiomas: em francês, *merci*, em alemão, *zu danke*, em italiano, *grazie*, em espanhol *gracias*, em inglês, *thank you*, e, em português, *obrigado*. Criteriosamente analisada as variações linguísticas dos respectivos vernáculos, chegou a seguinte conclusão: a perfeição do termo, a excelência da categoria, a sublime palavra ou, o terceiro e maior nível da gratidão referendado no tratado do filósofo, era, concretamente, a forma brasileira de agradecer, *o nosso usual obrigado*. De acordo com Nóvoa, o filósofo medieval estabelece três níveis de agradecimento, o superficial, o intermediário e, o profundo. Interessantemente, o termo em português, para surpresa do pesquisador, foi a conotação encontrada, ou seja, a palavra obrigado no nosso idioma, traduz de fato o mais alto nível - profundo, portanto, dizer obrigado, significa isso mesmo,

“ ... fico vos obrigado, fico obrigado perante vós, fico vinculado perante vós, fico vos comprometido a um diálogo, agradecendo-vos o vosso convite, agradecemos a vossa atenção,

fico obrigado, vinculado a continuar esse diálogo e a poder contribuir, e na medida das minhas possibilidades, para os vossos projetos, para os vossos trabalhos, para as vossas reflexões, para o vosso diálogo. É esse diálogo que quero e é nesse preciso sentido, que eu vos digo, muito obrigado.<sup>8</sup>”

*António Nóvoa*

Gentilmente, recorreremos ao mestre, de antemão, obrigado pela sua voz, António Sampaio de Nóvoa, reitor honorário da Universidade de Lisboa em Portugal. Nada mais resta-nos dizer, tão-somente, *muito obrigado*. Ficamos comprometidos perante vós, ficamos vinculados perante vossas vozes. Na autonomia, estamos presos e amarrados. Isso é sublime! No genuíno sentido da coisa, compreende-se, preso e amarrado no entendimento de, não esquecê-los, de guardá-los em nossos corações. Sim, ficamos devendo muito às quase 100 vozes espalhadas pelas cidades dos estados brasileiros: Piauí, Pará, Mato Grosso, Amazonas, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Bahia, Mato Grosso do Sul, Ceará, Goiás, Maranhão e Distrito Federal. Em certo sentido, essas vozes tentaram encontrar o hermético, o abstruso, o confuso, o invisível, o obscuro, o opaco, o velado, o indigesto, o insatisfeito, o absurdo, que mata e enterra sem ritual o nosso povo do continente brasileiro.

Paulo José Lacerda Cabral . . . . .	8
Luciano Ferreira da Silva . . . . .	10
Heron de Carvalho . . . . .	14

---

<sup>8</sup>NÓVOA, António Sampaio da. *III encontro pibid unespar - António Nóvoa - conferência “formar professores para o futuro”*. III Encontro PIBID UNESPAR. 2014. URL: [https://youtu.be/r4Vz\\_nm5QQ](https://youtu.be/r4Vz_nm5QQ). Acessado em 09 de setembro de 2020.

Jordanna Sebastiana Gregório . . . . .	16
César Martins de Souza . . . . .	19
Luciana Porfírio . . . . .	21
Beatriz Valente de Oliveira . . . . .	23
Gabriel Consentino Botrel Chalfun . . . . .	23
Jordana Cristina Ferreira Santiago . . . . .	25
Hanna Aparecida Silva Feitosa . . . . .	26
César Nunes . . . . .	28
Maria Claudete de Lemos . . . . .	29
Cristiane Pereira de Assunção . . . . .	31
Hugo Carvalho . . . . .	32
Roxana Leal . . . . .	33
Marcelo Marques Costa . . . . .	34
Êmerson Antônio da Silva . . . . .	36
Edson de Sousa Brito . . . . .	38
Edmacy de Souza . . . . .	39
Sócrates Guimarães . . . . .	40
Clóvis Kuhn . . . . .	41
Jaderson Teixeira . . . . .	43
Lucas Emerenciano . . . . .	44
Danival Vieira de Freitas . . . . .	45
Pétria Pamplona Oliveira . . . . .	46
Valéria Grecov Garcia . . . . .	46
Simone de Oliveira . . . . .	47
Vicente Behur Miranda Lima . . . . .	49
Bruno Bordín Pelazza . . . . .	51
João Batista Pereira Cabral . . . . .	52
Ana Paula Ferreira Trindade . . . . .	55
Ana Carolina Gondim Inocência . . . . .	57
Neuda Alves do Lago . . . . .	64
Andersom Alves Santos . . . . .	68

Victor Emmanuel Ribas Mendonça Moragas . . . . .	70
Valéria Leite Oliveira Costa . . . . .	70
Carlos Luciano Montagnoli . . . . .	72
Renata Pamplona . . . . .	73
Ana Paula Nogueira da Silva . . . . .	73
Welma Alegna Terra . . . . .	75
Francisco Cabral . . . . .	76
Ademir Dietrich . . . . .	77
Amadeus Pamplona Oliveira . . . . .	77
Ana Cláudia Nogueira da Silva . . . . .	78
Luciana Cristina Porfírio . . . . .	80
Halline Mariana S. Silva . . . . .	81
Rita da Conceição Moraes . . . . .	82
Ludmila Grego Maia . . . . .	83
Jaklane Nunes Rabelo . . . . .	85
Adriana Pereira Paiva . . . . .	87
Juliano Oliveira Rocha . . . . .	89
Cátia Regina Assis Almeida Leal . . . . .	90
Lais Leni Lima de Oliveira . . . . .	93
Janaina Nascimento Aguiar . . . . .	94
Sônia Aparecida Silva da Costa . . . . .	94
Juliana da Silva Souza . . . . .	96
Marina Silveira . . . . .	97
Eva Oliveira . . . . .	98
Elisa Fernandes . . . . .	98
Maria Luiza Antoniucci Zadra . . . . .	99
Suely Lima . . . . .	101
Marina Oliveira . . . . .	102
Ana Carolina Oliveira Santos . . . . .	102
Rosana Moragas Ribas . . . . .	103
Érica Ferreira Melo . . . . .	104

Cristiano Walter de Farias . . . . .	106
Diovana Ferreira de O. Thiago . . . . .	108
Raquel Vieira Gomes . . . . .	109
Maria Eduarda Santos . . . . .	111
Pedro Jardim Penna . . . . .	111
Reila Campos G. de Araújo, Gleydson Alves Silva, Cácia Régia de Paula . . . . .	113
Naasson Lemos . . . . .	117
Cláudia Moura . . . . .	118
Sílvia Adriana Rodrigues . . . . .	119
Weverton de Paula Castro . . . . .	120
Wendel Paulo Oliveira . . . . .	122
Munira Gottardello De Rocha . . . . .	123
Jonas de Castro Santos . . . . .	125
Celeni Miranda . . . . .	127
Guilherme R. Barbosa . . . . .	128
Lyrrian Martins . . . . .	130
Beatriz de Paula . . . . .	130
Katley Tamires . . . . .	131
Ana Paula Vilela . . . . .	132
Manoel Rodrigues Lopes . . . . .	133
Gleiser Mateus Ferreira Valério . . . . .	134
Anyelle Silva de Assis . . . . .	135
Adriano Felix . . . . .	136
Thiago Carreo . . . . .	139
Simone Gomes Firmino . . . . .	140
André Luiz C. Vicente . . . . .	146
Caio Vilela Azevedo . . . . .	149
Jackson Lima dos Santos . . . . .	151

# 1

## INTRODUÇÃO

«Eis aqui, quase cume da cabeça De Europa toda, o Reino Lusitano, Onde a terra se acaba e o mar começa E onde Febo repousa no Oceano. Este quis o Céu justo que floresça Nas armas contra o torpe Mauritano, Deitando-o de si fora; e lá na ardente África estar quieto o não consente.»<sup>9</sup>

*Luiz Vaz de Camões*

**A** IDEIA de escrever esse livro nasceu de um sonho insólito, subitamente anormal, um espanto, devaneio, um susto estranho. Nele, nenhuma equação resolvida ou solução determinada, ao contrário, na indeterminação, estacione, pare, *stop*, ouve, escute e acolhe. Sem acordar do pesadelo, registramos agora e aqui, inúmeras e distintas vozes dos/as que protagonizam e engendram a área da educação e da escola brasileira, no período pandêmico, esse, instalado no primeiro semestre de 2020. Descoberto em dezembro de 2019 na cidade de Whuan na China, o vírus (SARS-CoV-2), além

---

<sup>9</sup>CAMÕES, Luis Vaz de. *Os lusíadas*. Belém: Núcleo de Educação a Distância, UNAMA, 2000, p. 45. URL: <http://bit.ly/camoesslu>. Acessado em 09 de setembro de 2020.

## *Introdução*

de matar, deixou o planeta à deriva. Um mês depois, a Organização Mundial da Saúde declarou estado de emergência em caráter mundial: em nosso meio, rondava a pandemia.

Nesse sombrio, funesto, nefasto horizonte, simultaneamente, essas linhas, interpelam à leitura, ao estudo, à aprendizagem, à instrução, à formação, à ciência, o conhecimento, à sabedoria e, o cultivo ao pensamento. Impossível querer caminhar na escuridão sem a luz, na neve sem agasalho, na neblina sem um foco, na floresta sem trilho. A luz de um professor é a leitura. O agasalho de uma professora, o livro. O foco do aluno o estudo. A trilha da aluna é o opúsculo.

Sendo uma construção e contribuição efetivamente coletiva, esse livro, fundamentalmente educativo e formativo, é em boa medida, literatura científica, didática e metodológica, teórica e prática, determinadamente, histórica e cultural proveniente das vozes, resultado da 'práxis', dos/as protagonistas do ensino e da educação brasileira. É o melhor que temos de nós, nossas vozes! É leitura significativa para quem está acampado nas trincheiras abertas pelo vírus SARS-CoV-2. Ou seja, para todas as pessoas.

Uma pesquisa é resultado, a voz, interpelação. Em qualquer instituição, pública ou privada, em quaisquer níveis de ensino, evidentemente, nas relações políticas, econômicas, estéticas, artísticas e éticas, antes das tomadas de decisões, é salutar escutar a voz do outro, pois, incessantemente clama ao nosso lado. Se, em sua natureza, o outro nos provoca e promove, logo, sua voz nos interpela, sobretudo, a do/a excluído/a, coincidentemente, essa, interpela à acolhida. Assim, reunimos aqui diferentes e distintas vozes dos/as protagonistas da educação em seu sentido amplo e, em seu sentido escola.

A viagem começou bem antes, não sabemos ao certo quando, se na terra, nos céus, ou nas águas, entendido como fato histórico, talvez teria nascido a 5.000 anos o barquinho a vela, invento da civilização do ocidente. Entretanto, uma batalha foi travada em 155 a. C. – 139

## Introdução

a. C. e, chamou atenção durante a viagem. Quando a legião romana espremia, espezinhava, encurralava e achatava os lusitanos na região de Conímbrica, os versos de Luiz Vaz de Camões, não teriam outra finalidade, senão, entrarem definitivamente para a história.

De volta ao contemporâneo, o vírus SARS-CoV-2 que causa a doença Covid-19, mata, desdenha, despreza, empurra, espreme, esvazia, esgota os corpos, envia ordens de recuo, manda de volta para casa o planeta inteiro. Sim, para os lusitanos, o mar foi uma possibilidade. Na contemporaneidade, as ondas são revoltas, insurgentes, rebeldes, irritantes, convulsivas, repulsivas, o vendaval segue constante e, em alto mar, Titanic e caravelas insistem e persistem em navegar.

Em meio a esse vendaval encontramos professoras, professores, alunas e alunos, técnicas e técnicos – protagonistas com caravelas impulsionadas pelo vento, que não é nada democrático. Como conjugar nesse tempo pandêmico a nossa própria contradição?

Sobre as aulas ‘remotas’, a origem semântica do termo, recua, soma-se a isso, a procedência linguística do termo ócio. Inicialmente, a palavra (remota), derivada do latim, *remotus-us*, é entendida como participio passado, *removeo-ere*, significa ‘mover para trás’, voltar, recuar, distanciar. Esse sentido semântico de ‘recuo’, ‘mover para trás’, quando ajustado ao contemporâneo e, alinhando-se ao termo ócio – ganhamos algo inusitado. Presente dos troianos aos gregos? Derivada da língua latina, o termo ócio - *otium*, denota o sentido de ‘inatividade’, ou pode ser traduzido também como folga, denota descanso. Para os gregos antigos, significava atividade mental, momento de trabalho intelectual – estudo, pesquisa, desejo de conhecer. Entendido em sua fundamentalidade, o ócio seria o tempo que temos para realizar nossas ações livremente – em total liberdade. Em algum sentido, esse ‘tempo livre’, não foi um presente tal qual, os gregos receberam dos troianos. Mas, sim, um presente estranho do SARS-CoV-2.

## Introdução

O cenário pandêmico contemporâneo faz esse movimento para trás, o planeta recua, o recuar é um movimento estratégico, singular e único, sobretudo, quando ouvimos e escutamos a voz do outro, ou a do vírus, essa última, num estampido irreverente e autoritário. Nesse contexto, é possível conectar o ‘tempo livre’, o ócio, entendido como, não à inatividade, não à folga, não ao relaxamento, não à preguiça, não à frouxidão, evidentemente, numa outra conotação – associando e harmonizando-o na liberdade. Simultaneamente, a ele ficamos obrigados, a ele, ficamos circunscritos. A história, determinadamente atrelada ao poder de uns/as poucos/as, negou a muitos uma vida digna, – negou o ócio. O autoritarismo, o capitalismo em suas inúmeras vertentes, o egoísmo, essa tendência ao individual, a maldade, a violência, a inconsciência, a irresponsabilidade, a arrogância humana e a falta de cuidado e zelo de alguns poucos, dilaceraram e, a muitos mataram. Além disso, as pestes, doenças, calamidades são resultados da natureza e, notadamente, o SARS-CoV-2 não nega suas características. Yuval Noah Harari, relembra:

“ A mais famosa dessas irrupções, a chamada Peste Negra, ou peste bubônica, teve início na década de 1330, em algum lugar da Ásia Central ou Oriental, quando a bactéria *Yersinia pestis*, que tinha a pulga como hospedeiro, começou a infectar os humanos que eram picados por esse inseto. De lá, montada num exército de ratos e pulgas, a peste espalhou-se rapidamente pela Ásia, Europa e pelo norte da África, levando menos de vinte anos para chegar às margens do oceano Atlântico. Entre 75 milhões e 200 milhões de pessoas morreram — mais de um quarto da população da Eurásia. Na Inglaterra, quatro

## *Introdução*

em cada dez pessoas pereceram, e a população caiu de 3,7 milhões antes da peste para 2,2 milhões depois dela. A cidade de Florença perdeu 50 mil de seus 100 mil habitantes.<sup>10</sup><sup>39</sup>

*Yuval Noah Harari*

E, o que nos resta nessa hora? Fisicamente ainda somos os mesmos, do futuro, nada sabemos, aliás, sabemos sim. Mas, o que nos resta nessa hora? Tão-somente, esse trabalho incongruente, furtivo, acobertado, desfigurado, desvairado, torto, tresloucado, disfarçado, descometido? Não, obviamente não. O ser humano tem a capacidade da reflexão, da ciência, do conhecimento. Podemos voltar, revirar e revolver as mesmas questões nem sempre bem resolvidas. Aldo Huxley nos alertou da tendência do comportamento da mente humana, temos uma incorrigível capacidade para ‘reduzir o que é diferente ao que é igual’. Conhecemos a nossa própria irracionalidade, entretanto, conhecemos também, a nossa lucidez, consciência, inteligência, prudência, sabemos da capacidade de entendimento, discernimento, esclarecimento, raciocínio, equilíbrio, bom senso. Todos esses valores e muitos outros, perpassam pelo tipo de educação que queremos. Essa, modifica, orienta, define o homem. A educação faz de nós quem somos. Da mesma forma, a formação, a instrução, a escola, o processo de ensino e de aprender, essas realidades são intrinsecamente condensadas e realizadas pelo trabalho do pensamento, do cultivo desse, da interrogação, da dúvida, da contradição, da crítica, da leitura e da escrita.

Sobre a leitura e escrita, movendo e navegando no mar, o barquinho a vela encontrou a voz de um autor e estadista alemão, Johann Wolfgang von Goethe, sua voz é potente, histórica e circunstancial:

---

<sup>10</sup>HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Trad. por Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 17.

## Introdução

“ Escrever é um ócio muito trabalhoso.<sup>11</sup>”

*Johann Wolfgang Goethe*

Sim, escrever de fato é trabalhoso, é um ócio exigente, o trabalho do aprendizado da escrita e da leitura é trabalho formativo. Antes de escrever temos que aprender a perceber. Ser gente não é brincadeira de pique-esconde, a escola sozinha não forma ninguém. Isso é um raciocínio pouco durável. A sociedade, a educação, a escola, são realidades amplas e tão-somente realizam nesse complexo social, cultural e formativo. Da Alemanha para a Inglaterra, recorremos a uma voz britânica que ressoou em 1995, porém, pouco escutada:

“ Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até esse ponto e – se os leitores partilham da tese deste livro – por quê. Uma coisa é clara. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade, é a escuridão.<sup>12</sup>”

*Eric Hobsbawm*

Essa voz foi pouco perscrutada, ouvida, analisada, além de outras. A viagem continuou, o navio deixou a Inglaterra de 1995 e, parou em Portugal de 2020. Em Coimbra, escutamos algo indesejável, entretanto, inconfundível e emergente:

---

<sup>11</sup>GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Trad. por António Feliciano de Castilho. Portugal: Universidade de Aveiro, 2003. URL: <http://bit.ly/gothefausto>. Acessado em 15 de setembro de 2020.

<sup>12</sup>HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX 1914 – 1991*. Trad. por Marcos Santarrita. 2.ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1995, p. 562.

## *Introdução*

“Estou certo de que nos próximos tempos esta pandemia nos dará mais lições e de que o fará sempre de forma cruel. Se seremos capazes de aprender é por agora uma questão em aberto.”<sup>13</sup>

*Boaventura de Souza Santos*

Metodologicamente, o livro sintetiza o Foreword – reflexão rara do colega e professor, Dr. Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa, da UFSCar, alinhado e ajustado, o Prefácio, do professor, Dr. Thiago Borges de Oliveira da UFJ, os Agradecimentos, essa Introdução e, no Capítulo 2, Vozes, propriamente, as vozes, análises, reflexões, pensamentos dos/as protagonistas da educação e da escola no Brasil no contexto do devasto, nefasto e sombrio cenário deixado pelos rastros do vírus SARS-CoV-2.

---

<sup>13</sup>SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Virus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020, p. 28.

# 2

VOZES

Ainda no continente europeu, escutamos uma voz vinda do distrito de Münster no estado da Reinânia no Norte-Vestfália na Alemanha da Westfälische Wilhelms-Universität Münster Fachbereich Psychologie und Sportwissenschaft Institut für Sportwissenschaft:

“ Com alegria e afeto partilho desse trabalho organizado por pessoas tão queridas e bem intencionadas. O trabalho em produzir um texto consistente e audacioso em ‘tempo reduzido’ auxilia a iluminar a caminhada de todos aqueles e aquelas, que assim como eu, se vê perdido por uma distorção do tempo, do espaço e das relações.

A pandemia do vírus SARS-CoV-2 ou da doença Covid-19, não é a primeira e tampouco será a última, todavia, sua característica localizada no tempo presente com tudo aquilo que a humanidade até então conseguiu produzir no campo da tecnologia deu contornos particulares a ela. Ao que pese o respeito à todas aquelas pessoas que perderam um ente querido, um amigo próximo, sofreu com os sintomas da

doença, talvez, herdaram as sequelas dessa traiçoeira patologia além dos que estão em sofrimento pela ausência de condições e de assistência do Estado.

A pandemia funciona como uma violenta máquina de aceleração de processos, seria o ‘Sirius’ da vida real, diferentemente de um acelerador de partículas, impõe o seu ritmo e a radicalidade que desnuda da maneira mais crua e dura o que ela toca. Minha família e eu representamos um lado positivo da estatística, contaminamos – estamos bem - sabe se lá de onde, mantendo todo o cuidado e distanciamento necessário, de fato, o vírus não escolhe, ele é astuto, não pede licença!

Entendida como uma patologia do corpo com predileção às vias respiratórias, a doença da Covid-19 tem poder de devastação e não repercute apenas nas lesões de um corpo adoecido. Ela é mais ambiciosa, chama para si o tempo, as relações, trafega pela saúde mental e toca no genuíno, no particular, no íntimo, logo, na alma. Ela revela medo, sonhos, desconstrói relações ao mesmo tempo que também ressignifica a nós mesmos. O coronavírus e sua natureza microscópica traz mazelas, indubitavelmente! Mas ele também traz mensagens, isso, no plural. Mensagens, vozes que alertam, gritam ao mesmo tempo que silenciam.

Há um sussurro metafísico no interior dessa partícula que também traz sua questão de ordem. Basicamente ela chama atenção sequestrando nossa percepção do tempo, ocupando nossos espaços e delimitando nossas relações. Ao fazê-lo, impõe a sua maneira e velocidade face aos milhares de anos de processo “evolutivo”, e, em culminância com nosso avanço no campo da ciência e tecnologia. Sua voz, sua vocação não resumem apenas em devastação desse corpo, mas de reforçar nossa própria insignificância e dependência.

Quanta saudade do aperto de mão, do abraço, da conversa de corredor, de sujar nossos corpos e vestes com as crianças na praça perto de casa, do café com nossos avós, nossos pais, de um bate-papo, do calor de uma reunião presencial. Por outro lado, como está difícil ficar em casa, se moro sozinho não suporto a mim mesmo, se tenho irmãos já não aguento mais discutir em casa, se sou casado, o que fiz da minha vida? Quanto arrependimento! Se professor, como ensinar? Onde fica minha autoridade quando por motivo de força maior precisei ‘reduzir abaixo’ do meu aluno(a) porque talvez seja ele o professor da relação.

Enfatizamos com todo respeito às inúmeras vítimas da Covid-19, o momento é de reflexão e revolução. Será que a pandemia é o fronte da batalha? Ou ela foi capaz de com toda sua dureza e gritos chamar atenção para nossos valores e insignificâncias? Somos pequenos, nos curvamos ao microscópico, ao que tudo indica rompemos com a natureza, herdamos uma doença de outro reino animal pela soberba, intransigência e espírito colonialista. Precisamos repensar a nós mesmos, reconhecer o que não pode ser visto, especialmente aqueles que vivem à margem da visibilidade.”

*Paulo José Lacerda Cabral*

Ao cruzar o oceano atlântico, o navio ancorou no litoral nordestino brasileiro, atracado na região litorânea mais bonita do Brasil no estado do Piauí, a viagem continuou num barquinho a vela. Navegando torrencialmente no rio Parnaíba, um dos maiores rios do nordeste, ouvimos de um professor da universidade estadual de Teresina, desse, escutamos algo interessantíssimo sobre a saúde física e mental em tempo de Covid-19:

“Olá a todos e a todas, estou escrevendo estas poucas linhas para expressar minhas reflexões sobre a quarentena e a pandemia aqui no cenário da UESPI, Universidade Estadual do Piauí, lembrando que são minhas impressões pessoais não tendo nada a ver com as considerações da Instituição ou outros docentes e discentes. As atividades docentes presenciais estão suspensas desde o início do semestre letivo de 2020, portanto, até o momento (07 de setembro de 2020) não tivemos aulas presenciais, havendo a previsão de aulas remotas para o período denominado PEC (período especial curricular) onde constarão atividades e aulas remotas referentes a um período especificado como intervalar, entre semestres corridos. A dificuldade por parte de alguns docentes e de boa parte dos discentes é a Internet com qualidade para se ministrar e assistir aulas remotas, além da falta de uma capacitação dos docentes e dos alunos para manusear as plataformas digitais, sejam elas o Google Meet, Zoom ou outras. Houve uma *live* por parte da UESPI para a capacitação tanto do corpo docente quanto do corpo discente nesta última semana, dia 04 de setembro, havendo previsão de mais duas *lives*, 10 e 11 de setembro, para explicar o funcionamento das aulas remotas do PEC, com início em 14 de setembro, e as aulas do período normal, com início previsto para 14 de outubro. Ainda não sabemos qual plataforma a UESPI utilizará, a princípio seria uma outra, mas agora há a possibilidade de se usar o Google Classroom e o Google Meet. Os alunos estão ansiosos para o início das aulas remotas. No meu caso em particular, só no mês de julho consegui um novo computador com microfone e *webcam* com qualidade para assistir cursos, palestras, minicursos e *lives* que dizem respeito à minha prática docente. Sou professor Adjunto III da UESPI, campus de Parnaíba,

área de Literatura, Teoria da literatura e Crítica literária nos cursos de Letras Português, Letras Inglês e eventualmente ministrando disciplinas nos cursos de sociologia, pedagogia e computação, lecionando Língua Portuguesa e Literatura infanto-juvenil. Neste período de quarentena, tive oportunidade também de comprar uma *webcam*, caso a do *laptop* desse problemas. Como profissional na minha área, me interessei em ocupar o tempo fazendo cursos *online*, dois de inglês para aperfeiçoamento e atualização, pois tenho formação em Letras Português e Inglês, mas atuando a muito tempo com as literaturas de língua portuguesa, senti necessidade de voltar também para essa área de língua estrangeira. Pesquisei e fiz cursos rápidos como ouvinte voltados para minha área específica de literatura como *lives* sobre ‘Literatura em tempo de pandemia’, ‘O trabalho com a linguagem em sala de aula’, ‘Estudos de gênero à luz da análise do discurso’, ‘Corpos em TRANSformação: problematizando as questões de identidade de gênero e orientação sexual’, ‘Seminários de estudos literários: clássicos da literatura’, ‘Semana de estudos de obras literárias de mulheres’ e ‘As fronteiras na voz das histórias de Guimarães Rosa’. Assistindo até este mês de setembro o curso ‘Teoria Queer: além de Judith Butler’. Programado para iniciar este mês um curso sobre ‘Grandes cronistas brasileiros do final do século XIX ao século XXI’. Procurei congressos para participar como ministrante de algum minicurso, dar palestras ou apresentar comunicação. Está programado meu minicurso na 32ª semana de Letras da UNESP, Campus São José do Rio Preto, evento *online*, título do minicurso: ‘Representações homoafetivas na Literatura Infanto-juvenil brasileira contemporânea’. Outra palestra darei no dia 03 de dezembro num curso de extensão da UESPI, Campus da

cidade de Oeiras. Tentarei também apresentar comunicações em eventos *online*. Com relação às aulas como um todo e de maneira geral da rede particular e da rede municipal e estadual de ensino do Estado do Piauí, verificamos que as aulas remotas estão acontecendo. Alguns professores estão produzindo suas aulas gravando com celular ou com a *webcam* do computador. Outros estão ministrando aulas pelo WhatsApp, postando vídeos e atividades. As aulas em *lives* em escolas estão acontecendo no horário das aulas mesmo, não acontecendo, claro, devido ao cansaço de estar diante da tela do computador ou do celular, no horário todo. Por exemplo, se são três horas normais presenciais seriam agora uma hora e meia. Isto também é orientado por profissionais de saúde, para que não prejudique a visão e o psicológico tanto dos alunos e professores. Ocorrem também aqui nas escolas das redes públicas uma estratégia de ensino e aprendizagem interessante: os professores imprimem as atividades e as colocam em sacolas plásticas nas escolas para que os pais busquem para os filhos. Os alunos fazem e devolvem à escola. E assim estamos presenciando através das reportagens pela televisão e pelas *lives* o que está ocorrendo na educação no Estado do Piauí em tempo de pandemia do coronavírus neste ano de 2020. Então, desta forma, objetivo estar antenado com os eventos na minha área e fazer cursos, ministrar cursos, dar palestras ou apresentar comunicações. Assistir *lives* a respeito de como usar as plataformas digitais para estar sempre me atualizando. Comprei livros para ir preparando *slides* para as minhas aulas remotas que começarão em outubro, como já mencionado. Particularmente busco estar sempre em contato com amigos, conversando para manter a mente sempre em trabalho, manter o equilíbrio psíquico e efetuando todos

os cuidados de proteção contra o coronavírus quando saio de casa para fazer compras de utensílios de limpeza e alimentos. Com a gradual abertura do comércio em Teresina, bares e restaurantes, saio raramente levando comigo máscara e álcool em gel para ver pessoas, solitariamente ou com um amigo ou no máximo dois. Tudo com cautela e seguindo as normas da Organização Mundial da Saúde. As saídas, raras, acho necessárias para aliviar o isolamento. Acompanho sempre também os noticiários, sejam eles políticos ou sobre o momento atual no Brasil e no mundo com relação principalmente à Saúde e à Educação. As *lives* de estudos e das artes em geral, como músicas e shows, ajudam a nossa saúde mental. Espero ter colaborado com este pequeno texto com minha visão particular sobre o momento que estamos vivendo, tão grave e tão importante para a nossa saúde física e mental.”

*Luciano Ferreira da Silva*

Contribuiu evidentemente caro colega e professor Luciano. De Teresina no estado de Piauí navegando no rio Parnaíba, o barquinho a vela, sem destino certo, apenas a ampulheta media o tempo, sem qualquer período de tempo, quando a areia escorreu totalmente para o outro lado, o mesmo já navegava às margens do rio Grande, próximo a antiga ponte do funil na cidade de Lavras no estado de Minas Gerais. De lá, uma voz forte foi ouvida.

“ Sou professor Universitário em Minas Gerais na Cidade de Lavras. Meu nome é Heron de Carvalho. Trabalho no Centro Universitário de Lavras - UNILAVRAS. Estamos em um momento singular. Já desde o final do século XX, com o mundo em rápida transformação, tudo estava em um processo de revisão. A educação, da mesma forma, se encontrava

em mais um momento de repensar pedagógico. Continuará a Escola da mesma forma? Manterá sua estrutura? Como ensinar no século XXI? Qual seria o papel dos professores? A era do conhecimento que surgia a passos largos, as rápidas transformações do processo produtivo, o acesso rápido à informação quebrando barreiras e oferecendo oportunidades antes impensáveis. Mundo em franco desenvolvimento, distâncias cada vez menores. E neste breve olhar ao passado recente já podemos perceber quantos desafios enfrentaria a educação! Contudo, em 2020, como se estivessem se cumprindo as previsões dos filmes de ficção do século XX, a pandemia da Covid-19 assola o mundo e nossas certezas. Nesta perspectiva, a educação que em muitos espaços já ocorria por obra e esforço de abnegados, tem sofrido consideravelmente. Assustador perceber, principalmente no âmbito do ensino público, que todos os processos de desenvolvimento e tecnologias incorporados pela indústria, pelas empresas, não conseguiram assessorar e fundamentar o histórico espaço de transmissão da herança cultural da humanidade: a escola. A escola se percebeu desprevenida, não apenas sem recursos físicos e as tecnologias necessárias para acessar este novo mundo, mas com professores e gestores sem saber por onde trilhar neste momento de incertezas. Obrigados a se adequar, revelou-se mais uma vez um abismo entre o espaço público e o privado de ensino. Este abismo se evidenciou no momento em que, forçados a se adaptar, estes dois mundos demonstraram o quanto temos ainda que debater educação no Brasil como Direito e garantia fundamental. Em que pese esta dificuldade/desigualdade que grita aos nossos olhos, é certo que é preciso pensar este momento em suas dificuldades e limitações, mas também considerar que se pode estabelecer novos parâmetros para a Escola

conseguir acompanhar as fortes mudanças que enfrentamos. A Escola pode se reinventar e ser para esta sociedade do século XXI o espaço de construção do conhecimento que permita acesso a todos, diminuindo o abismo social que reduz muitos à exclusão social. Se a pandemia impôs a todos a necessidade de usar as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) maciçamente, que a sociedade perceba e entenda que a inexistência destes meios nas escolas, e da inexistência de professores adaptados a estes processos, é um alerta sobre nossas prioridades e sobre a importância do debate público quanto ao direito de todos aprenderem.”

*Heron de Carvalho*

Das margens serenas e fortes do rio Grande em Minas Gerais, o barquinho sempre tocado pelo vento forte adentra o rio Araguaia no estado do Mato Grosso. Logo, navegava no rio das Mortes, nome esse, derivado das batalhas travadas entre o povo indígena Xavante e os Bandeirantes. O vento soprou mais um pouquinho e o barquinho aproximou da cidade de Nova Xavantina. Dela, foi possível ouvir a voz vinda da Universidade do Estado do Mato Grosso, essa ecoa o sentido dos/as excluídos/as. O termo inclusão é um termo inapropriado para pensar a situação dos/as que ficam sempre às margens de nossa sociedade e de nossa cultura,

“ Meu nome é Jordanna Sebastiana Gregório e sou professora interina da Universidade do Estado de Mato Grosso. Trabalhei por três anos no Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí atendendo pessoas com necessidades educativas especiais (NEE). Foi lá que eu me apaixonei pelo mundo da educação inclusiva. Hoje me perguntaram o que penso sobre o ensino remoto emer-

gencial para os alunos com (NEE) de escolas, públicas e privadas, durante a pandemia causada pelo Covid-19. Primeiramente gostaria de ressaltar que o ensino remoto só existe pela necessidade do distanciamento social em meio a pandemia, e pessoalmente agradeço por isso, pois neste exato momento sou uma paciente suspeita de Covid-19 aguardando resultados. Ao receber esta notícia, fiquei imaginando quantas pessoas eu poderia ter contaminado, caso eu estivesse em sala de aula e fosse confirmada minha doença. Se por um lado o ensino remoto emergencial proporciona a proteção da saúde das pessoas, por outro, precisamos (professores, alunos e técnicos) nos adequarmos a essa nova realidade. Ocorre que, toda adaptação leva tempo e preparo, ou seja, tudo o que não tivemos antes que a pandemia começasse, e hoje a sensação que tenho é de que estamos trocando o pneu do carro com ele em movimento, pois o semestre letivo está em andamento e ainda há situações como: professores que não sabem como gravar um vídeo ou promover uma web conferência; escolas e universidades que não possuem um ambiente virtual de aprendizagem; alunos que não possuem aparelhos tecnológicos e nem Internet de boa qualidade; dentre outras tantas dificuldades. Especificamente, tratando da inclusão das pessoas com NEE, a palavra-chave, mas do que nunca, é ‘adaptação’. Se antes, nas aulas presenciais, a comunidade escolar e acadêmica precisava se adaptar para receber estas pessoas, agora a necessidade de adaptação é redobrada. No ensino remoto, assim como em qualquer outro, as diferentes necessidades educacionais dos alunos devem ser analisadas levando em consideração suas peculiaridades. Os alunos surdos, por exemplo, precisam de legenda ou ainda uma janela de interpretação. Mesmo com esses recursos, outros entraves precisam ser

vencidos, como o fato de que durante as gravações de aulas síncronas, uma pessoa de cada vez deve falar, facilitando a interpretação. Também é importante que o intérprete tenha acesso ao conteúdo das aulas anteriormente, uma vez que, muitas palavras não possuem sinal em Libras, e o intérprete necessita de realizar uma pesquisa para melhor interpretá-las. Há também uma questão de regionalidade dos sinais em Libras, o que também pode dificultar o acesso destes alunos. No caso de alunos cegos ou com baixa visão, é necessário que durante as aulas, os professores descrevam fotos, imagens e gráficos. Sobre os materiais disponibilizados pelos professores (as), é importante lembrarmos que nem todos os alunos com esse tipo de necessidade sabe utilizar um leitor de tela, e ainda para aqueles que já utilizam, é importante que os materiais não estejam em formato de imagem para que o software faça a leitura dos mesmos. Muitos e distintos aspectos devem ser olhados de perto, por exemplo, os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA); assim como os sites das instituições de ensino, precisam estar preparados para que os alunos tenham o acesso pleno a todas as informações necessárias, contando com áudio-descrição e tradução em libras. Como pessoa e como profissional da educação, desejo que todo esse transtorno causado pela pandemia sirva para que a sociedade reconheça verdadeiramente as desigualdades sociais criam barreiras difíceis de serem transpostas quando analisadas pelo prisma educacional. Mais do que nunca, vivenciamos que no Brasil a educação não é para todos.”

*Jordanna Sebastiana Gregório*

Do rio das Mortes em Mato Grosso adentramos a hidrografia do estado do Pará até atingir o rio Maguari na cidade de Belém, a capital da chuva. Nesse clima equatorial encontramos com a voz gentil do professor César Martins de Souza, do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, além de colega de docência é também parceiro editorial, atualmente é editor da nova Revista Amazônica e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Daí ouvimos e escutamos essa voz equatorial, essa, trata dos tempos de pandemia e das atividades de ensino na UFPA,

“ Em março de 2020, recebemos o comunicado emitido pelo Reitor da Universidade Federal do Pará anunciando a paralisação das aulas devido a pandemia da Covid-19 que se espalhava cada vez mais pelo mundo. A notícia imediatamente assustou a comunidade acadêmica, quando muitos ainda tinham esperança de que o vírus não viesse a provocar impactos por um período longo e nem limitando de modo significativo às vidas das pessoas em nosso país. Passamos então a um período em que todos ficaram atônitos por aproximadamente um mês, tentando trabalhar, reorganizar nossas agendas, planejando, mas ainda abalados com o crescente volume de doentes e de mortos noticiados cotidianamente. Trabalho no Campus de Bragança, da Universidade Federal do Pará, em uma cidade situada entre o rio Caeté e o litoral e acostumada a ver a chegada constante de pessoas para a praia de mar e também para os muitos balneários naturais, nos igarapés. De repente todos ficaram em casa, os alunos nos davam notícias sobre adoecimentos e mortes em sua famílias; muitos de nossos alunos e colegas adoeceram e o cenário que se desenhava era de buscar construir algo em meio a este novo momento. Passamos a construir então eventos e palestras e fomos nos familiarizando com as diferentes e até mesmo novas para mui-

tos de nós, ferramentas digitais para nossas aulas e palestras. Um grupo de orientandos meus, me pediu para organizarmos um evento, para aliviar a forte tensão e ansiedade que crescia, de modo que em maio, convidei parceiros de trabalhos de outras universidades do Brasil e do mundo e organizamos um Seminário Internacional sobre calamidades que contou com quase 200 participantes. Foi um marco em meus trabalhos, pois a partir daí fui construindo cada vez mais diálogos *online*, com os alunos, nas igrejas, sempre reunindo pessoas de diferentes lugares do Brasil e de outros países e conseguindo retomar com vigor a construção de artigos resultantes de pesquisas. Vimos todos juntos que era possível aproveitarmos um momento difícil para ousar. Alguns orientandos de mestrado passaram a cursar disciplinas *online* em outras universidades. Diversos alunos de graduação aproveitaram para participar de eventos em outras instituições. Eu mesmo ministrei palestras, cursos, participei de debates em vários espaços da sociedade além de outras universidades. Agora que as aulas remotas serão iniciadas na UFPA em outubro, estamos todos na expectativa sobre como será na prática, mas as experiências nas reuniões e eventos nos permitiram avançar muito mais do que se as aulas tivessem sido implementadas em maio, por exemplo. Ao mesmo tempo, a UFPA tem oferecido palestras *online*, debates e cursos ao longo dos meses de pandemia, no sentido de preparar os servidores para os novos desafios criados pela pandemia e a consequente quarentena, para que pudéssemos vir a realizar as aulas *online* e integradas por vídeo-aulas através de diferentes ferramentas digitais. Ainda serão necessários ajustes quando a prática das aulas remotas estiver em pleno andamento, mas os investimentos em formações feitos pela instituição, as flexibilizações junto aos discentes, bem como

o apoio com recursos para os que não possuíam acesso à Internet ou mesmo a equipamentos, vão diminuir os problemas e, mais do que isso: após a pandemia estaremos mais preparados para este mundo novo, marcado pela presença das ferramentas digitais na educação. Em tempos de crise somos obrigados a aprender a construir algo novo e o resultado é que temos certeza de que as atividades *online* passarão a fazer parte de nosso cotidiano, integradas às atividades presenciais, mesmo após a pandemia e estamos na expectativa para que as aulas possam ser satisfatórias, aprendendo com os erros que viermos a cometer. Receio porque, infelizmente, a Internet e/ou a energia elétrica apresentam muitas vezes oscilações, o que pode vir a prejudicar nossas atividades, mas é um desafio que vai ser enfrentado com aulas-debate, vídeo-aulas, grupos de discussão, até que finalmente possamos retornar às atividades presenciais.”

*César Martins de Souza*

Do estado do Pará, das águas do rio Maguari, o barquinho atravessa fronteiras e alcança a hidrografia do estado de Goiás, estando no sudoeste, imediatamente adentramos o curso do rio Claro, um dos principais afluentes do rio Paranaíba. O rio Claro percorre mais de 180 km do município de Jataí. Pairando nessas ondas, ouvimos e escutamos a voz de Luciana Porfírio, uma professora paulista que trabalha numa Universidade Federal, a de Jataí, nesse sentido a voz evidencia duas sonoridades,

“ A situação de emergência sanitária escancarou as desigualdades existentes, evidenciando também o importante papel das escolas para fazer girar a roda do capital. Devido ao fechamento das escolas, famílias com menos recursos e dificulda-

des econômicas tem tido ainda mais dificuldade para acompanhar o processo de ensino e aprendizagem, muitos estão preocupados com aquilo que irão fornecer aos filhos no jantar, outros, perderam suas fontes de renda. Alunos estão desmotivados e sem vontade de realizar tarefas escolares, a saúde mental e física fragilizadas pelo medo e a ansiedade gerada pelo discurso remoto sob a égide da garantia de direito, sem um planejamento democrático impactando negativamente a educação pública. As desigualdades educativas são formadas por desigualdades sociais e a maioria das famílias não tem o mesmo acesso à educação. Sem um Ministério e um Conselho Nacional de Educação assertivos e pior, que adotaram a política do *laissez-faire* – cada um faz do seu jeito, implicará no aumento do nível de desorganização dos sistemas educativos em cada localidade. A crise da Covid-19 aprofunda também o hiato que divide os estudantes com base no seu capital cultural e econômico, indicando que pais letrados tem mais condições de acompanhar seus filhos, comprar livros, dispor de vários aparelhos para garantir atividades remotas, mas esta não é a realidade das famílias brasileiras. A LDB/1996 no artigo 32 §4º afirma ser o ensino fundamental presencial e o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais, de modo que o termo ‘substituição’ de aulas presenciais por remotas é uma falsa solução. Não é possível ensinar remotamente, só complementar atividades de aprendizagem. Ensinar é algo que se realiza na presença do outro, com e para outro.”

*Luciana Porfírio*

Estando ainda nas águas da cidade de Jataí, no lago JK, o barquinho levemente balançava. Nessa calmaria e balanço, outro pequenino barquinho aproximou com serenidade, tão suave foi a presença, quase não notamos o sussurrar de uma pequenina voz, é ousada, valente, descobriu que além dos pais, a professora, tão necessária, ainda estava à sua disposição, apesar da mudança na metodologia de ensino:

“ Sou aluna do 3º ano na Escola Infantil São Judas Tadeu e tenho oito anos. Minhas aulas estão sendo feitas pelo WhatsApp. A professora envia vídeos e áudios, além da lista de tarefas dos livros e dos cadernos. Aconselho isso para qualquer estudante: se algum aluno ou aluna não entender alguma explicação, ou uma tarefa, deve pedir algum conselho para a professora presente na aula.”

*Beatriz Valente de Oliveira*

A mudança repentina deixou esta confusão tão incrível, inacreditável, na cabeça dos pequenos. Eles, acostumados em casa com o suporte dos pais, contam com estes, e às vezes só com estes, para tirar suas dúvidas, mesmo quando a professora está à disposição.

O barquinho estava às margens das águas do lago JK, logo, submetido à simples pressão do vento, fomos obrigados a virar cuidadosamente as velas, assim, nossa embarcação entrou novamente no curso das águas do rio Grande acompanhado pela serra da Mantiqueira no estado de Minas Gerais. De lá, escuta-se a voz de um garoto de 16 anos, com perspicácia e serenidade. Essa, brota de um Instituto Presbiteriano de Ensino, especificamente na cidade de Lavras,

“ Meu nome é Gabriel Consentino Botrel Chalfun, tenho 16 anos e minha experiência com as aulas *online* é meio problemática. Em geral, as aulas não estão rendendo o suficiente, e

por mais que os professores se esforcem para ministrar um bom ambiente, estou preferindo buscar o conhecimento em livros e estudar por conta própria. Com efeito, o cenário da educação a distância (EaD) proporciona vários efeitos positivos na minha perspectiva, a começar pelo fato de que eu posso estudar sem pressão o que gosto e pretendo seguir (no caso matemática, astronomia, química, física, programação, psicologia e até linguística), sem me preocupar em decorar coisas das quais sei que em suma não vou precisar. Acho que o exemplo explícito mais importante de como a ausência da constante vigilância e pressão me afetou foi quando estava estudando multiplicação de matrizes e o professor apenas passava a fórmula a ser decorada, que aparentemente não tinha embasamento lógico. Entretanto, resolvi não participar das aulas e tentar buscar a explicação da fórmula, o que me fez buscar um livro universitário que estou até agora estudando, sendo que minha dúvida foi sanada. Olhando para um cenário mais amplo, no âmbito nacional, creio que as aulas *online* terão um efeito negativo, uma vez que as externalidades (que são mais tênues na sala de aula) presentes no lar (tais como a possibilidade de fingir estar presente e assistir televisão, por exemplo) implicam em desatenção por parte do discente. Nesse sentido, o conteúdo será muito mal abordado e provavelmente não será retomado. Além disso, há as disparidades econômicas e sociais que deixam muitos jovens sem condições para estudarem, e sendo assim os alunos com condições financeiras melhores, os quais tiveram EaD, estarão melhor preparados para processos seletivos, dessa forma apresentando uma certa injustiça e excluindo as massas da vida acadêmica.”

*Gabriel Consentino Botrel Chalfun*

Das águas do sudoeste mineiro o barquinho movido pelo vento e pela pressão das ondas é impelido para as águas do sudoeste goiano e, novamente, na Universidade Federal de Jataí, uma voz feminina, a de uma aluna e presidente do centro acadêmico do curso de pedagogia, também é escutada,

“ Atualmente estamos passando por uma pandemia, o vírus se instalou e instituições foram obrigadas a fechar as portas para não proliferar o vírus... Uma destas instituições foi a escola, e vale ressaltar: uma das mais importantes. Uma alternativa aplicada para não deixar os alunos em desvantagem em relação ao ensino, foram as aulas remotas. Os conteúdos que antes eram aplicados presencialmente agora chegam via Internet com vídeos, áudios e atividades para serem feitas apenas em casa. Mas, que tipo ou estilo de aluno/a está a se referir? Devido a realidade social do país, mais da metade dos estudantes não possuem acesso a computadores e a Internet, sendo assim, estes já estavam sendo prejudicados mesmo antes da pandemia. Além de não possuírem material para realizar atividades em casa, a situação ainda piora, pois o espaço de estudo para alunos de baixa renda é inexistente. Muitos dividem o quarto com dois, três, quatro irmãos, e uma casa que já era pequena, se torna ainda menor com um número grande de pessoas. Sendo assim, como seria possível se concentrar em um ambiente que não possuiu espaço de estudo, e mais, como estudar em um ambiente em que não existe o material de estudo que é exigido no ensino remoto? Nenhuma política pública foi instalada ou se quer pensada para alunos de baixa renda, por falta de condições dos estudantes a Internet não chega nas favelas, não chega em zonas rurais e muitos menos em comunidades pobres. Sendo assim, um ensino que já era defasado ficou

ainda mais, defasado, quem tem oportunidade que estude com os materiais que lhe são garantidos, quem não tem, nem material e nem oportunidade, que se vire, pois o estado fecha as portas para aquelas que mais precisavam delas abertas.”

*Jordana Cristina Ferreira Santiago*

O vento soprou novamente e o barquinho deixou o curso do rio Claro em Goiás, nesse mesmo estado, adentrou o mundo das cachoeiras do município de Caiapônia, cidade conhecida pela beleza de tantas e tantas cachoeiras, como a de São Domingos, de Jalapa, de Samambaia, de Abóbora, de Rio Verdão, de Rio Bonito, de Santa Márcia e do Pântano. Nesse mundo de cachoeiras chegamos na Cachoeira do Sereno, e de lá, escutou-se a voz serena de uma professora,

“ A Covid-19 tem nos forçados a viver de uma forma totalmente diferente do que estávamos acostumados, mudou nossos hábitos e costumes. Essas mudanças aconteceram em todas as áreas de nossas vidas, nos fazendo pensar e repensar a nossa forma de relacionar com o outro. As mudanças causadas pelo distanciamento social também afetaram as escolas e nos fez criar novas maneiras para ensinar, de se relacionar nesse espaço que outrora era feito de muita proximidade e interação. Então foi proposto um ensino remoto, sem aquela interação tão importante e necessária para a aprendizagem do aluno. As aulas remotas foram pensadas para que o aluno não perdesse o ano letivo, para não ter prejuízos no aprendizado. No entanto, podemos perceber o quanto tudo isso tem afetado negativamente tanto os alunos como os professores. Eu, Hanna Aparecida Silva Feitosa, aluna egressa do curso de pedagogia da Universidade Federal de Jataí e ingressante

em cursos de formação continuada, posso perceber o quão está sendo difícil todo esse processo, por mais que o aluno se esforce e dedique, ainda assim é complexo, pois sempre há (a) lacunas que não são preenchidas com esse tipo de aulas, as dúvidas, os anseios, as discussões quase sempre são deixados para traz. O que percebemos é que o aprendizado que deveria ser o ponto chave do ensino não está acontecendo de fato e muitas coisas estão sendo deixadas de lado. Porém, essas aulas remotas estão acontecendo única e exclusivamente para que seja cumprido o currículo escolar do ano letivo e nada mais. As dificuldades que vemos quando estamos como alunos não divergem em nada quando passamos a olhar essa realidade de aulas remotas como professor. Na verdade, toda essa realidade problemática fica ainda mais intensa e maior. A Hanna que também é professora vê como é grande os esforços tanto dos alunos como dos professores para cumprirem o cronograma que é elaborado para ser feito durante a semana. Nós professores/as estamos nos desdobrando, aprendendo a usar as tecnologias, a gravar vídeos para conseguir fazer com que essas aulas remotas sejam um pouco menos estressantes e um pouco mais interessantes aos alunos, que esses possam ter uma melhor compreensão dos conteúdos, porque até mesmos nós professores sabemos que o aprendizado está de certo modo prejudicado, mas, no entanto, o que conta na educação brasileira são números, independentemente se o aluno que está na ponta aprendeu ou não o conteúdo. Antes das aulas remotas o que contavam eram as notas no fim do ano para passar os alunos de série, mas, no entanto, nunca se preocuparam com o aprendizado real dos mesmos. Com a pandemia foi possível perceber o quão excludente é a educação brasileira e o quão é difícil ensinar em um cenário de abandono quase que

total. Se antes os alunos tinham dificuldades em acompanhar as aulas e realizar as atividades, isso ficou ainda pior com as aulas remotas. Todas essas dificuldades de aprendizagem e assimilação de conteúdos não acabaram, aliás, diferente disso, agora saltam aos olhos. Sem contar que muitos dos alunos não têm os recursos necessários para acompanharem as aulas, e como ficam esses alunos que não tem possibilidade de acompanhar as aulas por não terem Internet em casa, ou celular, ou ter apenas um celular para mais de três crianças, ou os pais não terem conhecimento ou tempo para ensinar as lições que são passadas? Pode-se questionar que estamos em uma pandemia e em isolamento social, porém todos deveriam estar em suas casas em isolamento social, mas não é assim, muitos e muitos desses pais não pararam de trabalhar e todos os dias saem de casa para isso e não podem acompanhar os seus filhos nas lições diárias. E enquanto isso, nós professores precisamos seguir com os conteúdos e cronogramas, pois é preciso apresentar números frios para mostrar que estamos produzindo, isso mesmo, apenas produzindo uma massa de alunos que tem dúvidas, questionamentos e dificuldades.”

*Hanna Aparecida Silva Feitosa*

Deixando a cidade das cachoeiras, o barquinho foi levado mais uma vez pelo vento e parou na hidrografia do norte da cidade pioneira do Paraná, denominada Congonhinhas, nome esse derivado da planta congonhas (erva-mate). Ali nasceu César Nunes, mestre, doutor e livre docente em filosofia pela UNICAMP, exímio pesquisador, excelente professor, ilustrado em filosofia, história e pedagogia, possui décadas e décadas de teoria e prática docente, sendo um dos mais destacados palestrantes da Educação no Brasil. A voz do mestre foi ouvida e bem entendida,

“As aulas remotas no período da pandemia da Covid-19 estão exigindo uma profunda reflexão no campo da Educação. Trata-se de pensar uma apropriação didática da cultura e da tecnologia digital a serviço da aprendizagem e do diálogo educacional. Será preciso pensar pedagogicamente a apropriação digital por parte dos docentes, com uma coerente posição política e uma criativa formação didática. Trata-se da necessidade de buscar o letramento digital, que significa a formação autônoma e emancipatória para ser sujeito das tecnologias digitais. No período da pandemia, as aulas remotas tornaram-se uma solução possível, mas esta experiência deverá provocar uma criteriosa aceleração da formação docente na didática digital. Aulas remotas são mediações didáticas, o que precisamos mais é gerar um protocolo político e pedagógico que mantenha o protagonismo do professor e disponha a atuação dialógica a serviço da aprendizagem e da formação.”

*César Nunes*

Após medido a intensidade do vento, o barquinho rumou para o maior rio do mundo, o do Amazonas, o vento soprou sem cessar, considerando a extensão territorial e o volume das águas, a pressão nas velas era constante, submetido por essa força, o barquinho balançava. Nem por isso, chegamos depois do horário. Estando no estado do Amazonas, pairamos nas águas da cidade de Manaus e gentilmente fomos acolhidos na UFAM. A voz é de Maria Claudete de Lemos, pós-graduada em Língua Portuguesa pela referendada universidade,

“Acredito que as aulas mediadas por tecnologias possibilitam o sucesso educacional quando ocorrem a partir de um planejamento compartilhado como aconteceu no projeto PRO-

FORMAR criado pela Universidade do Estado do Amazonas há 18 anos passados. Este projeto possibilitou a graduação de mais de 7.000 professores concomitantemente nos 62 municípios do Amazonas, com o auxílio técnico e tecnológico de um estúdio disponibilizado para a gravação e transmissão das aulas dos professores titulares. Acredito ainda que as aulas remotas que tanto se fala hoje, se bem planejadas, com a cooperação de todos os agentes envolvidos, apresenta um grande potencial crítico-reflexivo para o desenvolvimento educacional e social, mesmo sendo a distância. No estado do Amazonas a Secretaria de Estado de Educação tem um Centro de Mídias para favorecer o ensino médio, principalmente, nas escolas estaduais sediadas nas zonas urbanas e rurais dos Municípios. Questões como as distâncias territoriais, disparidades sociais e inúmeras desigualdades educacionais devem ser levadas em consideração quando o poder público intenciona investir recursos financeiros em políticas que envolvam as tecnologias educacionais. Portanto observo que a pandemia e a necessidade do isolamento social, veio também para criar a necessidade de um planejamento maior no que se refere às aulas remotas para que estas possam, enfim serem oportunizadas e acessadas por todos a exemplo do projeto PROFORMAR.”

*Maria Claudete de Lemos*

Deixando o rio de 6.992 quilômetros no estado do Amazonas, avançamos para o estado de Goiás. O barquinho diminuiu sua velocidade, seus navegantes ouviram com atenção redobrada a voz de uma interlocutora: Cristiane Pereira de Assunção, aluna de escola pública estadual, denominada Washington Barros França, situada em uma região periférica da cidade e que atende a seis bairros

formados por comunidades em situação de vulnerabilidade. A voz que se ouve é lúcida, coerente e indignada. Nós a escutamos, já que aponta falhas tanto no sistema como no despreparo dos/as alunos/as para enfrentar o novo modelo de aulas, tanto no que concerne às condições econômicas, como à falta de autonomia, gerada por um modelo educacional no qual os alunos são eternamente dependentes da presença física do professor.

“ Em relação ao ensino escolar desse ano, que foi caracterizado por opiniões que se divergem entre alunos que apoiam o fato de que esse ano foi ‘jogado fora’, defendo com veracidade que muito dos estudantes, não conseguiriam alcançar, e nem teriam recursos suficientes a tecnologias que permitissem o aprendizado *online*. Resultado disso? Inúmeras evasões esse ano. E a outra metade, na qual estou incluída, e irei de defender com mais particularidade. Ela se baseia no fato de que existem muitas formas de aprendizagem, como livros, revistas e etc. O que sustenta minha opinião é que a maior parte dos estudantes tem independência tanto tecnológica, quanto física, são pessoas que tem capacidade suficiente para buscar o que ‘querem’. E todos já vimos alguns deles, que mesmo sem recurso tecnológico suficiente buscaram de todas as formas, meios para se, pelo menos, manterem atualizados e ativos no mundo das atividades, e viraram destaque de vários jornais e sites. Além disso, várias escolas estão em função dos alunos, distribuindo cópias de atividades para os mesmos. O que sustenta minha ideia, deveras são os ‘maus costumes’ que adquirimos durante anos de ensino, onde sentamos e esperamos os professores de ‘prato cheio’ trazerem tudo que precisamos para aprender, havendo a ‘ordem’: conteúdo, atividades, avaliação final, recuperação da avaliação final, recuperação da recuperação, e assim se vai,

até que o aluno consiga ‘obter aprendizado’, sendo nesse ano totalmente diferente, um choque para a maioria, que ainda está ‘dormindo’ em meio a toda essa turbulência. Justo nesse momento que haveria de ter mais dedicação, há pessoas desistindo, outras que não usam os meios que tem para continuar os estudos, e ainda, defendem a paralisação do ensino esse ano, no qual o julgam como ‘tempo perdido’, mas por outro lado há estudantes que realmente se dedicam e se esforçam em meio à tantas dificuldades, não deixando ser atropelados por preguiças e outras vaidades, que os levariam para uma eventual evasão.”

*Cristiane Pereira de Assunção*

O vento continua, a vela do barquinho presa, os ângulos do pano da vela apontam seu vértice para a capital do país. Sim, exatamente para Brasília, a menor unidade federativa do Brasil, o vento é o vento. Chegamos na cidade planejada e orquestrada, a arquitetura é belíssima, todos sabemos, criada por Oscar Niemeyer em 1960. Do Distrito Federal, desponta a voz de um colega de trabalho, a do doutorando em geografia na UnB e professor do SEEDF, Hugo Carvalho:

“ Considero que a pandemia causada pelo Covid-19, trouxe uma infinidade de desafios ao ensino. No que se refere à Educação Básica, três aspectos julgo que são prejudiciais quando trabalhamos com a educação mediada por tecnologias: a vulnerabilidade social, o baixo rendimento dos estudantes e a má formação dos professores para atuação. Infelizmente a maioria dos estudantes da rede pública não possuem condições mínimas para o estudo por meio das questões tecnológicas, o baixo rendimento e participação agrava ainda mais a situação,

bem como uma formação docente que não foi realizada para tal situação. Evidencio que as políticas públicas no Brasil não foram efetivas para que hoje pudéssemos atuar de maneira remota.”

*Hugo Carvalho*

De Brasília, o barco navega e deixa o lago Paranoá em direção ao rio Claro no estado de Goiás. Entrando no lago JK, na cidade de Jataí, ouve-se mais uma voz, essa ressoa da sala de uma escola da rede municipal, a voz é de Roxana Leal, professora da educação infantil,

“ Sobre as aulas remotas, como professora da educação infantil, entendo que essa modalidade de ensino é interessante para manter o vínculo da criança com a escola, porém, o processo de ensinar e aprender, sobretudo, com crianças, não ocorre de maneira satisfatória, esses ‘pequenos estudantes’ necessitam de mediação, cuidado, presença, nessa ótica, a família não apresenta condições adequadas. Se para os docentes é algo novo, imaginem para a família. As aulas *online* e atividades na plataforma são recursos interessantes sim, mas essas ferramentas não são suficientes para garantir uma educação de qualidade para as crianças, tendo em vista o isolamento social necessário para evitar a contaminação da Covid-19. Esse modelo de ensino remoto é o que pode ser oferecido, procurando evitar a propagação dessa doença terrível, o acesso a esses recursos permite aos educandos manter esse vínculo com a escola e não perder o hábito de estudar. Nesse novo cenário, mais do que antes, pais e escola devem estar unidos para proporcionar condições adequadas de aprendizado aos alunos, mas infelizmente isso não ocorre com frequência ou

pelo menos de maneira adequada e isso dificulta o trabalho dos professores e em consequência o desenvolvimento das crianças.”

*Roxana Leal*

Antes do ar em movimento passar por trás do lado côncavo da vela, os navegantes sabiam que a velocidade diminuiria, destarte, aproveitando a estabilidade da brevíssima imobilidade, ali mesmo, ouviram e escutaram uma voz das ciências agrárias, era a voz de Marcelo Marques Costa, professor do curso de Agronomia da Universidade Federal de Jataí, graduado em agronomia, mestre e doutor em Engenharia Agrícola,

“ Como a maioria dos professores, minha idade permitiu vivenciar a evolução do mundo digital e seus impactos no ensino. Não me refiro apenas à substituição do mimeógrafo pelas impressoras e as máquinas de fotocópias, nem tampouco a migração gradual do quadro negro para projetor de transparências e depois para o *datashow*, dos livros físicos para os PDFs e e-books, e das bibliotecas pelos sites de busca. Quando aluno, pensava que no futuro seria muito bom, pois poderíamos aprender qualquer coisa. Todo conhecimento seria acessível. Na época, os professores eram a principal fonte de conhecimento, até mesmo os livros eram escassos nas bibliotecas. Hoje penso que temos um excesso de fontes de conhecimento, entretanto a maioria é ruim e até mesmo perigosa. Nesse sentido, nossa situação atual não é muito diferente do passado, pois o professor ainda é a principal fonte de conhecimento, por ser a mais confiável. Não devemos falar apenas do ensino remoto, mas também da aprendizagem remota, pois a problemática nunca deixou de ser o processo de

ensino-aprendizagem. Trazendo a discussão para o curso de Agronomia, deve-se considerar que este processo de ensino-aprendizagem não diz respeito apenas à assimilação de conhecimento, mas também ao desenvolvimento de habilidades. Uma parte considerável do curso consiste em aulas prática e estágios em laboratórios e em campo, que considero o nosso principal laboratório. É nestas aulas práticas onde os alunos desenvolvem habilidades motoras, espaciais, sensoriais, sociais, entre outras habilidades, que os preparam para exercer a profissão com a segurança de quem testou antes tudo o que aprendeu. Penso que a aprendizagem não acontece de forma remota. A outra parte do curso, talvez, possamos chamar de teoria pura. Assim, penso que poderia ser ensinada remotamente em um mundo hipotético onde todos tivessem um ambiente doméstico com equipamentos e conectividade apropriados. Contudo, deixo uma ressalva, pois sabemos que o ensino remoto não é novidade, e talvez a novidade seja a substituição do ensino convencional pelo ensino remoto, devido a sua completa paralisação durante a pandemia. Nesse sentido, acredito que algum ensino é melhor que ensino nenhum e o desafio seria não alimentar o monstro da exclusão e desigualdade social com esta boa intenção. Se não estivéssemos em uma pandemia eu diria que, no caso da agronomia, o ensino remoto deveria complementar o ensino presencial, mas nunca substituí-lo. Isso porque, na minha compreensão, a aprendizagem exige auto motivação dos alunos, indiferente do mecanismo de ensino. Isso de certa forma surge em uma sala de aula presencial, induzida pelas provocações do professor e pela interação com os colegas. Não é difícil inferir que alguns alunos ótimos fazem com que toda a turma seja boa. É interessante a discussão em torno do sistema de ensino e

penso que só temos a evoluir com isso. Entretanto, me preocupa o rumo que podemos tomar no futuro pós-pandemia. Sabemos que o ensino remoto é mais barato e tem maior alcance e possivelmente tenha maior potencial de gerar bons indicadores governamentais em curto prazo. Contudo, se o ensino remoto for implementado por políticos /empresários, temo que a solução possa se transformar em um desastre.”

*Marcelo Marques Costa*

Depois de escutar a voz do professor das área das agrárias, o barco ganha impulso para escutar a voz da área de humanas, genuinamente, a da filosofia. Submetido pela força lateral das águas do novo lago que adentrava, o barquinho já abraçava o lago de Furnas, que banha a cidade de Formiga em Minas Gerais. Deixando a cidade goiana de Jataí, o barco navegou em direção à cidade mineira. Ali em Formiga, os navegantes toparam com lindos e distintos rios, o de Formiga, o de Mata Cavalo, o de Pouso Alegre, o de Lambari, o de Santana, aliás, as lagoas eram muitas, a de Fundão, a de Timboré, a de Tabuões, a de Neves, a de Campo do Pasto a de Lagoa do Josino, quase, o barco fica ali. Mas, a voz da filosofia nos fez prosseguir. A voz ressoava firme embora marcada pelas adversidades da nossa existência. Era do professor Êmerson Antônio da Silva, ecoou na madrugada e foi escutada com carinho,

“ O ano é 2020, e nele fomos contemplados com mais um capítulo da era das incertezas. Passamos por uma Revolução que engoliu uma das coisas mais preciosas, o nosso tempo. A revolução chegou feito em escala mundial, um mundo tão grande acabou respirando com o grande *lockdown* da indústria, enquanto isso a humanidade se contorcia em meio às mortes que aumentavam e aumentam a cada dia. A solução

para isso foi o toque de recolher, recolhemos! No meio pedagógico os desafios começaram a deixar os educadores em polvorosa. Num frenesi alimentar, todos/as produzíamos aulas e aulas, para tentar fazer com que as pessoas em casa se sentissem na escola. E a verticalização dos processos ensino – aprendizagem fez-se de manhã, tarde e noite em todos os dias. Nossa vida íntima e privada foi ocupada, invadida, em termos díspares que nos colocavam em tempo integral para disputar com o tempo a falta que faríamos nas salas e no pátio escolar. As dúvidas, o diálogo que tanto prezamos para mover o mundo, pois sabemos que este se alimenta de perguntas, pareceram paradoxal, as sirenes que nos colocavam a caminho da sala de aula. Nunca Emmanuel Mounier, Paulo Freire, Montessori, Piaget foram tão desafiados. O que antes era feito em lócus, agora se resume a uma máquina fria, a câmaras fechadas e ao silêncio importo. O olhar do outro se tornou digital, sem repostas, sem *feedbacks*. Colegas antes motivados, agora choram pelos cantos. A ansiedade toma conta dos cantinhos da sala de muitos mestres, que agora são chamados de *influencers*, de *youtubers*, mas o que queríamos era que aquele amor para recomeçar lá da música do Frejat não secasse em nenhum dos lados da vida e da arte da troca de conhecimentos que ocorrem no contexto da aprendizagem. Enfim, o que aconteceria daqui a dez anos na escala pedagógica, nós da geração Coca-Cola tivemos que adiantar para geração Y. Perguntamos apenas isso, quem vai recuperar 2020?”

*Emerson Antônio da Silva*

Novamente, o barquinho de Minas Gerais rumou para o estado de Goiás, um barco não segue em linha reta, fica em eterno movimento, em eterno retorno, sempre pairando, sobretudo, quando as ondas

são revoltas e ventos são contrários, os movimentos são curtos e angulares. Nesse ínterim, ouve-se outra voz filosófica, ela distingue o sentido das aulas remotas, a do professor adjunto Edson Brito do curso de pedagogia da UFJ:

“ O que vem a ser a educação remota? Essa pergunta está dando o que falar nos últimos dias. Entre as maiores polêmicas que podemos notar ao tratar deste assunto destaco as seguintes: efetividade do processo de ensino e de aprendizagem; acesso e manuseio de novas tecnologias; problemas técnicos relativos à possibilidade de acesso às plataformas de ensino entre outras problemáticas. Na tentativa de responder a primeira questão, me vem ao pensamento a necessidade de refletir sobre a diferença entre esta e a educação a distância. Educação remota e educação a distância são diferentes em si. A educação a distância para existir deve obedecer a uma série de regras e exigências que devem ser cumpridas antes de sua oferta ao público interessado, de tal forma que o ensino e aprendizagem se efetivem de fato no processo educacional ao qual ela pretende ofertar. Já a educação remota se apresenta como uma alternativa frente a uma nova realidade que passou a existir devido ao cenário de pandemia e a impossibilidade de volta ao cotidiano escolar. Sendo o ensino remoto um instrumento a ser utilizado em um momento de caráter urgente, urgentíssimo, em certo sentido, enfrentamos o problema relacionado a sua efetividade, assim como o *modus operandi* desta ferramenta. É nesse contexto que se insere a nossa crítica: educação remota não é algo com eficiência educacional comprovada, porém é a ferramenta que se apresenta neste determinado momento histórico. Nossa maior preocupação deverá saber como agir em um ambiente em que a maioria das pessoas não tem a tecnologia e nem treinamento ou capacitação necessária para ser

inserida neste novo contexto educacional. O que precisamos de fato é olhar para o outro e se perguntar se o outro está sendo incluído neste novo contexto. Diante desse podemos afirmar se esse novo processo educacional se justifica.”

*Edson de Sousa Brito*

Sim, de fato necessitamos olhar para o outro, enxergá-lo. O rosto do outro em algum sentido nos paralisa. E, faz muito tempo que isso perdeu o sentido, a alteridade é sempre interpelação ao compromisso, à responsabilidade e à construção de uma sociedade justa. O outro é o princípio da alteridade, portanto, escutar sua voz é interpelação propriamente dita. Escutar as vozes desse livro é contudo, começar de fato, a entender a realidade das instituições de ensino. São nossas vozes. De Goiás, a viagem faz conexão no estado da alegria, a bela Bahia, para escutar a voz da pesquisadora, Edmacy de Souza, professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,

“ Falar sobre Ensino Remoto se constitui em uma tarefa complexa. Primeiro porque ficamos pensando em muitos/as alunos e alunas que não dispõem de equipamentos e/ou acessibilidade aos meios digitais. Por outro lado, temos uma pandemia ainda em curso, e, que, também não há previsão para um retorno presencial de forma segura. Entendemos que é inviável um ensino remoto que não possa atender a todos e todas indistintamente. O que temos visto e percebido são dificuldades de pais, professores e alunos em lidarem com as novas tecnologias além da falta de equipamentos, uma vez que muitas famílias não dispõem de computadores ou então possuem um equipamento para dividir com dois, três membros da família que precisam acessar a Internet. Ao mesmo tempo em que muitas famílias estão tentando lutar por sua

sobrevivência. Sobreviver ao vírus, a falta de trabalho. Como pensar em um ensino *online* se não tem nem mesmo o alimento diário? Por outro lado, temos uma pandemia e não dispomos ainda de uma vacina e/ou uma medicação realmente eficaz contra este vírus. Seria imprudente retomar as atividades educativas presenciais sem uma segurança para alunos/as e para os profissionais da educação. É sabido que há muitas possibilidades de interação e construção do conhecimento nesses ambientes virtuais, e, nesse sentido, o ensino *online* seria uma possibilidade de manter o contato com os/as discentes. Se a Universidade e as Escolas da Educação Básica têm como garantir equipamentos (computadores, *tablets*, *notebook*), acesso ao meio digital (Internet boa), capacitação (para docentes e discentes) para manusear as plataformas e ambientes de aprendizagem, talvez, fosse possível a construção de um processo de ensino e aprendizagem *online*, não se esquecendo de atentar para cada caso de aluno. Aquele que perdeu um familiar acometido pela Covid-19, os que estão enfrentando crises de ansiedades, por exemplo.”

*Edmacy de Souza*

Do sudoeste da Bahia, abarcando e ancorando no sudoeste de Goiás, o barquinho volta para a cidade de Jataí. Quando os ventos sopram inversamente é preciso mudar a posição da vela, pois, oscila muito transversalmente, daí os navegantes são obrigados a planejar um novo momento, nesse caso, estando em águas conhecidas é mais simples conhecer os ventos, embora, a complexidade de enfrentá-los, é assustadora. Estando pairando em nossas águas, escutamos a voz de Sócrates Guimarães um garoto, um adolescente, um jovem estudante de ensino médio de uma escola pública:

“ Professor Silvio, aulas *online* não consigo aprender, na minha condição seria legal ter uma matéria por dia.”

*Sócrates Guimarães*

Não é fácil e nem simples, Sócrates, compreender sua questão, não é simples sanar sua angústia e de tantos/as outros/as milhões de jovens como você. São quase ‘sete milhões de jovens’ matriculados na rede pública. Por isso, a viagem chega até o sul do país, no estado do Rio Grande Do Sul. De lá escutamos a voz calma e serena do professor Clóvis Kuhn, da rede pública municipal no EMEF Caminhos do Saber. O professor da cidade de Boa Vista de Buricá conecta sua voz com as vozes de dois filósofos da pólis grega antiga:

“ O conhecimento que tenho sobre aulas remotas direciona uma reflexão, no campo da possibilidade. Não é uma questão de bom ou ruim. O entendimento de bom vai no sentido de satisfeito de contentamento, esta sensação não cabe no momento, por ruim entendo que seja algo não possível de usar, sem utilidade. Quero me reportar ao filósofo grego Aristóteles dizia ele que, ‘o ser humano é um ser social e político’, isto é, tendemos naturalmente ao outro e ao mesmo tempo estamos inseridos numa sociedade. A pandemia atual impôs limites a essa condição essencial de se relacionar com o outro, limitou a minha liberdade. Usando uma linguagem metafórica, imaginemos um rio que lapidou seu curso por milhares de anos, denominamos esse percurso de curso natural, portanto este rio pode sofrer uma intervenção, seja natural (terremoto) ou humana (uma barragem para hidrelétrica) e interrompe de forma brusca o fluxo do rio, este rio por um espaço de tempo altera seu fluxo de água e, lentamente vai buscar uma forma de contornar esse obstáculo, mas sempre

na tentativa de voltar ao seu curso natural. Dessa maneira o nosso percurso também sofreu uma intervenção, a normalidade foi interrompida, isso nos obriga a buscar formas de contornar esse obstáculo. No campo educacional, uma das formas de contornar são as aulas remotas, o mesmo acontece em outras áreas como indústria, transportes, etc. Essa busca em contornar é difícil porque não sabemos o caminho, estamos construindo esse caminho ou passagem juntos, mas sempre numa perspectiva de voltar ao normal. As aulas remotas são importantes e necessárias no momento, o emprego das tecnologias é importante nesse processo, muito mais para manter vínculos entre professor e aluno do que propriamente substituir a construção do conhecimento. Na metáfora do rio, notamos que ele não elimina o obstáculo que lhe foi imposto, no caso de uma barragem, ao contrário, agrega valor ao rio, que agora passa a gerar energia e gerar vida, da mesma forma penso que a pandemia nos remete a buscar uma saída para o problema, a pandemia nos leva a construir meios de contornar e superar obstáculos, dessa forma, as aulas remotas são uma possibilidade no momento mas não vão substituir o 'normal'. Sócrates, outro filósofo grego, afirmava que o diálogo é o princípio do conhecimento, o diálogo compreende dimensões que vão além do que uma máquina pode proporcionar, por mais sofisticada que possa ser, um trator por mais tecnologia que possa embargar, nunca substituirá a enxada, pois têm funções que só podem ser desenvolvidas pela enxada, um não substitui o outro. As aulas remotas são pouco eficientes para um número significativo de estudantes ou até mesmo professores que não tem acesso às tecnologias. As aulas remotas são como um diálogo com um grande amigo via WhatsApp, é ótimo trocar uma ideia, recordar bons mo-

mentos, mas, sempre numa perspectiva de reencontrar para sentir (sentimento). Por isso, as aulas remotas frustram o professor e o aluno, frustram no sentido de não cumprir o que desejamos, mas não decepcionam por que sabemos que em breve voltaremos ao curso natural ou normal, mas não como o mesmo rio e sim com valor agregado.”

*Clóvis Kubn*

A voz da pólis grega Atenas ecoa e faz ouvir da pólis contemporânea de Boa Vista de Buricá. Essa é uma voz clássica, sua tonalidade pode ser ouvida novamente na cidade de Formiga no Estado de Minas Gerais, o barquinho já esteve cá. Caramba, é preciso de uma ‘boa vista’ de fato, para enxergar os pequeninos peixinhos mineiros. Esses, de fato, nadam às escondidas, somente os rios mineiros conhecem essa fonte. De lá, o secretário municipal da educação e esportes, professor da UNIFOR e do Colégio Losango, Jaderson Teixeira, fala com uma tonalidade serena os desafios do ensino não presencial na rede pública municipal.

“ Desde o dia 18 de março as aulas presenciais na rede pública municipal foram suspensas. Devido às medidas de enfrentamento ao avanço da pandemia de Covid-19 em nosso estado e município. De imediato os alunos e profissionais passaram a gozar de recessos escolares seguindo orientações da Secretaria de Estado de Educação. Diante desta situação o ensino não presencial ou remoto surgiu como uma estratégia. Porém, essa estratégia por mais importante que seja no atual contexto, não substitui a relação professor-aluno, tão necessária para assegurar o processo de ensino-aprendizagem. Devido às limitações do processo não presencial, considerando fatores como a questão dos recursos tecnológicos que não atende a uma

totalidade de estudantes e a interação entre alunos e alunos, alunos e profissionais, famílias e unidade escolar, o processo é repensando a todo o momento, uma reinvenção continua das práticas pedagógicas. Contudo, o ensino não presencial pode sim contribuir e muito com os nossos estudantes, suas famílias e nossos profissionais. Ele diminui as desigualdades entre a rede pública e a privada, amplia as possibilidades de experiências de aprendizagem através de atividades impressas, vídeos, áudios, entre outros; e a diversidade de suportes e métodos cria uma nova rotina educacional para crianças e adolescentes. Portanto, o ensino não presencial busca garantir uma estabilidade na vida escolar dos nossos alunos da rede pública municipal, tendo como importante aliado a família, fortalecendo os laços entre crianças e familiares. Sem a família esse sistema novo de ensino não seria possível.”

*Jaderson Teixeira*

Viajando de Minas Gerais, direto para Goiás, além de outros, esses dois estados também não têm saída para o litoral. Entretanto, tem coisas aqui que nenhum oceano provou. O nosso barquinho neste sentido navega e navega, escorrega dos rios até as cachoeiras, brinca nos lagos e aquece no inverno nas águas termais. Como dizem os mineiros, não temos praia e daí? E são dessas paragens que escutamos mais uma voz de um aluno do ensino médio:

“Olá, meu nome é Lucas e eu estudo no Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás (CEPMG). As aulas remotas possuem uma grande falha na parte dos estudantes e também dos professores, onde alunos não se importam com as aulas e os professores não tem a noção do que os alunos estão

aprendendo e vão passando matéria atrás de matéria sem nenhum *feedback* dos alunos. Mas mesmo sendo um sistema tão falho, é o nosso único modo de estudar nesse período.”

*Lucas Emerenciano*

Estando a conexão do barco aportada ainda em águas termais, ali bem pertinho, aproximamos da Universidade Federal de Jataí. O barquinho diminuiu a velocidade até novamente ser colhido pela brisa. Antes de partir, é escutada a voz do pesquisador, professor e diretor executivo do parque tecnológico, Danival Vieira de Freitas,

“ Não podemos deixar de destacar que a crise do ‘coronavírus’ evidenciou a fragilidade do ecossistema de aprendizagem do país e o quanto somos resistentes às mudanças. Mesmo que elas sejam uma necessidade natural. Segundo Heráclito, ‘nada existe de permanente a não ser a mudança’. Assim, precisamos aprender a aprender e jamais ‘desaprender o que estamos vivenciando nos últimos meses’ como mencionado por Robert Franek ao opinar sobre o atual momento de pandemia. Nesse caso não me refiro somente às tecnologias, mas, sobretudo à nossa capacidade de modelar soluções. Mesmo depois de ser considerado seguro voltar à escola, à Universidade, não será um retorno ao que era considerado normal. Que tenhamos sabedoria e senso colaborativo para criarmos empatia e soluções para os problemas enfrentados pelos partícipes desse ecossistema dinâmico e tão sensível aos fatores externos.”

*Danival Vieira de Freitas*

Quem escuta uma voz, escuta duas, escuta três, então, novamente antes da partida da cidade de Jataí, outras duas vozes fazem eco, a de uma aluna e a de uma professora e coordenadora pedagógica. A

primeira voz, de uma aluna do terceiro ano do ensino médio, da Escola Pública José Feliciano Ferreira da cidade de Jataí, Goiás, Pétria Pamplona Oliveira,

“ Antes mesmo de iniciarem as aulas não presenciais, já existiam aulas *online* de diversos cursos que são disponibilizados na Internet e quando feito com dedicação e compromisso são gerados resultados bons. Penso que, para as aulas agora, tanto nas escolas como em universidades, podem funcionar da mesma maneira com o acesso da Internet para a prática das aulas. Porém, tendo seus pontos negativos como a dependência da Internet, (infelizmente não são todas as pessoas que têm acesso). A relação do professor e aluno é afetada, o processo de aprendizado pode levar um tempo maior e, o que é pior, a falta de disciplina dos alunos pode acabar gerando uma desistência. Por outro lado, destaco os pontos positivos como não necessitar de um horário específico para o aluno seguir e ele mesmo escolher o melhor para si, facilita o acesso dos cursos de graduação e pós-graduação, a democratização do acesso ao ensino, os alunos de escolas públicas não ficam para trás, pois de início somente escolas particulares aderiram ao EaD. Sem dúvida, são totalmente diferentes as aulas presenciais das do modo EaD, mas, se criada uma rotina de estudo e segui-la, mesmo que seja difícil com certeza surgirão bons resultados.”

*Pétria Pamplona Oliveira*

A segunda voz é de Valéria Grecov Garcia, coordenadora pedagógica na rede privada e na rede estadual da cidade de Jataí:

“ O ensino remoto nas esferas pública e privada serviu para reafirmarmos aquilo que há tanto já se falava sobre a desigualdade nas oportunidades de acesso ao saber. Outra questão que se destaca com este Regime Especial de Aulas não Presenciais é sobre os privilégios e oportunidades que uma realidade com poder aquisitivo um pouco melhor ou mais estabelecido, tem sobre a outra. Existem dificuldades para as famílias e alunos, professores e escolas de ambos os lados, mas, as escolas privadas já estão mais articuladas com suas plataformas e, minimamente, seu público consegue acessar as aulas, têm Internet, equipamentos para assistir as aulas ao vivo. Já na escola pública, muitos alunos não têm Internet em casa, nem equipamentos e os mais velhos ainda precisam trabalhar e acessar as aulas quando é possível. Como profissional do ensino, atuo nas duas realidades e posso afirmar que nas duas há uma lacuna na aprendizagem que irá repercutir: na falta do professor e do aluno no lugar que é deles, a escola.”

*Valéria Greco Garcia*

Evidentemente, a professora e coordenadora revela uma questão fundamental, a presença humana, o contato amoroso das relações. Futuramente, a ideia da robótica será uma questão a ser debatida e vivida. Mas, agora temos que partir para Minas Gerais. A mestre e neuropsicopedagoga, Simone de Oliveira, pela Universidad del Salvador, reconhece objetivamente, as aulas remotas são como uma estrada sem volta e, nesse meio existem famílias, trabalhadores, ‘gente’, rosto humano!

“ O ensino na modalidade a distância tem apresentado notoriedade na atualidade, sendo agora um caminho sem volta, pois as inovações tecnológicas cada vez mais estarão presentes

nas metodologias educacionais. Apresenta aspectos positivos com inúmeras variáveis favoráveis, tais como otimização do tempo, por meio do qual podemos organizar nossa rotina de estudos com certa flexibilidade, facilitando principalmente para os trabalhadores que antes não tinham como deixar o trabalho para dedicar-se aos estudos. Percebe-se que as instituições cobram um valor mais acessível para os estudantes e que podem também evitar gastos com deslocamentos, lanche, etc. O ensino *online* propicia também a oportunidade de uma pessoa que mora no norte do país, por exemplo, fazer um curso de excelência na região sudeste ou em outro local que presencialmente seria impossível. Outro aspecto a ser considerado é o público. No ensino médio, curso superior e pós-graduação, o aluno apresenta mais autonomia para acompanhar as aulas virtuais e realmente ter resultados positivos na busca pelo aprendizado. Desde que, no entanto, o estudante tenha disciplina, engajamento, organização e foco. Quanto ao ensino fundamental e especialmente com as crianças, o ensino remoto fica bem mais complicado porque elas dependem essencialmente dos pais, que em sua maioria estão trabalhando e não possuem pessoas qualificadas para a assistência necessária. É importante enfatizar que alguns fatores negativos perpassam pelo aprendizado virtual num país como o nosso em que grande parte das famílias não têm acesso à Internet e a computadores disponíveis. Basta um simples olhar pelas escolas públicas das nossas periferias e este será certamente um grande empecilho. A preparação dos professores para o mundo virtual ainda é uma busca individual. Os discentes, em sua maioria, não recebem formação na própria instituição que trabalham, levando-os a uma sobrecarga de trabalho ainda maior. O ensino a distância é um caminho a

ser trilhado inevitavelmente, mas penso que serão necessárias muitas ações na busca de soluções para os problemas que se apresentam no contexto brasileiro. É fundamental ouvir os docentes e discentes que se encontram envolvidos no cenário educacional. Só assim poderemos encontrar novas formas de se vencer os desafios que se apresentam.”

*Simone de Oliveira*

Dos rios mineiros para os rios goianos. Direto para o rio Paraná. A força do vento é constante, não sabemos de onde vem ou, para onde vai, ninguém revelou onde ela mora, dizem que libera força de dentro das cavernas, mas, nada sabemos de fato, em tese tudo parece ser tão verdadeiro. De carona com a força do vento, segurando e prendendo os cabos e as cordas, de olho na bússola, com o livro nas mãos, aproximamos da proa, estamos saindo da cidade de Formiga em Minas Gerais, vamos direto para a cidade de Terra Boa, cidade do Estado do Paraná. De lá, uma voz é transcrita, a do professor Vicente Behur Miranda Lima, formado em filosofia, mestre em ética pela PUC/SP, atualmente leciona, tanto na rede estadual, como na privada.

“ É uma pergunta complexa. Aulas remotas? Silvinho olha essa questão, ‘depende muito’. Cara, eu falei isso aqui com os professores, numa reunião via Google Meet, em âmbito nacional. Estou efetivado tanto na rede de ensino público como na esfera privada, ou seja, duas realidades: ensino médio de cabeça, e, também na faculdade (também com o remoto, óbvio!), no caso da faculdade, é particular. E aí, Silvinho, as realidades são muito distintas, vou dar a experiência. No semestre passado foi algo bem, ‘ensino remoto emergencial mesmo’, as aulas forma preparadas aqui do meu quarto da

minha casa, fiz um arranjo, um home office, olha cara, foi bem matado, bem ruim, e o *feedback* também não era legal, ainda assim os/as alunos, participavam das aulas. Com o passar dos dias estamos indo na Faculdade, também em Campo Mourão, (43 km de Terra Boa). Eu vou lá, leciono da sala de aula com equipamento, isso faço sozinho, e, os alunos em casa. Então, nesse sentido, tem outro efeito inclusive, a partição é diferente. Por exemplo, numa turma de 40 e 50 alunos/as, ficam conectados comigo pelo menos 40 a 35 estudantes. Essa é uma notificação positiva. Agora no estado para a molecada (aqui carinhosamente), está difícil. De fato, ‘àqueles/as estudantes dedicados/as’, conseguem, em relação aos outros/as estudantes, em sentido amplo, eles ficam pelo caminho, e, essa é uma questão. E, só que, assim, cansa demais cara! E, a questão de avaliação, essa é a mais problemática né, acho que era isso que você queria chegar. Eu percebo ‘não funciona.’ Eu tenho feito outros tipos de avaliações. Os mecanismos que temos são ineficazes, é fácil de fraudar. A cola ou cópia, é uma situação delicada. É cola para todos os lados, é ‘googlada’ para cima e para baixo, mas, eu tenho obtido algum resultado. Cara, depois vou te enviar alguns trabalhinhos que realizamos no ensino médio. Por isso, optei por outras formas avaliativas, e diferenciei justamente para não ter essa questão de Ctrl-C e Ctrl-V. Cara, tive um *feedback* bem positivo, tá. Mas é complicado, ‘o ano está perdido.’ E aí Silvinho, eu fico pensando assim, também se não tivesse isso, nós estaríamos fazendo o quê? Olhando para o teto o tempo todo? Acho que é uma faca de dois gumes viu, e, eu sou bem crítico nesse sentido, aí esse governo não ajuda! O governo deveria ter tomado outra postura, o

governo Bolsonaro não condiz com a situação. Às vezes me faz até mal, mas, me desculpa aí o áudio longo. Um abraço para você meu irmão.”

*Vicente Behur Miranda Lima*

Ainda nas águas do rio Paraná, depois do rio Amazonas, é o maior da América Latina, sua extensão é de 4.880 quilômetros, o barquinho paira nas águas para escutar mais uma voz, a do professor, doutor e enfermeiro, Bruno Bordin Pelazza, ele trabalha na Universidade Estadual do Centro Oeste:

“ O ano de 2020 está sendo marcado por novos desafios impostos pelo novo coronavírus, e a necessidade de distanciamento social, como medida de se conter o avanço da doença. Em uma era de vasto conhecimento científico e inovação técnica, nos vimos obrigados a nos recolher em nossas casas. Acostumados a uma rotina ininterrupta de atividades externas, foi-nos imposto algo diferente e peculiar, os meios de comunicação a distância (videoconferências, aplicativos de mensagens), antes vistos como plataformas complementares de trabalho, se transformaram em ferramentas primárias. Nossa casa, antes tida como local de descanso e refúgio dos compromissos diários, se transformou em palco comum para todas as atividades, salas de aula, de reuniões de professores, sem deixar de ser também o espaço de reencontro com nossos familiares e amigos, na maior parte das vezes com o uso da mesma tecnologia para nos aproximar daqueles que estão fisicamente distantes. Assim, nos vimos instigados a nos reinventar a aprender sobre as plataformas disponíveis, mas especialmente, como não perder a essência do contato humano. Obstáculo especialmente relevante para os docentes e

discentes do curso de enfermagem, cuja essência é a troca e o cuidado com o outro. Sigo confiante de que conseguiremos superar essas adversidades e sairemos mais fortes deste novo ‘normal’.”

*Bruno Bordin Pelazza*

Das águas do rio Paraná para as águas do lago Diacuí na cidade de Jataí em Goiás. Novamente, o barquinho a vela paira no lago do parque ecológico da cidade, espaço da cidade onde a natureza aflora, lugar ideal para passar um fim de tarde. Agora, com a pandemia, não é bem assim. Mas, a meta aqui é outra. E, logo ali, está a UFJ da Riachuelo, e de lá, outra voz insiste em clamar, aponta as desigualdades que foram agravadas, já sendo tão enormes mesmo antes de tudo:

“ Meu nome é João Batista Pereira Cabral, filho de Manoel Orlando Cabral, um negro de honra, operário da construção civil e analfabeto, pois em vida nunca teve a oportunidade de estudar, e de Alides Pereira Cabral, uma mulher parda e honrada, ex-faxineira, semi-alfabetizada e hoje aposentada. Nasci no estado mais preconceituoso do Brasil que é o Rio Grande do Sul e sempre tive que conviver com o descaso dos governantes com a população mais carente. Graças aos meus pais que sempre acreditaram na educação, me formei em Geografia, fiz doutorado e atualmente sou professor do curso de Geografia da Universidade Federal de Jataí – Goiás – Brasil. Esta é minha visão e respostas simples em relação à Covid-19. Desde março de 2020, a pandemia (uma simples ‘gripezinha’) mudou a rotina da população brasileira. O vírus, este ser que não possui cor, raça ou religião, dizimou milhares de vidas proporcionando uma reorganização entre as classes

sociais, entre bairros, entre cidades, entre estados, além de ter proporcionado a desincubação do preconceito social e racial. A reorganização entre as classes sociais pela pandemia tem demonstrado, para a população mais pobre e carente, que esta sempre será escravizada pela classe empresarial e governante. A população carente, além de perder seu ente querido para pandemia, tem que trabalhar para manter a economia girando e aquecida, pois é mais importante manter um CNPJ do que uma vida. A distinção entre bairros é outro fator muito importante para análise da influência da pandemia. Nos bairros mais pobres foram verificados os maiores percentuais de pessoas infectadas. Estas pessoas foram infectadas por que necessitavam deslocar para o seu trabalho em meios de transporte superlotados, tiveram que trabalhar sem equipamentos de proteção ou ainda por que receberam equipamentos deficitários de seus empregadores que só visavam o enriquecimento. A reorganização das cidades e estados não deve ser avaliada por intermédio do número de pessoas infectadas ou pelo número de óbitos. A reorganização deve ser vista pelo valor de recursos recebido para compra de equipamentos, medicamentos e construção de hospitais de campanha ou adaptação de hospitais municipais para o atendimento das pessoas infectadas. Infelizmente, vivemos em um país onde a aplicação dos recursos públicos não é publicizada, para toda a população. Então, a melhor maneira de se verificar a reorganização das cidades e estados será daqui a alguns anos, quando gestores serão processados por terem desviado os recursos públicos para o seu enriquecimento ilícito. Temos que acreditar que um dia a lei será válida e igual para todos. E o que falar sobre distanciamento social e *lockdown*? Para as classes mais carentes impossível de se realizar, pois todos têm

que trabalhar para sustentar os seus entes queridos, além de pagar água, luz e telefone. Se não pagar as suas contas não terá perdão das suas dívidas, os serviços essenciais serão suspensos e seu nome negativado no serviço de proteção ao crédito. E a classe (estado, clero e a falsa nobreza) que possui o poder financeiro e político na mão, como foi a pandemia pra eles? Puderam fazer festa e participar de aglomerações. Em termos financeiros foi ótimo, superfaturaram os valores dos itens de alimentação, medicamentos e outros. Politicamente se fortaleceram pois mentiram para a população que melhoraram o sistema de saúde, apesar de o terem somente sucateado ainda mais a partir de equipamentos superfaturados e impróprios para o tratamento da pandemia; tudo era só uma ‘gripezinha’, mas muitos não escaparam dela e morreram. O vírus possui religião? Infelizmente não. E as promessas de cura feita pelos líderes religiosos? Tudo falcatrua, ninguém ficou curado por intermédio de pastores ou outro tipo de líder religioso. Isto demonstra que faltou fé e que os mesmos só querem receber os dízimos. Jesus disse: Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. Só existe um caminho para conversarmos com Deus, acredito que todos aqueles que creem nele sabem. Mas afinal, qual o legado que a pandemia deixa para a sociedade? O homem não é Deus e pode ser dizimado por um vírus ou uma ‘gripezinha’, mesmo sendo rico e escravizando os mais pobres. Também não adianta acreditar em gestores políticos, pois muitos só querem se apropriar dos recursos públicos de forma ilícita ou deixar o seu nome na história. Para que uma simples ‘gripezinha’ chamada Covid-19, ou causada por outros vírus, não ocorra, existe a necessidade de informar de maneira adequada a população sobre os seus males. *Fakenews*

não cura ninguém, já investir na educação e pesquisa pode nos proporcionar mais um tempo de vida, pois sem investimento na educação e pesquisa não existe vacina ou cura.”

*João Batista Pereira Cabral*

Ainda em Jataí, velas arriadas, barquinho ancorado, ouvimos atenciosamente a voz da professora da educação infantil. Ela ressalta as impossibilidades e o prejuízo para nossos amados pequenos:

“ Eu, Ana Paula Ferreira Trindade, graduada em pedagogia, com especialização em Educação Infantil e mestrado em Educação, todos pela Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí, compartilho com você, leitor, um pouco de minha experiência profissional. Sou professora de educação infantil da rede municipal de Jataí, Goiás, e assumi uma sala de aula no ano de 2014, como professora efetiva da rede. Este ano de 2020 estou com duas turmas da educação infantil composta por crianças de 5 e 6 anos de idade que somam um total de 50. Trabalhar com crianças desta faixa etária é um desafio diário, pois estão descobrindo o mundo e qualquer desliz de nossa parte pode destruir os sonhos da criança de vez. Este ano de 2020 está sendo um ano atípico, pois o cenário atual requer cuidado e em meio a uma pandemia se torna pior ainda. Confesso que minha frustração foi grande, nesse período de pandemia, pois jamais imaginei em toda minha existência passar por um momento como este. Um momento trágico de muitas perdas, muitos erros e muitos fracassos e também muito aprendizado. As crianças percebem que o mundo está passando a sua volta, pois de uma hora para outra, se viram fechadas em casa sem poder ir para a escola estudar, brincar com seus coleguinhas, passando a ficar fechadas dentro de

casa apenas com sua família. Lançar-me por esse caminho de aulas remotas significa assumir o desafio de compreender os impactos de como e de que forma essa educação vai chegar até as crianças. Isso é, de fato, um desafio, porque compreender tais determinações demanda trabalho, leitura e pesquisa, para que haja efetiva contribuição científica sobre um tema caro, como a educação a distância. Meses se passaram desde que entramos em estado de quarentena, de repente, as aulas que eram presenciais passaram a ser *online*, ou seja, eram aulas presenciais e passaram a ser remotas. Fazer com que a criança prenda sua atenção nas atividades rotineiras tendo o professor ali presente e as demais crianças para servir de incentivo é uma coisa, agora trabalhar com essas crianças por meio de grupos de WhatsApp, sabendo que nem todas as famílias tem recursos para acessar a Internet se torna bem complicado e desafiador. As famílias, na sua maioria, trabalham fora e, às vezes, o único horário que têm para fazer as atividades com seus filhos é no período noturno, e isso, acaba comprometendo o ensino. Diante deste contexto surge uma dúvida: será que o aprendizado está acontecendo realmente, de fato? No que diz respeito a verdadeira função docente, me sinto totalmente frustrada, com aquela sensação de que estamos apenas tapando um buraco. Planejar uma aula e trabalhar diretamente com as crianças é outra história, o professor prepara-se estudando os conteúdos, desenvolvendo estratégias de ensino e buscando metodologias eficazes para a aprendizagem, para trabalhar ali, corpo a corpo com as crianças. Elas podem contar com a figura do professor e das demais crianças que servem de incentivo umas para as outras. Que nós profissionais de educação infantil saibamos diferenciar o espaço de aprendizagem em que o objetivo é uma formação

crítica, dos espaços em que a principal função é cumprir com normas técnicas. Que possamos sempre resistir e nunca se adaptar.”

*Ana Paula Ferreira Trindade*

Já era tarde e ventos fortes perturbaram os navegantes. Seria o rumor de uma daquelas tempestade de início de primavera? Ainda era final do inverno! E inverno no centro-oeste pouquíssimo, quase nada, tem de inverno. A tormenta era outra. Ouviu-se atenciosamente, foi o relato de uma voz que sofreu as amarguras mais intensas deste momento, o diário de uma acompanhante de paciente de Covid-19, nossa querida amiga e colega de trabalho, Ana Carolina Gondim Inocência. Seguramos firme.

“Essa história podia ser um ‘Era uma vez’, um conto de fadas de tantos acontecimentos e fatos que muitas vezes acreditamos que sejam impossíveis de acontecer em tão pouco tempo. Porém, infelizmente, trata-se de uma história real que aconteceu no final do mês de julho e no mês de agosto de 2020. Na terça-feira, dia 28 de julho, recebi a ligação do meu pai dizendo que era melhor adiar minha viagem para Piranhas-GO, que aconteceria no dia 29, pois ele acabara de saber que havia andado de carro com uma pessoa suspeita de Covid-19 e, infelizmente, andou sem máscara por ter uma confiança infinita neste amigo. Mesmo com esta informação, decidi junto com o meu marido que deveria realizar a viagem, pois era uma situação que poderia se agravar e meus pais precisavam de mim. Viajei para Piranhas no dia 29 de julho e encontrei meu pai com uma gripe fraca, mas não acreditávamos que ele estava contaminado, achávamos que era apenas uma gripe e continuamos convivendo (minha mãe, meu pai e eu) no

mesmo ambiente, sem nos preocuparmos com o contágio. Porém, o estado gripal se intensificou do dia 30 para o dia 31, e levei-o para o hospital. Ao passar pelo médico, tivemos o diagnóstico que seu pulmão já tinha sido atacado e, possivelmente, seria um alerta para Covid-19. Sendo assim, no dia 31, acompanhamos de perto os sintomas. Foi um longo dia de medições e a oxigenação começou a cair muito rápido, chegando a 90 às 20h. Sendo assim, devido seu quadro de diabetes e pressão alta, decidimos levá-lo para Goiânia. Meu irmão ainda estava em Santana do Araguaia – PA, e eu era a única motorista em casa. À distância, meu irmão conseguiu um hospital com vaga e às 21h já estava com meu pai no carro a caminho de Goiânia, pois o quadro poderia se agravar e podíamos precisar de um local com UTI. A viagem foi longa! Ouvia a respiração difícil do meu pai com máscara e meu coração doía a cada suspiro que escutava. Eu perguntava: – Pai, você está conseguindo respirar? Ele respondia: – Sim, fique tranquila Carol, eu estou respirando bem. Mas eu via que não estava. Foi assim, uma viagem que durou 5h. Ao chegarmos em Goiânia, meu pai foi para a Semi-UTI e ligou para mim alegre, dizendo: – Fique calma Carol, a minha saturação subiu para 96, eu já estou bem. Dormi na recepção do hospital, pois não podia nem imaginar ficar longe e deixar meu pai sozinho. No dia 01 de agosto, sábado pela manhã, encontrei com o médico que cuidou do meu pai às 9h. Ele estava muito otimista, dizendo que meu pai se recuperaria logo, pois a doença estava bem no início e que ele já podia descer para o quarto do hospital. Sendo assim, o enfermeiro chefe me chamou para conversar e disse: – Ana, seu pai é idoso e deficiente visual, desta forma precisa de um acompanhante no quarto. Você sabe de todos os riscos? Eu falei que sabia

me proteger e que ficaria com meu pai. Mas confesso que tive muito medo quando o enfermeiro falou comigo, tive medo de não dar conta, de não conseguir cuidar direito. A ideia inicial é que meu irmão seria o acompanhante. Porém, ao refletir, achei melhor ficar, pois minhas vitaminas estavam em dia e as do meu irmão não estavam. Assim, o medo teve que ser enfrentado e vencido em poucos minutos. Meu pai veio para o quarto e eu já havia me instalado. Logo o almoço do meu pai chegou. Ele comeu e permaneceu calado pelos próximos dias que permanecemos no quarto. Meu irmão chegou de Santana do Araguaia e foi para Piranhas, fazer companhia para a minha mãe que havia ficado em casa e já estava doente, mas não admitia a doença por medo de preocupar meu irmão e eu. De 1º a 5 de agosto, os dias no hospital consistiram de cuidados com meu pai, limpeza do quarto e almoço, que eu já nem sentia mais o gosto, pois via o sofrimento do meu pai dia a dia, que permaneceu calado e pensativo. Em alguns momentos de melhora, pedia para que eu colocasse a Praça é Nossa no Youtube, para ele escutar, sendo esta a única distração que ele tinha em alguns períodos do dia. A febre acontecia todos os dias e o mal-estar que ele sentia era imenso. No dia 03 de agosto o meu pai teve uma diarreia fortíssima e eu não sabia o que fazer. Foi um choque quando falaram que era melhor meu pai usar fralda. Eu pensei: ‘Como assim, meu pai vai ter que usar fralda?’ Mas ele, muito paciente, usou e nunca reclamou. A comida ele já não comia mais. Dizia que estava muito ruim e eu não entendia, falava que ele tinha que comer, para ficar forte. Porém, ele já estava sem paladar e sem olfato; eu não entendia. O dia 05 foi marcante e aterrorizante, eu diria, pois meu pai começou a tossir. A tosse não era muito intensa, mas era constante. Ao anoitecer,

a tosse se intensificou muito e ele não dormiu um segundo sequer. Falei para ele sentar-se no sofá, que era minha cama, pois sentado tossia menos. Mas ele não queria me contaminar e disse que estava bem, não iria se sentar. Até que tive uma ideia, mentirinha do bem, falei que havia conseguido um colchonete e que ele podia usar o meu sofá tranquilamente. Ele aceitou e ficou no sofá pelo resto da noite. Eu joguei um cobertor na frente do banheiro, me sentei e continuei minha principal atividade: a oração pela cura do meu pai. No dia seguinte a tosse foi horrível, o dia todo sem parar. Às 16h meu pai, sentado no sofá, olhou para mim e disse: – Filha, hoje é o meu pior dia, eu não aguento. Ele estava tão abatido, tão fraquinho, tremia o tempo todo, não conseguia comer, não conseguia segurar um copo de água. Chamei o enfermeiro que veio correndo e, ao medir a oxigenação, verificou que estava muito baixa. Com isso, levou meu pai para a UTI e o colocou no oxigênio. Eu saí do quarto correndo, caí na escada, cheguei no andar da UTI e comecei a procurar o meu pai.

Porém, nunca mais o vi!

Não me deixaram entrar em nenhuma UTI, disseram que agora cuidariam dele. Passados uns 20 minutos, pediram para que eu fosse até a UTI, conversar com o médico plantonista. O médico disse que eu deveria levar o meu pai para um hospital público, no meu carro, pois as vagas de UTI seriam ocupadas mais tarde, os pacientes já estavam chegando. Entrei em desespero! Como eu colocaria meu pai no carro e levaria para outro hospital, sendo que ele estava sem respiração? Falei que era impossível. Eles falaram que não era e, pegaram meu celular para inserir o endereço do hospital. Liguei para o meu irmão, que também entrou em desespero e ligou no hospital ameaçando enviar a polícia se retirassem meu pai dos apare-

lhos. Só então eles recuaram. Me sentei do lado de fora do hospital, para aguardar a chegada do meu irmão. Fiquei das 18h às 21h sentada na frente do hospital, aos prantos, sem saber que já estava contaminada. Sem saber o que seria do meu pai. Sem rumo, esperando meu irmão chegar. E, o impressionante, quando meu irmão chegou, não o reconheci e continuei chorando. Só me restavam as lágrimas, o desespero e a oração. Nem um abraço eu poderia dar nele, o consolo de um para o outro era apenas à distância. Eu já nem rezava mais o terço contemplando, não tinha forças. Apenas, segurava o terço na mão e passava as contas entoando Ave-Maria para continuar a caminhada. Ao explicar os acontecimentos, levei meu irmão para a porta da UTI, para ver se conseguiríamos alguma notícia. Foi neste momento que ouvi, à distância, a voz do meu pai, falou para o enfermeiro que já podia levá-lo para o quarto, pois já estava bom e eu poderia cuidar dele novamente.

Foi a última vez que ouvi a voz do meu pai.

No dia 07 de agosto de 2020, ao chegarmos no hospital, a notícia era que meu pai havia sido entubado, estava em estado grave. O médico teve que aumentar cada dia mais a dosagem do antibiótico e, mesmo assim, a febre nunca cedeu.

Infelizmente, meu pai faleceu no dia 11 de agosto de 2020.

Neste período de internação, aconteceu o dia dos pais. Lembro que meu irmão e eu almoçamos em um restaurante, vendo as famílias com seus pais. Meu único pedido era que meu pai voltasse para casa conosco, o quanto antes. Foram dias de desespero e angústia que passamos. Meu irmão e eu em Goiânia e minha mãe sofrendo a doença, escondendo os sintomas, em Piranhas, com meu irmão mais novo. Meu irmão cuidou de mim com a medicação necessária

para o tratamento da Covid-19, todo dia no horário dos remédios era ele que me passava cada comprimido e verificava o horário. Cuidados sempre à distância para que ele não se contaminasse. Quando soube do falecimento do meu pai, falei para o meu irmão: – Vamos lá no hotel, pegar uma roupa bonita para colocar no meu pai. Foi quando fiquei sabendo que pacientes de Covid-19 são enterrados sem roupa. O sepultamento aconteceu no dia 12 de agosto de 2020, com duas pessoas na porta do cemitério, um amigo do meu pai e meu irmão mais novo. Meu irmão do meio estava voltando de Goiânia, e eu, a caminho de Jataí, com medo de contaminar minha mãe. Porém, mal sabíamos que minha mãe estava tomando soro em Piranhas, pois contraiu a doença e estava muito doente em casa. Minha mãe escondeu os sintomas, pois não queria preocupar meu irmão e eu que estávamos em Goiânia com o meu pai na UTI. Realizei o teste de Covid-19 no dia 07 de agosto e deu positivo. Passei pelos mesmos sintomas do meu pai: falta de paladar, falta de olfato, perda de apetite. Senti muita fraqueza e senti na pele o que meu pai estava passando. Não adianta falar para comer, pois a comida fica horrível. Meu marido auxiliou muito, com paciência, disposição e carinho, fazendo sucos que foram minha alimentação durante 12 dias. Comida sólida era impossível de ser consumida. O isolamento em Jataí causou-me uma tensão muito grande que culminou em uma forte dor de cabeça e levou para o hospital. Desta forma, mesmo após o segundo exame, que ainda estava positivo, depois de 14 dias, decidi viajar para Piranhas e ficar isolada no apartamento da casa dos meus pais, para ver se a dor de cabeça cedía. Foi uma decisão certa, pois assim consegui tomar sol e me alimentar melhor. Minha mãe faz com que

nos alimentemos, mesmo sem querer, com muito carinho e cuidado que são inatos em minha mãe. Fiquei curada após 37 dias de espera, isolamento e tristeza pela perda do meu pai. Durante todo o processo de cuidados com o meu pai, e de isolamento devido a doença, eu utilizei duas máscaras sempre que estava em ambientes que tivessem pessoas. Meu irmão e meu marido, que conviveram comigo, não se contaminaram. Hoje as orações são pela alma do meu pai e em agradecimento pela cura da minha mãe e minha. Agradeço a todas as pessoas que ficaram ao meu lado e me ajudaram a passar estes momentos de dor e sofrimento. O falecimento do meu pai é uma das muitas perdas que tivemos com esta doença terrível. Cada pessoa que se foi causa um vazio imenso para os que ficam. Em nossa casa, a risada gostosa do meu pai silenciou-se, temos que conviver com esta perda e dor que ainda é imensa. Como diz a minha mãe: ‘É uma dor que sangra o coração’. Mas, cada dia melhoramos um pouco mais e, se Deus nos deu a oportunidade de continuarmos vivos, é para que sejamos felizes e possamos mostrar como é o amor Dele por nós. Só tenho um pedido para você que está lendo esta mensagem. Cuide-se e cuide dos seus queridos. A Covid-19 não é uma doença qualquer, é uma doença que mata e o contágio é altíssimo. Mesmo cuidando e usando equipamentos de proteção, quando estava no quarto com meu pai, eu me contaminei. Quando vejo pessoas sem máscaras, pessoas em aglomerações, ainda entro em pânico. Tenho vontade de gritar para o mundo: SE PROTEJAM E PROTEJAM SEUS QUERIDOS. Esta é a mensagem que eu queria passar com este meu relato. Que Deus esteja conosco.”

*Ana Carolina Gondim Inocêncio*

De Jataí, o barquinho navegou sem ar até Goiânia, o fôlego foi pouco! Ali na capital, uma outra voz foi ouvida, a da semântica – linguística, da poesia, gramaticalmente com lucidez, de quem enfrenta o vírus na trincheira, no hospital, e sabe o tamanho da guerra, sabe da possibilidade da morte. Essa voz foi escutada e amparada nos braços de Heidegger, expressa a professora e doutora Neuda Alves do Lago da Universidade Federal de Goiás,

“ A morte sempre me fascinou. Desde que a encontrei, na mais tenra infância. Mamãe, me enrola do jeito que o papai me enrolava? No pedido, a compreensão explícita de que ele não iria voltar. Onde ele está? Papai! Papai! Aqui o cobertorzinho! Papai? Papai. Na ausência dele, o apego aos meus irmãos, todos maiores que eu. Uma vida inteira pautada pelo afeto. Minhas relações familiares, amistosas e acadêmicas, numa única palavra – afeto. Ao longo da carreira docente, afetuosamente tentei levar o consolo inefável a alunos e colegas, quando ficaram sozinhos com seus cobertorzinhos. O chamado irrecusável dela.

Sim, a morte sempre me fascinou. O enigma. O mistério. As possibilidades. Ah, essas. Incontáveis páginas lidas sobre elas. Fui sempre ávida por mais. O desejo incontido de saber. O pó ao pó, o espírito a Deus. Nada mais debaixo do sol. A passagem. O retorno. A abertura dos olhos. A ascensão. A transcendência. Nada do que li, porém, me preparou para 2020.

Este livro já estava pronto, a poucas horas do lançamento, quando meu querido amigo Sílvio me disse que gostaria muito de ter minha presença aqui. Escreva dez linhas sobre você e a Covid. Inseriremos. Não pedi antes, porque não sabia se você já estaria em condições, e não queria incomodar você na sua recuperação. Seria uma busca da terceiridade peirceana

pelo sentido do que vivi e estou vivendo. A exiguidade do ínfimo tempo, porém, fez deste texto bruto quase apenas um primeiro. Qualidade, sensação. De qualquer forma, querido, muito grata pelo convite para escrever sobre a Covid e eu, pela primeira vez.

Partilho com você, *dear reader*, parte pequena da experiência medular que vivi, nesta pandemia. Para que você saiba quem sou: dada uma germofobia extrema, deixei meus estudos na área da saúde, há 27 anos, e migrei para a educação. Seria médica, porque sempre gostei de cuidar. Passei a cuidar das mentes, nos domínios das Literaturas de Língua Inglesa, Educação e Linguística Aplicada, em que atuo na Universidade Federal de Goiás e Universidade Federal de Jataí. Fui a primeira professora a ministrar a disciplina *online*, devido à pandemia, no Mestrado em Educação da UFJ. Tinha acabado de chegar de viagem em Jataí, pra minha disciplina concentrada, naquele 15 de março, quando o decreto da quarentena foi publicado, em Goiás. Mudamos o formato, mantivemos a disciplina ao longo da semana. Usamos a GoToMeeting, Prezi, SIGAA e WhatsApp. E deu muito certo. De lá pra frente, a viagem de volta pra Goiânia, e o cuidado quadruplicado com medidas de higiene, sem nunca sair de casa.

Na UFG, adotamos o trabalho remoto, e começamos uma chuva torrencial de cursos para aprender como fazer. Ao mesmo tempo, acompanhávamos a disseminação da doença, no mundo. Pensávamos, na minha família, que, no máximo, nós teríamos uma versão bem *light* da Covid-19, se a contraíssemos. Saúde muito boa, prática de exercícios físicos, sem comorbidades, sem histórico de fumar ou beber. Cuidado amplo com minha mãe, já bem idosa e a única com risco real, supúnhamos.

Mas os caminhos do coronavírus ainda são um tanto inescrutáveis. Desenvolvi a versão severa da doença. Por intervenção do reitor, o querido professor Edward Madureira Brasil, fui tratada por um precioso colega pneumologista, *cream of the cream* da UFG. Estive 7 vezes semi-internada na rede privada de Goiânia, fazendo exames e aguardando vaga para internação. Não havia vagas. Volte pra casa, e se piorar, retorne. O retorno, poucas horas depois. A angústia de não saber se seria cuidada adequadamente, ou se morreria, em casa, ou naquelas pequenas câmaras improvisadas para os pacientes de Covid. Novamente, tive a bênção da intervenção dos amados reitor e da vice-reitora Sandramara Matias Chaves. Conseguiram uma vaga para mim no nosso Hospital das Clínicas. Foi um alívio saber que receberia tratamento intensivo de alta qualidade 24x7.

O vírus teve um tremendo impacto nos meus pulmões, coração, fígado e rins. Dantes perfeitos. Pneumonia. Tromboembolismo pulmonar. O desequilíbrio do sistema imunológico, a obstrução da aorta e coronárias. 32 injeções de Clexane na barriga, 6 tomografias computadorizadas, vários exames do coração e veias, exames diários de sangue, as inúmeras punções venosas. Hematomas espalhados. A dor. O incômodo do catéter de oxigênio. A incerteza. Sentia o sangue grosso circulando, lento e febril, os órgãos a falhar, a respiração difícil, a dor de cabeça desnorreadora, o mal-estar. As infindáveis horas de meditação no hospital, com fone de ouvido para não perturbar as colegas, elevando sempre o espírito, engendrando a cura do corpo, célula a célula. As noites inteiras sem dormir. A reflexão sobre o significado de tudo,

sobre o que me aguardava depois do portal. Um misto de expectativa, curiosidade, resignação e medo. Nunca pensei que fosse sentir medo. Senti.

Desenvolvi um senso forte de morte coletiva. Sua irresistível força centrípeta. Nós iríamos embora juntos, nessa grande partida do planeta? Um forte senso de pertença a esse grupo seletivo de covidianos. Por que fomos os escolhidos?

Sem nenhum preparo, a dor excruciante da partida de uma prima-irmã. Tão jovem e cheia de vida! Sempre foi assim, desde que éramos bebês. A incapacidade de consolar minha tia, que amo tal qual uma mãe. Contraiu a Covid-19 junto com a filha. Foram internadas quase concomitantemente, mas sequer pôde se despedir do corpo dela. Também não pude me despedir dela. Não nos falamos, nem uma troca de palavras sequer. Por que minha tia e eu sobrevivemos, e minha prima não? Que palavras ainda não criadas poderiam nos consolar?

Recebi milhares de preces, orações, rezas, energias de cura, torcidas. Mensagens, telefonemas, e-mails. De todas as partes do planeta. Uma amiga, da UFG, plantou um alecrim e o vinculou à minha saúde. Ele passou por todas as etapas que passei, reagindo igualmente. Achei fantástico! Um amigo, também da UFG, fez um bolo super natural, como eu gosto, e trouxe para mim, com cápsulas de Ginseng. Outra amiga, da UFG, costurou máscaras lindas, que me animaram. A UFG e UFJ viraram, mais do que nunca, uma família. Alunos, colegas, de todas as épocas. As universidades federais não são prédios frios e desalmados: são pessoas. Uma grande onda de amor me foi enviada, diariamente. Demonstrações tantas de amor e cuidado, da família e amigos. O cuidado diário e constante que recebi. Jamais poderei agradecer o suficiente.

Reforço para você, *dear reader*, minha preocupação com a saúde de todos os seres do planeta. Em reunião do grupo de iniciação científica, meu pedido constante a meus aluninhos, tão jovens e imortais, estendo a você: se cuidem. Cuidem da sua família.

Carrego no peito, bem forte, a impressão de que há um grande sentido por trás da Covid-19, para a humanidade. A convicção de que, se eu fiquei, é porque ainda tenho algo a fazer aqui.

A morte sempre me fascinou.”

*Neuda Alves do Lago*

O barquinho a vela novamente rompeu e acenou ao vento, de volta para os rios da cidade de Formiga em Minas Gerais, os proeiros sobem e descem a vela, tanto na subida com na descida é preciso de maestria e ajuda. O barquinho a vela novamente paira sobre as águas. Mais uma voz é escutada, a do pesquisador e professor adjunto, Anderson Alves Santos, ele trabalha no IFMG, alinhado e ajustado à linha de pesquisa meio ambiente e sociedade, a voz aborda a dimensão do ensino remoto a partir da questão do ensino presencial,

“ O ensino não presencial não foi minimamente planejado para ser efetivado como está: faltou além da capacitação de professores, suporte técnico aos discentes, principalmente das escolas públicas infantis e, ou do ensino médio. Isso por variados motivos, tais como computadores disponíveis, acesso à Internet, condições de navegação e outros. Outro fator que não foi ponderado foi a participação dos pais - ou a não participação, para ser mais exato - pois em várias circunstâncias eles não eram ‘capacitados’ a lidar com as disciplinas, tanto escolares,

quanto a dos próprios filhos; uma coisa é a presença do professor e ‘respeito’ a ele, outra é a presença dos pais e a ‘não obediência’ aos horários específicos de estudo. Além disso, a participação presencial gera ótimos debates, participações e possibilidade de formação de pensamento mais crítico por parte dos discentes do que em aulas não presenciais, em que o tempo - por igual que for à aula presencial - é mais desgastante, tanto para professores quanto para discentes. Em relação aos professores, eles devem gravar as aulas - o que demanda tempo considerável - separar e preparar material a ser usado na respectiva aula, corrigir as atividades postadas. Isso sem contar que, por mais que se queira ou tente esse formato de ensino para quem ainda não tem formação de compreensão do que deseja da vida, não é o tipo de ensino de qualidade ou eficiência. Em termos de saúde, há de se concordar que é mais ‘protetivo’, ainda mais para o ensino fundamental. Outra situação nesse assunto é a possibilidade de danos psicológicos, pela ausência de contato com pessoas dos vários grupos de relacionamentos. Em relação à questão econômica, há de se analisar dois lados: para quem estuda em instituição particular, obtém-se certa economia com transporte e lanches; mas para a rede federal, estadual ou municipal, a economia é mínima. Percebe-se que a educação, em sentido amplo, não é interesse governamental, como se pode notar pela ausência de políticas públicas tanto para esse caso da pandemia, em específico, quanto para uma análise geral.”

*Andersom Alves Santos*

Viajando novamente para o Estado de Goiás, ao longe é possível perceber o horizonte e o céu goiano, os dois se cruzam conforme posição do barquinho, sobretudo, quando o leme está bem alinhado

à sua posição. Novamente em Jataí, o barquinho paira no lago JK, logo, aproxima do estudante Victor Emmanuel Ribas Mendonça Moragas, sua voz é rápida e ecoa longe.

“As aulas remotas mais prejudicam o ensino dos alunos que ajuda, tenho medo que o ensino médio do IFG integrado ao Curso de Edificações não tenha o ensino adequado para formar grandes edificadores para o mercado de trabalho.”

*Victor Emmanuel Ribas Mendonça Moragas*

Aproveitando a parada na cidade de Jataí, uma voz fez eco na capital de Fortaleza. O EaD fez dela uma itinerante. Embora residindo na cidade de Jataí, licenciou-se em pedagogia na PUC de Goiás. De fato, essa voz brota do estado do Ceará. Os sinais e experiências em EaD são visíveis, essa voz evidencia o próprio processo formativo em EaD na Universidade Federal de Lavras na UFPA, portanto, explica seu desempenho nas aulas remotas e revela sua eficácias,

“Meu nome é Valéria Leite Oliveira Costa, minha experiência com aulas a distância foi uma das melhores que já tive na vida estudantil e profissional. Sou pedagoga com especialização em Informática em Educação. Minha especialização foi o meu primeiro passo para grandes mudanças e aprendizado na carreira profissional e estudantil. Hoje vejo que o trabalho e projetos nas instituições de ensino deveriam ter continuado, mas, as políticas educativas nem sempre são favoráveis. Com a experiência que adquiri na escola, com os projetos e implantação da Informática vejo que meu trabalho não foi em vão, poderia ter feito mais se tivesse recebido apoio. Porém, não podemos fazer tudo, somos seres humanos e precisamos trabalhar coletivamente. Vendo a realidade hoje das escolas,

por pior que esteja neste momento de pandemia, não vejo alternativa à aula remota, realizada para ajudar alunos e pais neste momento em que as escolas devem estar fechadas. Neste momento a educação a distância seria o ideal, sendo uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação, como o celular. Recurso este que estão sendo muito utilizados nas aulas remotas para amenizar a falta de aulas presenciais, e com muita dificuldade por alguns alunos, porém as duas modalidades exigem uma boa Internet. Além do mais a aula a distância pela ajuda sistemática de diversos recursos e pelo apoio de uma organização e tutoria, pode proporcionar a aprendizagem independente e flexível dos alunos, sem a cobrança de horário. Na educação a distância, o aluno pode utilizar os meios como quiser, onde quiser, no horário que desejar. A flexibilização é uma característica importante deste meio de ensino, fazendo com que seja um diferencial no processo de construção do conhecimento, mas para isso exige um planejamento todo próprio e uma equipe multidisciplinar, foi essa estrutura que me fez gostar de ler mais e diversos tipos de textos. Porém, o que faz a diferença na educação remota e EaD são as diferenças econômicas e sociais dos alunos, realmente, pois sem a ajuda do governo os alunos menos favorecidos estarão despreparados para qualquer processo seletivo que venham fazer futuramente. No meu curso de especialização, não vi outra coisa melhor na educação. Queria algo diferente da sala de aula, que eu pudesse estudar e aprender muito o processo educativo, sendo assim, poderia transmitir aos meus alunos

algo diferente e prazeroso. Sentia-me cansada da rotina sem retorno. E o computador me deu tudo isso. Com o meu trabalho realizado nas salas de aula de escolas públicas, vi que todos os alunos da escola pública também poderiam ter computador, *tablet*, se houvesse ajuda governamental.”

*Valéria Leite Oliveira Costa*

Novamente, o barquinho a vela tem parada certa, o vento soprou e soprou. De Jataí para Londrina no estado do Paraná. Daqui, ressoa a voz do pesquisador e professor adjunto da Universidade Estadual de Londrina, Carlos Luciano Montagnoli:

“ Oi Silvinho! Minha experiência com as aulas remotas na universidade tem sido positiva. As ferramentas do Google Classroom são bastante úteis. Consigo compartilhar materiais com os alunos de forma prática. Consigo deixar informes que são automaticamente enviados a todos eles por e-mail. As aulas acontecem normalmente, e o recurso de compartilhamento de tela, no Google Meet, substitui bem o quadro, que eu utilizava muito nas aulas presenciais. Como ensino lógica matemática, passo muita coisa no quadro. Com o compartilhamento de tela as aulas inclusive ficam mais dinâmicas, já que poupo o tempo que gastava para fazer os cálculos no quadro. Enfim, a minha experiência com as aulas remotas tem sido tão positiva que pretendo manter o uso de algumas dessas funcionalidades do Google mesmo após o retorno das aulas presenciais.”

*Carlos Luciano Montagnoli*

Das águas do rio do estado do Paraná para as águas do rio Verde, no estado de Goiás. O barco chega precisamente na cidade que leva o nome do rio. Chegamos à cidade de Rio Verde, precisamente, no

Instituto Federal Goiano. A pesquisadora dessa instituição interpela veementemente o cenário do ensino remoto e a Covid-19. A voz é da professora adjunta, Renata Pamplona,

“Atividades remotas? Aulas EaD? Quando a pandemia escancara a fragilidade e finitude humana, os questionamentos sobre a vida e aquilo que priorizamos são inevitáveis. A educação em seu sentido escolar e acadêmico sempre foi frágil no Brasil, desde o Brasil Colônia, em especial devido à desigualdade social instaurada. Obviamente avançamos em alguns aspectos em relação ao ensino público brasileiro. Mas, a pandemia expõe aquele que sempre foi o principal problema da nossa educação acadêmica e escolar: a imensa desigualdade daqueles que têm ou não acesso à educação de qualidade. Afinal: todos/as têm as devidas condições materiais, estruturais, físicas, psicológicas, afetivas, para acompanharem as atividades remotas, aulas EaD disponibilizadas pelas Instituições de ensino brasileiras? Lógico, temos muitas outras questões para desenvolvermos. Por exemplo: qual a formação docente e pedagógica para o trabalho com as atividades remotas e EaD?”

*Renata Pamplona*

Do IF Goiano de Rio Verde, o barco tem destino numa cidade chamada Divinópolis no estado de Minas Gerais. Daqui brota uma sublime e encantadora voz da educação infantil:

“Sou a professora Ana Paula Nogueira da Silva, formada em pedagogia pela Faculdade Metropolitana de Santos, São Paulo. Trabalho com crianças nas idades de 09 a 11 anos. Escutem só... Certa vez, a diretora da escola onde eu trabalho, em Divinópolis, Minas Gerais, iniciou a reunião escolar com a

frase do educador Paulo Freire, 'A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.' Fiquei emocionada! Essa frase me definiu por completo. Tenho muito orgulho de exercer essa profissão e acho que foi para desempenhar essa função que eu vim ao mundo. Deus faz tudo no tempo certo. Então porque não dizer que até a pandemia tem seu lado positivo? Não estou sendo sarcástica e nem desconsiderando todo sofrimento das famílias que perderam alguém. Estou apenas me dando o direito de ter ficado lisonjeada pelo reconhecimento que ganhamos neste momento. As famílias puderam viver o nosso dia a dia, compartilhar nossas angústias, distribuir conhecimentos e se apoderar da paciência enquanto assumiram parte de nosso papel na educação. Muitas reconhecem que somos fundamentais e que nosso trabalho exige muito esforço e dedicação. E como foi bom. Foi gratificante poder me sentir valorizada. Pude me redescobrir e entender que cada vez mais, devemos lutar pela educação. As famílias entregam seus filhos a nós, e nós temos o poder de transformar essas pessoinhas. O momento é difícil. É delicado. Mas estar sempre pronto para seus alunos, buscando todas as formas possíveis de continuar ensinando é o resultado que daremos a este novo desafio. Enquanto os cientistas procuram a cura do vírus, eu procuro as capacidades, das mães, papais, vovós e vovôs, madrinhas, meus alunos e principalmente as minhas. Aprendi como usar as câmeras, microfones, montar estúdios, estar sempre com o cabelo bem arrumado e a maquiagem perfeita com aquele batom que é minha marca registrada. Até mesmo *blog* e canal no Youtube eu tenho agora. Não cabe a mim, professora, ver o barco afundar. Preciso estar dentro dele guiando para um porto seguro. É isso que faço! Em cada telefonema fora

de hora, em cada vídeo aula gravada, em cada recadinho de incentivo, em cada fotografia de atividade, em cada hora de estudo, em cada surpresa, em cada fantasia, em cada *live*, em cada entrega de materiais. Mesmo que eu esqueça o que é sábado e domingo, abra mão da convivência familiar, das horas de sono e que a casa esteja bagunçada. É assim que quero ser. É assim que sempre serei. Melhor ainda seria, se todos pudessem entender que ser educador é poder desempenhar um dom dado por Deus, que ao nos dar, pediu que fosse multiplicado. Que este NOVO desafio saiba que eu, não estou aqui para perder! Posso ser uma boa profissional em qualquer tempo e em qualquer espaço.”

*Ana Paula Nogueira da Silva*

Saindo de Minas Gerais a viagem chega até a capital de Goiás. Estamos em Goiânia, praticamente na UFG, de lá, escutamos a voz da recém-doutora, Welma Alegna Terra, licenciada em pedagogia,

“ Neste momento, o mundo vive uma particularidade em termos globais e a família nesses tempos pandêmicos tem enfrentado diversos desafios na atual realidade social. A família tem se desdobrado em seu exercício educativo, com a institucionalização do ensino doméstico, traduzido como *homeschooling*, pois, além da formação de valores humanos, cabe ainda a ela a assunção de ensino remoto pelos meios de comunicação midiáticos. A tecnologia, via mídia social, tem adentrado as casas e invadido a privacidade das famílias, pois a moradia se tornou o local de trabalho, de estudo e de reuniões diversas que abarrotam as mentes dos telespectadores com tantas informações, na maioria dispensáveis por ter a finalidade de provocar medo, pânico e ansiedade aos educandos, educadores e

pais. Diante deste contexto complexo e contraditório, deve-se pensar a possibilidade de a escola ser reinventada, criando alternativas para a educação, em seu caráter formal, não se sucumbir aos processos de destituição formativa e de alienação cultural pela sociedade administrada, conforme os ditames do capital, já que a era digital e tecnologia da informação tornou-se um caminho sem volta.”

*Welma Alegna Terra*

Deixando a capital de Goiás, o barco é levado pelos ventos outra vez, até aproximar dos rios da cidade de Jataí, dali a voz é de Francisco Cabral, diretor de mídias da Câmara Municipal da cidade. A voz ressoa leve, mas tem eco,

“ Entre a vida e a educação, em seu sentido formativo: as duas! Evidentemente ninguém quer atrasar a formação educacional das crianças, dos adolescentes e dos universitários. Também é óbvio (ou deveria ser) que, ninguém em sã consciência gostaria de jogar os estudantes no abismo do risco de contrair o novo coronavírus. Desta forma, surge o ensino remoto, que, se não substitui à perfeição o ensino presencial, é o melhor paliativo para este momento de exceção, pois contempla a necessidade de continuidade no ano letivo para os estudantes e reduz o risco de contágio entre o corpo discente e docente. Claro que daí surgem questões novas, como a desigualdade, que em tese oferece a chance de se alcançar um desempenho superior àqueles que têm acesso a mais e melhores ferramentas.”

*Francisco Cabral*

Nesse mesmo sentido da voz do secretário de mídias de Jataí, sobre ‘questões novas’, escuta-se também a voz de um professor de Santa Catarina, por isso, o barquinho veleja nas cachoeiras da cidade de Guabiruba. A voz do professor Ademir Dietrich aborda o tema subjetivamente,

“ Com as aulas remotas tive que me ‘reinventar’ como professor no sentido de usar as tecnologias digitais de maneira direta, que antes já eram usadas, mas não de modo tão intenso e direto. Tive que aprender rápido, praticamente de um dia para outro, as ferramentas, para dar conta de trabalhar os conteúdos propostos no modo remoto. O trabalho se torna triplo, pois tem a preparação e adaptação de todo material para modo virtual e tem duas plataformas para serem alimentadas e trabalhadas, tanto no Google Classroom como o professor *online* onde são registradas todas atividades, planos semanais, notas, diários de classe e afins. Além disso, os estudantes que não têm acesso às plataformas digitais, adaptamos material impresso para ser entregue aos mesmos na escola e fazer em casa. Todo material usado como *notebook*, *scanner*, Internet, impressora, para produzir as aulas, são adquiridos com recursos próprios.”

*Ademir Dietrich*

Da cidade de Guabiruba em Santa Catarina, o barquinho, novamente ancora nos rios do estado de Goiás. A voz brota da rede pública, o estudante é Amadeus Pamplona Oliveira, da escola José Feliciano Ferreira,

“ Apesar de necessário, o ensino *online* não tem o mesmo impacto, do presencial, pois, os/as estudantes não conseguem ter um aprendizado satisfatório.”

*Amadeus Pamplona Oliveira*

De Goiás, o barquinho navega tranquilamente e paira nos rios de Minas Gerais, próximos a uma cidade chamada Brasilândia de Minas. De lá, brota da educação infantil de uma escola particular uma doce voz:

“ Oi, oi meu amorzinho! É hora de aulinha! Pegue seu material e vamos neeeeeessssaaaaaa! É assim que eu, Ana Cláudia Nogueira da Silva, professora com formação em letras, pedagogia, linguística aplicada, orientação e supervisão escolar, há 24 anos trabalho no Educandário Aquarela, em Brasilândia de Minas. Trabalho em uma escola particular e bem pequena, que atende crianças de 1 a 10 anos, na Educação infantil e Fundamental 1. Por morar em uma cidade muito pequena, nossa realidade, enquanto escola particular sempre foi de muitos obstáculos. E eu nem imaginava o que estava por vir. E assim que chegou a pandemia, fomos obrigados a fechar as portas. Naquele momento, fiquei enlouquecida sem saber como seria o futuro da escola, do meu trabalho e de meus alunos que eram poucos. A escola tinha somente 47 alunos. Mas pra mim, era tudo. Sempre lecionei e nunca me vi fazendo outra coisa. Nada que se compara ao ‘descobrir o conhecimento’. O bom de tudo isso, é que sou forte e persistente. Não gosto de ficar lamentando. Prefiro enfrentar o que tiver que ser. E foi isso que minha mãe (diretora) eu e minhas colegas de trabalho fizemos. Deu-se início então a uma busca implacável por aprender a mexer em computador,

Internet, câmeras, microfones, estúdio, celular. Apesar de serem tecnologias presentes em nosso dia a dia, a partir de agora, a responsabilidade se torna infinita. Assisti a vários tutoriais na Internet, conversei com muitas pessoas, baixei programas, testei, deu certo, deu errado, foi muito difícil, mas consegui chegar ao que entendo ser o melhor pros meus alunos. Comecei a desenvolver meus *slides*, que depois se tornaram vídeos. Montei um site pra cada turminha, e abri um canal no Youtube para postagens das aulinhas. Tempos depois lembrei de ter conhecido um aplicativo chamado Clipe Escola. Levei a ideia para a diretora que acreditou na proposta e adotou mais este recurso. Foi maravilhoso, porque com ele é possível enviar as aulas, atividades, fotos e comunicados. Da mesma forma, é fácil de receber a devolutiva dos alunos, é possível fiscalizar quem já participou da aulinha pra registrar como presença. O fato de ter o convênio de ensino, em certo sentido, trouxe a nós professores a tarefa de pensar num trabalho com os alunos, em que fosse possível continuar com as apostilas didáticas que eles já tinham. Prontamente nosso apoio pedagógico nos apresentou a alternativa de ter ao nosso uso as apostilas digitalizadas. No início da pandemia, não tivemos dificuldades em ter as aulas *online*, por que já tínhamos acesso aos pais via grupos de WhatsApp. Sem contar que todos têm Internet e aparelhos para as aulas em casa. Então, a direção optou por entregar, em casa, materiais necessários às atividades como, papéis, lãs, colas, brilhantes, tesouras, palitos de picolé, etc. Assim as atividades poderiam ser realizadas sem nenhuma dificuldade. Desse modo, o que tenho a declarar é que professores sempre terão em suas mãos a magia de ensinar. Acredito que não será um ano como os anteriores, porque vejo que a presença escolar, a professora,

os colegas, a escola, todos precisamos uns dos outros. Mesmo assim, acredito que o esforço, meu, das minhas colegas, dos pais e dos alunos, em tentar a viver uma nova realidade, é o que faz valer a pena acordar todos os dias. Em qualquer realidade que se apresente, serei sempre professora, serei sempre profissional. Batalhas ‘são feitas pra serem vencidas’. De minha parte, uma coisa é certa, vencer todas é o propósito.”

*Ana Cláudia Nogueira da Silva*

Após pairar sobre as águas dos rios de Minas Gerais, o barco segue seu curso e ancora nas águas dos rios do estado de Goiás. Sobre o ensino remoto e as aulas de estágio dos cursos de pedagogia, clama outra voz, a da professora universitária, doutora, Luciana Cristina Porfírio do curso de pedagogia da UFJ,

“ O Estágio Supervisionado obrigatório no curso de pedagogia e em qualquer licenciatura exige o exercício teórico-prático como elementos indissociáveis, isto é, como práxis formativas visando o desenvolvimento e a mobilização de conhecimentos, habilidades, competências e atitudes em situações de ensino aprendizagens formais de ensino em ambiente profissional. Tem como prioridade conhecer uma dada realidade, a forma como o trabalho ocorre em um dado ambiente escolar. Para tanto, ele é orientado nas IES e supervisionado pelos professores formados neste ambiente. É ali que a teoria organiza as percepções que subsidiam as práticas ali ocorridas e essa, recria a teoria. Trata-se de um componente fundamental na formação profissional docente, e é, portanto, o espaço privilegiado para o desenvolvimento do seu perfil crítico, reflexivo e comprometido. Sendo o estágio uma forma de integração entre a ciência educacional e as atividades práticas

requeridas à formação profissional docente esta formação se valida no ambiente de ensino. É durante este período que ele vivencia o ofício de ser professor assumindo a posição de investigador para poder desenvolver seus projetos de intervenção, escolhendo metodologias de acordo com o nível de conhecimento observado em cada classe/turma, conhecendo durante o período que antecede esta intervenção à cultura e à realidade destes alunos, alvo de seu projeto. Ensinar, educar, conhecer e aprender são objetos de prática e de formação docente e vão muito além de observar professores dando aulas por meio de novas tecnologias e metodologias, ou ainda preparar materiais e atividades para encaminhar via tecnologias móveis. Esta formação é interacional e contextualizada com alunos *in loco*, deveria sim, desde a Educação Básica, estar asentada em bases tecnológicas que batem às portas há tempos, mas nem as redes educativas nem as universidades investiram nisso adequadamente de forma que possibilitasse ele ocorrer no formato remoto. Por isso, o cenário é impensável, logo, seria necessário considerar que, em nome de se cumprir carga horária ele possa ocorrer a distância.”

*Luciana Cristina Porfírio*

Após ter ouvida a voz da professora do Estágio Supervisionado obrigatório no curso de pedagogia da UFJ, foi ouvida outra voz, essa representando as metodologias de ensino, a Doutora Halline explica,

“ Como docente do ensino superior trabalhando com disciplina de metodologia para formação de professores/as por um período de dez anos, em certo sentido, percebe-se que o ensino remoto imposto pela pandemia tem de algum modo, suscitado reflexões que perpassam questões educacionais como qualidade e inclusão. Elas também trazem questões que

envolvem adaptação, ao deslocar o espaço físico em que ocorrem as aulas para um espaço virtual que nem sempre é acessível por múltiplos fatores. Os impactos postos a educação no contexto da Covid-19 implicam tanto em alteração comportamental dos envolvidos no processo, como requerem adaptações das políticas institucionais de apoio aos discentes nem sempre possíveis. Tal situação viabiliza acessibilidade ao espaço virtual e também das metodologias de ensino utilizadas. A plasticidade requerida embora tenha aparência de transitoriedade provoca reflexões no próprio ser e assinalam perspectivas a serem enfrentadas no campo da educação e, na sociedade de forma geral. Se os espaços tidos como convencionais alteram, vivenciamos um fenômeno de intensificação de afazeres e modificação nas formas de interação evidenciando uma complexa situação em que a educação não é descolada da realidade. Nestes termos, que possamos compreender que educação é fenômeno eminentemente cultural, é se solidarizar com o outro, é se humanizar. A pandemia, portanto, possibilita um contexto que nos direciona a questionar rupturas e continuidades nas práticas sociais e na cultura escolar.”

*Halline Mariana S. Silva*

De Goiás o barquinho a vela movido pela brisa entra na cidade de São Paulo. A voz é da professora licenciada em pedagogia pela Universidade Nove de Julho, Rita da Conceição Moraes, coordenadora pedagógica por um período de 14 anos. Sua voz além de pedagógica é também materna:

“ A Covid-19 veio de uma forma avassaladora, veio para nos mostrar que não temos o controle de nada! Veio para mostrar a importância de um abraço, de vivenciar os momentos

especiais da vida, valorizar as pequenas coisas. Aqui em nossa família redobramos os cuidados com higiene e orientamos nossos filhos! Mostramos que devemos ser cautelosos e cuidadosos, mas não devemos ter medo! O medo nos paralisa e nos deixa desistir dos sonhos! A quarentena veio para mostrar o abismo social em que vivemos e quão urgente devemos cuidar da educação e da saúde! Meus filhos sentem falta da escola, da interação com seus pares, do convívio diário com o aprender. As aulas a distância mostram uma realidade que não queríamos enxergar. A educação tem que ser o nosso norteador. Espero de coração que isso acabe logo para que meus filhos e as outras crianças voltem para a rotina escolar valorizando cada vez mais os professores e educadores.”

*Rita da Conceição Moraes*

Do estado de São Paulo, o barquinho a vela aproxima-se da cidade de Jataí, novamente o lugar da pairagem é o lago Diacuí. A arte de velejar é também a arte dominar a vela, essa arte é semelhante ao ato de estudar, ao ato de ler. Isso, nesse tempo de pandemia é raro. O que se percebe por aí, é um monte de professores e professoras correndo de um lado para o outro, uma correria doida, num trabalho tedioso e sem resultado. Diferentemente das formigas, elas sabem levar suas folhinhas para seus devidos lugares. Que pena Professores/as! Que pena! Nosso país está repleto de profissionais do ensino, aliás, são trabalhadores da leitura e da escrita. Precisamos dominar essas artes, a da leitura, a do estudo, precisamos ler novamente a nossa sociedade, as nossas instituições, é preciso ler a cultura. Nesse sentido brota a voz da pró-reitora de extensão e cultura, Ludmila Grego Maia, da UFJ:

“ Já não cabe agora ser quem nós éramos! A ordem natural das coisas parece ter invertido, parece que ordem cada vez se degrada. Não há mais zona de conforto, perdemos o controle, se

é que, algum dia, o tivemos. O/a profissional das instituições de ensino precisa romper com a falsa garantia do domínio do saber. Nessa mesma linha, ele/a precisa abrir para um mundo novo e digital. Tudo é impermanente, efêmero, passageiro, é urgente reinventar-se, sobretudo, nós profissionais do ensinar e do aprender. Teremos que nos adaptar diariamente ao que vem, ou seja, ao novo, da mesma forma, nossos/as alunos/as, é também deles/as essa meta, será necessário uma relação essencialmente humana, mais do nunca foi até hoje, é urgente desenvolver um olhar docemente humano, portanto, aguçar a nossa sensibilidade, originalidade e criatividade, assim, seguir em frente. Ficar parado não é uma opção!”

*Ludmila Grego Maia*

Não é uma opção verdadeiramente. As opiniões são diversas e distintas, alguém poderá perguntar: – mas, não existe uma diferença entre as políticas formativas no tocante aos níveis de ensino? É evidente! Exatamente por isso essas vozes. Em grande parte as decisões políticas e formativas são tomadas de ‘cima para baixo’. É impossível ter como vitrine nacional um ministério sem rumo, sem entendimento, sem clareza, sem técnica. Um ministério que não ouve e escuta suas vozes não vale a pena existir. Compreender o fenômeno formativo - ensino brasileiro, implica sobretudo, reconhecê-lo como realidade em movimento na sua totalidade. Reconhecida essa, impossível tratá-la como ”tudo junto e misturado.” Implica, destarte, conhecer e compreender a ideologia e os mecanismos que engendram. Portanto, novamente, implica desvelar, desanuviar as contradições, processo natural da vida humana. Fora disso, não conheceremos de fato as distintas faces da prática escolar e as vidas de seus protagonistas. Estamos em movimento, não somos estáticos e estáticas, somos pessoas, somos humanidade. A escola é movimento, o aprendizado é movimento, o ensino

é movimento. Essa realidade, esse fenômeno embora localizado é também globalizado, daí a necessidade do estudo e da leitura. A leitura deveria ser nesse momento a prioridade máxima. O debate deveria ser nesse momento a prioridade máxima. A grande cidade não é uma boa vitrine para as pequenas e, essas, não são vitrines para as grandes.

De Goiás, direto para a Bahia, o barquinho entrou no velho Chico, aqui nas águas do rio São Francisco, o barquinho navegou até a cidade de Xique-Xique, ficou entretendo-se com os brinquedos do parque aquático Ponta das Pedras. Foi ali mesmo que ouvimos e bem escutamos a voz de uma professora:

“ Sou Jaklane Nunes Rabelo, coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Senhor do Bonfim, no município baiano de Xique-Xique. No colégio que eu trabalho, a proposta de Ensino remoto foi encarada, no primeiro momento, como uma alternativa para preservar o vínculo aluno-escola e oportunizar a interação professores-alunos, com o objetivo de dar continuidade a aplicação dos conteúdos pré-estabelecidos para primeira unidade. A preocupação inicial dos docentes, nesse processo, seria então a de evitar o atraso na aplicação desse conteúdo e, por meio dos grupos de WhatsApp, tentar preparar o aluno para enfrentar a avaliação final do trimestre. Durante os primeiros quinze dias da quarentena, os professores acreditavam que repetindo na sala virtual, as mesmas estratégias de ensino aplicadas na aula presencial, conseguiriam garantir que esses alunos respondessem positivamente suas perspectivas. No entanto, isso não aconteceu. Os alunos ignoravam as indicações, saíam dos grupos e, grande parte deles, sem acesso à Internet, sequer o responsável aparecia no colégio para buscar as atividades impressas. Contudo, com o prolongamento da suspensão das aulas, a coordenação peda-

gógica entendeu-se que seria necessário criar estratégias mais eficazes para conscientizar professores, alunos e a família e, sobretudo, criar mecanismo mais adequados para organizar o ensino remoto. E com esse propósito, buscou-se ampliar os canais de comunicação escola-família, afim de despertar nos pais a consciência de que, naquele momento de distanciamento, a melhor alternativa para o aluno seria a de manter sua rotina de estudo, pois isso, evitaria que seu processo de aprendizagem fosse interrompido tão drasticamente. Mas além de conscientizar a família e o aluno, a coordenação precisava também conscientizar os professores da necessidade de reavaliar sua proposta de ensino, já que a maioria desses, assim como os pais e os alunos, não viam sentido na proposta de Ensino, por acreditar que o ano letivo já estaria perdido ou mesmo porque já possuíam a certeza de que no fim do processo haveria aprovação automática. Diante desse desafio, a coordenação, alinhada com a proposta da secretaria municipal de educação, procurou intensificar o processo de formação continuada, por meio de encontros virtuais, buscando conscientizar o professor da necessidade de alterar sua percepção e sua prática pedagógica, durante o processo de ensino remoto. Era preciso fazer o professor entender que essa proposta do ensino deveria ir além do objetivo de concluir a aplicação dos conteúdos ou obter uma nota final. Era preciso ampliar os esforços para tornar as aulas remotas mais atraentes e conectadas à realidade do aluno (do que estava dentro ou fora do grupo de WhatsApp), e, assim, conseguir despertar seu interesse e sua curiosidade, motivando-o a permanecer no processo de escolarização e, por si só, encontrar novas possibilidades para aprender, mesmo estando fisicamente fora da escola. Com os encontros de formação, um número con-

siderável de professores passaram a se conscientizar da necessidade de alterar sua postura frente a proposta do ensino remoto e, a partir disso, passaram a desenvolver estratégias de ensino mais dinâmicas e inovadoras, utilizando, inclusive, ferramentas tecnológicas variadas para facilitar o processo de aprendizagem, tendo sempre o cuidado e a sensibilidade de incluir nesse processo os alunos sem acesso à Internet. No entanto, outros docentes, mesmo tendo acesso a essa mesma formação, continuavam resistentes à possibilidade de reinventar sua prática pedagógica e, por isso, continuava repetindo as estratégias de ensino que normalmente utilizava na aula presencial, desconsiderando o novo contexto educativo. Um comportamento que procuravam justificar dizendo não estarem tecnicamente preparados para manejar as ferramentas tecnológicas necessárias para promover aulas remotas mais interessantes ou, ainda, por não se sentir à vontade em expor sua imagem na Internet. Todas essas situações serviram para mostrar que, em meio aos muitos obstáculos que têm surgido no longo do processo, investir na formação continuada do professor e também da família, talvez, seja a melhor alternativa para garantir eficiência do atual processo educativo, pois, serão esses agentes os responsáveis por acolher e motivar os alunos, fazendo-o compreender o real sentido do ensino remoto e, assim, buscar meios para superar suas dificuldades, tornando-se o protagonista do processo educativo.”

*Jaklane Nunes Rabelo*

Ainda em Xique-Xique, os navegantes ouvem a voz da coordenadora pedagógica geral dos anos finais e ensino médio da secretaria da educação do município.

“ Faço parte da equipe técnica da Secretaria Municipal da Educação e Cultura (SEMEC), como coordenadora dos anos finais do ensino fundamental e médio na rede municipal de Xique-Xique no estado da Bahia. Meu nome é Adriana Pereira Paiva. Este ano estamos vivendo um momento atípico, não só para a educação, mas em todos os aspectos da vida. Cheios de dúvidas e incertezas. Cheios de expectativas e esperanças também. O ano letivo iniciou-se normalmente, parecia ser mais um ano letivo normal, porém, em meados de março, o cenário mudou e as escolas fecharam suas portas. Poucos dias de aulas presenciais e a ameaça se fez presente, rapidamente muitas decisões precisaram ser tomadas. A chegada da pandemia da Covid-19 trouxe consigo muitas dúvidas. E agora? O que fazer? Quais caminhos seguir? A rede municipal de Xique-Xique se mobilizou rapidamente para que os alunos mantivessem o vínculo com suas escolas. A equipe da secretaria buscou estudar e direcionar as equipes gestoras escolares e profissionais da educação como um todo. O fato desta rede ser um sistema próprio possibilitou que fossem tomadas decisões rápidas. E, em menos de uma semana, já havia se criado grupos em rede social (WhatsApp) pelos quais familiares e alunos foram contatados. O grande número de instituições, alunos e profissionais, e ainda a grande extensão territorial, geraram muitas dificuldades. Porém as equipes, incansavelmente, trabalharam para alcançar o objetivo de acessar todos os alunos. Muitos alunos e profissionais de educação têm uma limitação no que se refere ao acesso e uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), e isso também foi algo que gerou alguns percalços. Porém, iniciou-se o trabalho utilizando ferramentas tecnológicas e, paralelamente, foram nascendo outras formas de chegar aos

alunos sem acesso à Internet. Criou-se então uma logística entre escolas e secretaria da educação para fazer chegar blocos de atividades a esses alunos. Cada escola também tem dias específicos para a entrega de atividades impressas, livros literários e atendimentos individualizado, sempre seguindo os protocolos. A busca de se adequar ao momento é contínua. A equipe da SEMEC e o Conselho Municipal de Educação têm assessorado as equipes escolares para organização e planejamento do trabalho e seu posterior aproveitamento para fins de cômputo de carga horária letiva no ano de 2020. A rede segue com as formações continuadas das equipes técnicas, equipes gestoras e de professores. Os coordenadores escolares acompanham o planejamento das atividades que serão encaminhadas por meios tecnológicos ou impressos. Foi criado um programa na rádio local, semanalmente, para informar e manter o contato com a comunidade escolar. Pois o mais importante, é que os alunos tenham seu direito de aprender respeitado.”

*Adriana Pereira Paiva*

Do rio São Francisco para o lago Diacuí. Da cidade de Xique-Xique na Bahia para a cidade de Jataí em Goiás. O barquinho que navegava no perene Chico, agora retorna para as águas do lago Diacuí, uma voz reverberou da universidade dali, UFJ. Atentos estavam os navegantes ao seu soar:

“ Sou docente do curso de medicina da Universidade Federal de Jataí, no sudoeste goiano e médico cardiologista. Me chamo Juliano e tive toda a formação acadêmica baseada em um modelo de ensino tradicional. Agora, no papel de educador, percebo o quão necessário é a reavaliação constante sobre

os métodos e instrumentos de ensino aplicáveis a uma sala de aula construtivista em um ambiente totalmente virtual. A emergente pandemia tem provocado uma revolução educacional, mesmo que de forma não proposital, à medida que clama por sistemas que garantam a continuidade da aprendizagem. O ensino a distancia se tornou essencial, e apesar de ser anterior à pandemia, revelou desafios quanto às desigualdades de acesso e relações de equidade. No entanto, a democratização do ensino tem ocorrido, permitindo a contribuição de grandes mestres em aulas que ocorrem a centenas de quilômetros dos alunos. O contato com os autores e pesquisadores das referências bibliográficas agora está mais fácil. Obviamente temos muito a desenvolver para melhorar a relação ensino-aprendizagem no ambiente virtual, porém barreiras de preconceitos e falta de conhecimento vêm sendo quebradas diariamente. Espero que, diante de tanta calamidade na saúde, na economia e também da educação, saibamos aproveitar o momento que nos foi imposto para despertar a potencialidade do EaD para ensino, engajamento e consciência pós-pandemia.”

*Juliano Oliveira Rocha*

Era setembro e, exceto com sol a pino, o vento ficava calmo, leve brisa, mas nada tinha de fresca. Mesmo com algumas velas içadas, o barquinho, nas águas do lago Diacuí, só balançava. Foi possível ouvir com extrema clareza uma voz que quase deixou de ressoar, ecoar. Porém, o novo normal, o ensino remoto, incrivelmente, antagonicamente, à ela trouxe esperança.

“ A palavra, ou o poder da palavra, diria Carlos Rodrigues Brandão, talvez seja a melhor e mais poderosa ferramenta à disposição de um professor ou uma professora, mas e quando você não a tem? Ou a tem parcialmente? Ou quando você precisa usá-la de outra forma, ou linguagem?

Em 2014, após quatro horas num centro cirúrgico, submetida a uma tireoidectomia total com esvaziamento cervical o cirurgião me disse: ‘veremos como se comportará sua voz nos próximos dias, é normal que fique rouca, mas a expectativa é que vá passando com os dias’, no entanto, advertiu ele: ‘profissionais que fazem uso de sua voz podem não conseguir retomar suas atividades como antes’. De fato, nos próximos dias a rouquidão foi embora, mas algumas alterações de voz permaneceram. Logo vieram outros procedimentos: mais uma cirurgia no mesmo local em final de 2014, duas sessões de iodoradioativo, uma em 2014 e outra em 2015. Em 2019, outra cirurgia no mesmo local. Nesse contexto, entre idas e vindas a procedimentos médicos e dedicação ao trabalho, num determinado semestre letivo, ponderei a um de meus coordenadores a atribuição de uma turma com grande quantidade de alunos e num horário em que minha voz fica mais instável, cotidianamente. A resposta obtida me fez sentir desrespeitada, assediada. Desde então abri um processo na instituição que trabalho pedindo à junta médica para fazer uma avaliação da minha capacidade laborativa. Anualmente passo por revisão nessa junta médica, e já a três anos eles entendem que devo desenvolver atividades que não façam uso de voz. Com esse parecer, fica decidido entre os meus pares que de momento não daria mais aulas, para não fazer uso excessivo da voz. Bom, e como é ser docente sem dar aula? Como me sinto sobre isso? Como manter uma de minhas

principais atribuições sem o uso dessa ferramenta? São perguntas que me ocorrem desde então... Eis que, diante de tudo isso, passamos pelos tempos de isolamento social, pandemia, Covid-19. Nesse contexto as instituições de ensino vão criando opções de comunicação para manter o trabalho em andamento, entre eles, opções de aulas remotas. Diante disso me pergunto, e aula remota, será que consigo ministrar? Pois parece que assim eu não teria que fazer uso excessivo de voz, ou usar ferramentas tecnológicas para complementar minha limitação. Eis que nesse momento me encontro em algumas experiências educativas usando a prerrogativa do ensino remoto. Então, aquilo que para muitos está parecendo ser um grande problema, por diversos motivos, desde teleológicos até políticos (dos quais não discordo, apenas não adentrarei neles nesse momento), para mim pareceu uma solução. De algum modo, ou em meio a tudo isso sempre ouço de um ou outro colega: ‘você tem muita facilidade e familiaridade com a tecnologia’, embora não tenha formação específica para isso. Talvez isso esteja me ajudando agora, mas penso que de algum modo já vinha sendo preparada por isso, quando ao ler autores como, por exemplo, Yuval Noah Harari, que me deixa sempre a pergunta: ‘O que nos espera hoje?’; Karl Marx, que problematiza as contradições da sociedade contemporânea, e, especialmente, István Mészáros que indica a transcendência positiva da alienação, para o rompimento da internacionalização do capital; a suprassunção como realização completa de uma nova forma de sociabilidade; na alternativa necessária, que lança luz para a compreensão das estruturas e instituições identificadas no curso do desenvolvimento histórico; e, no

trabalho com os outros e para os outros como a esperança para a vitória sobre as forças ideológicas, ainda que seja na forma remota, possível para o momento.”

*Cátia Regina Assis Almeida Leal*

Do mesmo estado, cidade e universidade, brota outra voz. As distinções, pensamentos, análises, reflexões, ideias, conceitos variações, equações, categorias são infinitas. A diversidade tão violada na política e na história brasileira, aqui é desejada, esperada, aspirada absorvida e anelada, a escola é espaço exatamente disso - debate, o princípio básico do existir da escola é a diferença seja na teoria ou na prática. A diversidade deve ser apreendida e amada em sua autonomia. De fato, quando olhamos e enxergamos as diferenças percebemos objetivamente as semelhanças. Se caminhar-mos só mais pouquinho, logo, entenderemos: a possibilidade de semelhança, é possibilidade de igualdade, ou seja, em tese - abstratamente, óbvio, somos iguais. A escola é e deve ser espaço disso, também a educação.

“ Meu conhecimento em relação ao trabalho remoto é que o mesmo não deveria existir. Entretanto, nesse momento parece que não há muita opção. Estou trabalhando num programa de pós-graduação remotamente com ajuda de uma colega. Mesmo que toda turma optou pelo ensino remoto, tem duas alunas que ainda não conheço. (os rostos). Os alunos assistem aulas em computadores sem câmera. Na graduação ainda não optei por motivo de trabalhar com o componente curricular de Estágio e, ainda, não vi possibilidade de trabalhar com os alunos remotamente.”

*Lais Leni Lima de Oliveira*

O vento sopra forte, os navegantes sobem a vela, o barco começa também a ser impulsionado com rapidez, logo estamos em direção ao estado de Minas Gerais. A brisa e o vento levam o barquinho para novas águas dos rios de Minas. De lá duas vozes entoam uma canção, a primeira é de uma professora mineira, a segunda, de uma mãe,

“ Não faço elogios em vão. Você tem construído pontes, sobretudo, com Rafael. Aqueles vídeos com choro, dias sem conseguir produzir, retrocessos até na fala e escrita do nome, resolvem bem quando você fala ou envia vídeos pessoais. Ele se sente mais perto do profissional da sala de aula nesses momentos, o que promove o ambiente escolar, ainda que por momentos, afastando essa pressão tanto do confinamento, quanto da figura da mãe no lugar do Educador. A Rita, minha outra filha, tem me socorrido nas horas difíceis. E as professoras têm sido muito atenciosas quando preciso. Mas estes vídeos pessoais, com a sua imagem, essa visualização e a relação direta com o Rafael, ajuda muito a pressão do ensino constante em casa, por nós, que não somos qualificados, ou que já temos outros papéis na vida dos filhos. Isso ajuda nesse desgaste e eu sou muito grata a você. (Dedicado a professora Sônia)”

*Janaina Nascimento Aguiar*

“ Meu nome é Sônia Aparecida Silva da Costa. Sou professora formada em Normal Superior na Unipac, Universidade Presidente Antônio Carlos, na cidade de Neves, em Belo Horizonte em Minas Gerais. Já faz 40 anos que exerço esta profissão de ensinar. Sempre atuando na área de alfabetização com crianças de 3 a 7 anos. A quem interesse, saiba que sou apaixonada por ser professora e ainda poder estar atuando aos

meus 57 anos, faço isto com boa vontade e enorme dedicação. É bem difícil alguém ou algo capaz de me impedir alcançar meus objetivos em relação ao que me proponho. Compartilhar minha experiência como educadora neste momento de pandemia é muito prazeroso. Apesar das limitações, estou chegando até meus alunos com sucesso. Muitos desafios já foram alcançados, mas é bom não esquecer que sempre tem mais uma ideia e estratégia que possa ser criada ou reinventada. E eu reinventei. Enquanto matutava uma forma dos alunos pegarem as atividades que a escola se propôs fazer, a impressão das atividades, daí, uma recordação, uma padaria. E o que isso quer dizer? Para que as minhas atividades, meus incentivos, e principalmente minha vontade de me fazer presente só foi possível através de uma nova amizade que acabei construindo com a dona da padaria, que fica pertinho da escola. Pedi a permissão para deixar as atividades para os alunos e ela prontamente permitiu e ainda deixou uma caixa reservada para que as famílias deixassem as atividades que seus filhos já haviam feito. Assim, a ideia foi abraçada por todos. Em outra oportunidade preparei uma tarde de correio elegante, onde houve a troca de recadinhos de alunos com alunos e professores através de áudios nos grupos de WhatsApp. Foi emocionante e divertido. Parecia que estávamos na sala de aula. E se você gosta de emoções, precisava ver que maravilha foram as participações dos alunos vestidos de mamães e papais no dia das mães e dos pais. Foi um verdadeiro desfile virtual, com novidades da moda e poses elegantes. Enfim não é um momento educacional como desejamos, como queremos, como sempre sonhamos. Mas não está, descobri que não é impossível de fazer a família se tornar um jardim de flores e nem mesmo transformar o grupo de WhatsApp em uma sala

de aula. Fazendo dele um lugar aprazível recheado de vídeos, recadinhos, elogios, fotos de alunos e deveres. Sinto-me honrada, apesar das limitações, muitas pessoas têm se encantado com as ideias que brotam do meu jardim de letras.”

*Sônia Aparecida Silva da Costa*

Depois de passear nas águas que brotavam na fonte de um jardim de Minas Gerais, ter colhido ali muitas belas flores, novamente, o barquinho a vela paira em outras águas, as do rio Corrente, esse, divide duas cidades, a de Santa Maria da Vitória, e de São Félix do Coribe. Daqui desses dois lugares, uma única voz ressoa, a de uma professora que reside na primeira cidade e leciona na segunda, respectivamente. A voz é de Juliana da Silva Souza, depois que ouvimos e escutamos, o barquinho estava pronto, para retornar para o estado de Goiás.

“ Voltar as aulas remotas não está sendo fácil, é como se eu estivesse aprendendo a ler. É uma dificuldade muito grande e muito exaustivo tanto para o aluno, quanto para o professor. Pois o trabalho é maior em todos os sentidos, tais como: a falta de um sinal com qualidade da Internet, com o atraso, às vezes, do aluno para entrar no aplicativo da aula, com isso atrapalhando o professor e os outros alunos pois ele já entra na metade do assunto explicado, sem contar com o material incompleto no horário da aula. Muitas das vezes em função do atraso tenho que fazer a chamada duas vezes, não está sendo fácil.”

*Juliana da Silva Souza*

Duas vozes se ecoam, vozes advindas de instituições de ensino da cidade de Jataí. A primeira, a de Marina Silveira, professora pedagoga, que atuou como subsecretária regional de educação do estado, nesse município, também ex-secretária de cultura da cidade,

“ Um dos efeitos mais gritantes da crise do coronavírus para as instituições de ensino, com o modelo proposto, com aulas remotas, foi escancarar a desigualdade que existe na comunidade escolar brasileira. Enquanto algumas famílias podem oferecer equipamentos, recursos de qualidade para seus filhos continuarem a rotina dos estudos, outras não têm a mesma sorte. Há casas em que cada filho tem um quarto, um *smartphone*, *laptop* individual; há casas em que 3 a 4 irmãos dividem não só o mesmo quarto, mas, o mesmo celular da família. Esse é um debate que precisa acontecer no percurso do ensino aprendizagem *online*. Ao que circunscreve a situação das aulas remotas, especialmente na educação básica, obviamente, elas reforçam de alguma forma o compromisso das famílias e dos estudantes, com a educação, com a escolaridade. Nesse sentido, mantém principalmente com a primeira fase, o interesse, a relação, o gosto pelos estudos, apesar de ser muito novo e pouco compreendido por eles, já que não desenvolveram essa cultura e não foram preparados pra isso. Mas enfim; com a clareza de que a volta das aulas presenciais é uma incógnita, penso que seja necessário, bastante urgente, políticas públicas governamentais garantindo que esse ensino aprendizagem seja entregue com o mínimo de qualidade possível aos nossos estudantes!”

*Marina Silveira*

A segunda voz brota da chefia da Unidade Acadêmica de Educação, da Universidade Federal de Jataí, professora adjunta, Eva Oliveira, entende que,

“ O ensino remoto falseia o sentido do processo formativo dos/as estudantes. Ou seja, em pleno momento da pandemia, a grande maioria dos/as estudantes não tem condições psicológicas de acompanhar os estudos por vários motivos: o medo (a maioria não estão em isolamento social, pois tem que trabalhar), a angústia do confinamento, a falta de ambiente propício aos estudos em casa, a falta das tecnologias de comunicação necessárias, falta de Internet ou, a Internet ruim, também, o excesso de trabalho em casa (*home office*, o cuidar das crianças, acompanhá-las nas aulas *online*, cuidar da casa, cuidar de doentes, etc.); questão do desemprego, falta de dinheiro para comprar o básico para sobrevivência. Portanto, não existem condições de executar o Ensino Remoto na UFJ, com o mínimo de aproveitamento do processo de ensino-aprendizagem.”

*Eva Oliveira*

Estando em Jataí as vozes clamam sem cessar. Para Elisa Fernandes, acadêmica em pedagogia,

“ As aulas remotas não são acessíveis a todos, pois, alguns/as estudantes não têm computador, Internet, etc. Também, penso que os/as estudantes não aprendem com essas aulas, a qualidade não é a mesma que a aula presencial.”

*Elisa Fernandes*

As vozes ressoam por todos os lados, agora o barquinho navega para o sul do país e para nas águas de Foz do Iguaçu e Curitiba. Dali, de uma cidade chamada Guarapuava, no centro-oeste do estado do Paraná, escuta-se uma voz com tonalidade serena e muito bem compassada, a de Maria Luiza Antoniucci Zadra, uma ex-pibidiana, aprovada na seleção da residência pedagógica e integrante do grupo de pesquisa: História, ensino e aprendizagem, do Laboratório de ensino de história da Universidade Estadual do Centro Oeste,

“ Quem nunca ouviu que a História serve para que possamos conhecer o passado, desta forma entender o presente e não repetir os mesmos erros no futuro? Este conceito é conhecido como ‘Historia Magistra Vita’ ou ‘História Mestra da Vida’ e é atribuído ao romano Cícero (106-43 a.C). Partindo desta máxima, é possível alegar que a história se repete como um eterno ciclo e que a ela cabe o papel de ser a grande conselheira para os seres humanos. Entretanto, para a historiografia atual e para o mundo moderno, não é viável que se pense na História desta maneira. O historiador alemão do pós-guerra Reinhart Koselleck,<sup>14</sup> especialmente em sua obra ‘Futuro Passado’, dedica inúmeras laudas para discorrer acerca do porquê a História não deve mais ser configurada como uma verdadeira escola da vida. Ele inicia comentando sobre como a Revolução Francesa de 1789 foi um fenômeno sem precedentes, realmente inédito e que transformou – processualmente – toda a configuração da sociedade francesa, que ainda possuía resquícios do medievo, e gradativamente influenciou mudanças de conjuntura em todo o Ocidente. Koselleck alega que, se a Revolução Francesa foi um acontecimento nunca antes

---

<sup>14</sup>KOSELLECK, Reinhart. “Historia Magistra Vitae”. Em: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

visto, a hipótese da história que se repete tornou-se obsoleta e foi superada. Logo, para driblar os obstáculos propostos por novas conjunturas, os seres humanos não vão encontrar soluções na análise dos eventos passados. Dito isso, a pandemia ocasionada pelo coronavírus, que acometeu drasticamente o mundo todo em fins de 2019 e, até a presente data, o ano de 2020 foi um fenômeno jamais visto. Sem a possibilidade de buscar orientação em situações passadas, o Brasil (e o mundo todo) precisou buscar soluções inéditas – algumas acertadas, outras nem tanto. Uma destas foi a implementação do ensino remoto para o Ensino Básico e Ensino Superior, visto que o país está – teoricamente – em estado de isolamento social para evitar a circulação do vírus. É inegável que na prática as aulas remotas contam com uma série de antíteses, desde a falta de acesso a eletrônicos até a saúde mental dos estudantes estar abalada. Metodologias ativas e inclusão de tecnologias digitais, para Dias-Trindade, Mill e Vieira,<sup>15</sup> são essenciais para a construção de uma educação híbrida. Esta educação híbrida pode realmente tornar as aulas mais dinâmicas e contribuir para a melhoria da relação ensino-aprendizagem, é conveniente que a educação acompanhe o desenvolvimento da tecnologia digital. Mas para isso, é necessário que ajam meios de aplicar as metodologias ativas, durante a situação do ensino remoto durante a pandemia, o sentimento entre os estudantes é de que pouco se levou em conta suas dificuldades e o que lhes afligem. Portanto, o problema não está em ter aulas a distância e sim, na maneira que elas foram e são conduzidas. Além dos problemas técnicos e sociais do ensino remoto,

---

<sup>15</sup>DIAS-TRINDADE, Sara, MILL, Daniel Ribeiro Silva e VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. “Educação, Tecnologias e Inclusão digital”. Em: *Revista Diálogo Educacional* 18.58 (2018), pp. 596–602.

cada matéria tem sua especificidade e se isso não for levado em conta o aprendizado pode ser comprometido. Como já mencionado, Koselleck<sup>16</sup> defende que não há como espelhar novas situações em situações passadas já que elas jamais serão idênticas, dito isso, considerar as antíteses da nova conjuntura e a partir delas desenvolver novas sínteses e assim mantendo ativa a dialética, é de extrema importância para que os recém-formados obstáculos sejam, pelo menos, amenizados.”

*Maria Luiza Antoniucci Zadra*

De Guarapuava, o barquinho volta para os rios, cachoeiras e lagos de Goiás e novamente fica a balançar no lago Diacuí, da cidade de Jataí. Aproximamos da Universidade Federal de Jataí, uma amiga e colega de profissão, a doutora e professora de artes do curso de pedagogia, Suely Lima, revela sua voz:

“ Poderíamos passar o ano pedindo que leiam livros literários, no seu tempo. Isso é uma diferença legal e oportuna no aprendizado. Ou talvez, não pudéssemos ‘se quer fazer’ ou realizar essa demanda, pois, muitos estudantes não têm livros, as bibliotecas estão fechadas, afinal, buscar onde? Leitura pelo celular? Não! Então, qual caminho? Em casa trocando saberes, diálogos e conversas com os pais, avós, estamos em momentos de saberes culturais, deve ser esse o caminho. Penso o mesmo para a universidade, não temos condições e nem estruturação para proporcionar um aprendizado. E realmente, a grande maioria está cedendo (emprestando) o computador (quando possuem) ou o celular para seus filhos estudarem remotamente.”

*Suely Lima*

---

<sup>16</sup>KOSELLECK, “*Historia Magistra Vitae*”.

Nesse mesmo espaço de tempo, ouvimos e escutamos carinhosamente a voz, a da brilhante técnico-administrativa em educação, doutoranda em ciências da saúde, na Faculdade de Medicina de Universidade de Goiás, Marina Oliveira:

“ Estamos vivendo um momento de pandemia, que ultrapassamos 100 mil mortes em nosso país, momento esse em que muitos brasileiros estão vivenciando suas dores, perdas de entes queridos e amigos, além de viver angústias internas (ansiedade, depressão, medo da morte, medo da doença). Alguns alunos hoje da universidade são pais, muitos estão trabalhando e tendo que ao mesmo tempo supervisionar seus filhos que estão tendo aulas remotas. Esses alunos terão tempo e condição psicológica para terem aulas remotas? Qual a realidade dos alunos que estão na universidade? Ouvi um depoimento de uma mãe hoje, que disse que tem dois filhos, trabalha meio período e tem que supervisionar as aulas remotas de seus filhos, e depois das aulas auxiliá-los nas tarefas de casa e ela me relatou que está faltando pouco para ela ‘surtar.’ É preciso pensar muito, planejar de forma equânime soluções para que não prejudiquemos ainda mais o estado mental de alunos e professores.”

*Marina Oliveira*

As vozes aumentam e ecoam. Novamente os ventos sopram o barco a vela, estamos mais uma vez no estado de Minas Gerais. Ali, a voz é da universitária, Ana Carolina Oliveira Santos, graduanda em zootecnia, membro do núcleo de estudos em pecuária de corte – NEPEC, da Universidade Federal de Lavras – UFLA, faz uma ponderação significativa sobre as aulas remotas:

“ Eu, Ana Carolina Oliveira, graduanda do 9º período de Zootecnia pela Universidade Federal de Lavras, Bolsista há 4 anos de iniciação científica e membro do Núcleo de Estudos em Pecuária de Corte da mesma universidade, creio que o ensino remoto realmente não é equivalente ao ensino presencial. Entretanto, na atual situação acho válida a opção por se tratar de uma ação emergencial. Em minha universidade, estamos em aulas remotas já a alguns meses. Antes de tudo a instituição fez pesquisas de opinião e também escutou estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que poderiam ou não ter acesso à Internet. Desta forma, tais alunos recebem um auxílio, como empréstimo de *notebooks*, e também um auxílio financeiro para poderem acessar todas as plataformas e materiais oferecidos pela UFLA. Além disso, caso hajam alunos que prefiram não participar do período, podem trancar o mesmo. Tendo em vista tais fatos, acho válido e necessário o estudo remoto que visa uma solução, ainda que, não perfeita, para a atual conjuntura.”

*Ana Carolina Oliveira Santos*

Do contexto agrário da Universidade Federal de Lavras em Minas Gerais, o barquinho velejou até o estado de Goiás e pairou nas águas de um dos lagos de Jataí, em Goiás. A voz é da professora adjunta do curso de Geografia da Universidade Federal de Jataí, Rosana Moragas Ribas,

“ Com relação ao ensino remoto, sou contrária, pois considero que não há ensino, pode haver uma transmissão de conhecimentos, não uma relação de ensino-aprendizagem. Por isso, considero que não exista ensino. Entendo que o momento é muito complicado também.”

*Rosana Moragas Ribas*

Ainda nas águas termais de Jataí, o barquinho e os navegantes escutam uma voz do contexto pandêmico na ótica do ensino de libras, uma sublime conexão,

“Meu nome é Érica Ferreira Melo, sou graduada em pedagogia (UFJ) e Letras Libras (Instituto Kallen), especialista em educação infantil (UFJ) e mestre em educação (UFV). Trabalho na área de libras há mais de 10 anos, tanto na área de docência quanto na área de tradução e interpretação. Seguem minhas considerações sobre o contexto educacional que trabalho, neste período de pandemia. No início da pandemia, precisamente em março de 2020 estava trabalhando na UFJ como professora substituta de libras, vinculada ao curso de letras português. Neste momento o semestre letivo tinha se iniciado a um pouco mais de 2 semanas, assim, as aulas foram interrompidas o que deu início as reuniões virtuais com os docentes e demais funcionários da instituição, tanto para resolver demandas administrativas, quanto para debater sobre as possibilidades de retorno das aulas remotas.

Desde o início, os debates em torno da volta às aulas, de forma remota, além de trazer à tona questões sobre as condições sociais e as dificuldades de acesso à Internet dos discentes, sempre traziam a preocupação com os discentes surdos, visto que estes tinham muita dificuldade em dominar a língua portuguesa, uma vez que não se tratava da língua natural dos surdos. Desta forma, o trabalho dos tradutores-intérpretes de Libras da instituição, deveria se estender às aulas remotas, para que os graduandos surdos tivessem acessibilidade ao ensino. Apesar de participar destas discussões, meu contrato como professora substituta na instituição se encerrou em julho de 2020, de modo que não presenciei o retorno das aulas remotas, que aconteceria em meados de

setembro do mesmo ano. Penso que o retorno das aulas de Libras para alunos ouvintes e surdos poderia acontecer, pois trata-se de uma língua na modalidade visio-espacial. Deste modo, mesmo antes da pandemia, organizávamos 30% das aulas de Libras no formato EaD, com o auxílio da plataforma SIGAA adotada pela instituição, uma vez que a UFJ permitia tal porcentagem de aulas EaD desde que constasse no plano de ensino. Entretanto, compreendo que as disciplinas, com toda sua carga horária neste formato, devem contar com uma estrutura maior, que corresponda ao acesso de Internet maior, a materiais de qualidade, instrumentos estes que muitos alunos não possuem. Os graduandos, na maioria das vezes, utilizavam o aparelho celular para realizar as atividades de libras, o que se torna inviável para uma ou mais disciplinas com carga total, além de possuírem um acesso à Internet ilimitado ou insuficiente para tal ação.

Esta situação de falta de acesso à Internet e materiais necessários também se repete com os graduandos surdos, estes estão matriculados em diferentes cursos da instituição: pedagogia, direito, enfermagem, agronomia, engenharia florestal e psicologia. Assim, o trabalho dos tradutores intérpretes e dos professores destes alunos precisa se desenvolver de forma conjunta, com metodologias de ensino voltadas para as especificidades surdas.

No mesmo mês em que o meu contrato na UFJ se encerrou tomei posse como instrutora de Libras na prefeitura de Jataí. Neste sentido, estou lotada na Secretaria Municipal de Educação. As aulas na rede municipal continuam de forma remota, os vídeos são gravados em um estúdio físico, no qual os professores se direcionam até lá e gravam suas aulas, em vídeos curtos. As salas que tem alunos surdos matriculados,

contam com a tradução-interpretação de um intérprete. Tal situação me deixa um pouco apreensiva, pois o intérprete deve fazer esta interpretação de forma literal, o que nem sempre é compreendida pelos alunos surdos, que são crianças e não dominam a Libras de forma completa. Eu deveria estar realizando tal trabalho, entretanto, estou na reta final da gestação, que não permite tal ida para o estúdio de gravação, de modo que continuo trabalhando em casa, em projetos e ações da secretaria.”

*Érica Ferreira Melo*

O rumo do barco a vela segue novamente para o estado do Paraná. A voz a ser ouvida e escutada é da área da saúde, o barquinho, após deixar o lago JK em Jataí, agora paira sobre as águas do rio Paraná. A voz brota novamente da cidade de Guarapuava, a do acadêmico Cristiano Walter de Farias, do curso de enfermagem da Universidade Estadual do Centro Oeste.

“ A Educação a Distância (EaD) é uma ferramenta na educação brasileira legitimada pela Lei nº 9.394/1996 em seu artigo 80, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN),<sup>17</sup> regulamentada pelo decreto no 5.622, de 19 de dezembro de 2005.<sup>18</sup> Apesar disso, sempre houve uma certa resistência em seu uso e emprego, principalmente do que diz respeito as ciências da saúde, muito influenciada pelos modelos biomédicos de educação, fragmentados, mecanizados, tecnicistas

---

<sup>17</sup>BRASIL. *Lei No 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.* 1996.

<sup>18</sup>BRASIL. *Decreto no 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.* 2005.

e, por essência, práticos.<sup>19</sup> Diante da possibilidade de ampliação do debate sobre educação a distância e formação na área de saúde proporcionada por este momento de pandemia e paralisação do ensino presencial, cabe a reflexão sobre a forma que as Instituições de Ensino Superior (IES) devem se adequar a este cenário. Como formar profissionais de saúde aptos a enfrentar esta grave situação de saúde pública sem dispor dos recursos presenciais que por anos foram utilizados de maneira praticamente exclusiva? Em resposta a esta nova dinâmica de ensino, surgem os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), da educação básica ao ensino superior, que são caracterizados como ‘sistemas computacionais disponíveis na Internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação’, com o propósito de oferecer uma estrutura organizacional para o desenvolvimento de atividades a distância, de modo a integrar e dinamizar as múltiplas mídias, as múltiplas linguagens e múltiplos recursos digitais existentes no mundo virtual.<sup>20</sup> Ferramentas como esta instrumentalizam o ensino, com isso, o educador pode optar pela abordagem metodológica disponível que mais se adéqua ao tema a ser apresentado, possibilitando assim a alternância entre o ensino remoto e presencial, uma tecnologia perfeita para a introdução de um ensino hí-

---

<sup>19</sup>CUTOLO, Luiz Roberto Agea. “Modelo Biomédico, reforma sanitária e a educação pediátrica”. Em: *Arquivos Catarinenses de Medicina* 35.4 (2006), pp. 16–24.

<sup>20</sup>ANTUNES, Macyra Celly Sousa. “Educação dos profissionais da saúde através da ead: um olhar no Rio Grande do Norte”. Em: *Anais do III Colóquio Nacional de práticas integradoras em educação profissional*. 2014; TORREZ, Milta Neide Freire Barron. “Educação a distância e a formação em saúde: nem tanto, nem tão pouco”. Em: *Trabalho, Educação e Saúde* 3.1 (2005), pp. 171–186.

brido. No entanto, a realidade fez com que esta introdução ocorresse de forma mais drástica e abrupta.<sup>21</sup> O processo de adaptação sem dúvida está sendo duro, alunos e professores readequaram suas rotinas, suas formas de ensinar e aprender, suas dinâmicas de comunicação e socialização, vivemos um mundo novo onde o acesso à educação pode ser limitado a qualidade e disponibilidade da rede de Internet do indivíduo. Sendo assim, mesmo com o enorme avanço das plataformas de ensino remoto, é preciso ter cautela ao discutirmos sua real efetividade. Com isso, voltamos ao questionamento: como formar profissionais de saúde aptos? Com pesquisas em ensino? Se já é difícil compreender as fragilidades e potencialidades presentes no contexto atual, prever os impactos do EaD emergencial na educação se mostra ainda mais complexo. Para formar profissionais aptos será necessário analisar de maneira rigorosa as inevitáveis repercussões geradas, positivas e negativas, a fim de compreender e estruturar uma resposta efetiva e direcionada para as disfunções encontradas.”

*Cristiano Walter de Farias*

Do estado do Paraná, o barquinho ruma seu leme para uma nova cidade, atravessa a fronteira de Goiás e navega até as águas do estado do Mato Grosso do Sul, precisamente na cidade de Campo Grande. Dali, uma voz faz eco novamente, a da professora e doutoranda Diovana Ferreira de O. Thiago. Pode-se afirmar que essa voz ressoa em dois espaços educativos distintos, o primeiro, revela o aspecto da experiência escolar da educação básica da cidade de Mineiros-GO, onde de fato mora a professora, e, por conseguinte, traduz em linhas ocultas, seu trabalho de doutoramento,

---

<sup>21</sup>TORREZ, “Educação a distância e a formação em saúde: nem tanto, nem tão pouco”.

“Estou vivenciando a imposição mercadológica de aulas remotas como docente em uma escola privada. A empresa, que vende neste cenário e já antes dele vendia a ideia de educação de excelência como um produto para poucos. Impõe aos professores continuar entregando de forma remota o mesmo conteúdo que entregava no modelo presencial. Não há qualidade, há uma ilusão dos pais que pagam pelo ensino remoto que seus filhos estão saindo na frente, a escola pensa que ganha mantendo o aluno matriculado. Mas quem ganha nisso tudo são as empresas que estão vendendo a ideia de educação do futuro, híbrida e restrita a uns poucos privilegiados. Devemos fazer o enfrentamento não do modelo, que afinal é o único meio de ocupar os espaços de embate agora. Devemos fazer o enfrentamento de ideias sobre o educar, sobre os privilégios, sobre currículo, sobre formar e educar. O que percebo nesse contexto é o aprofundamento das desigualdades. Os subalternos são cada vez mais invisíveis, a escola excludente agora está em todos os espaços. Escancaradas estão as situações em que a escola se torna lugar de exclusão.”

*Diovana Ferreira de O. Thiago*

Saindo do Estado do Mato Grosso do Sul o barco entrou novamente no estado de Goiás, tendo ancorado na cidade de Mineiros. O barquinho ainda velejava, era noite e o vento soprou-o até margear a cidade de São Luiz de Montes Belos, com seus 30 mil habitantes. De lá, a voz de uma aluna de psicologia, do Centro de Montes Belos, exclamou:

“A chegada da pandemia de Covid-19 escancara problemas que há muito eram varridos para debaixo dos tapetes ideológicos, sendo um deles a instituição de ensino brasileiro. O

ensino brasileiro, a quem tem servido de fato? Suas leis são regulamentadas em nome de quem? A instituição brasileira há tempo vem sendo negligenciada. São perguntas que não tem sido feitas com tanto peso quanto deveriam. O ensino, há tempo, tem sido usado como ferramenta de controle de pensamento e comportamento. Ter total controle sobre o que e como é ensinado é uma vantagem que o Estado carrega sobre a população que, por sua vez, fica à mercê dos interesses de distantes e opacas autoridades. E a academia que deveria fornecer espaços para a razão e a experiência como formas de conhecer o mundo tem sido transformada em linhas de montagem que repassam técnicas e fórmulas de produção em massa. Não é de se negar que a técnica e as fórmulas também são necessárias, mas em um processo inteiro e complexo de possibilidades de formação do indivíduo, técnica pela técnica só é interessante para robôs. Um ensino acrítico agora também é um ensino distante, e não apenas em sua forma, mas em sua função. Distante, pois a educação que possibilita a emancipação e a autonomia do indivíduo agora se separa da humanidade, que a ela deveria ser inerente. Distante, pois uma instituição do interior que fornece ensino tanto para sua cidade de instalação, quanto para povoados e cidades ao redor, que deveria servir de libertação, agora serve a alienação. Em um momento em que a morte, o desespero, a fome, o desemprego e as incertezas espreitam uma sociedade inteira, não colocar em pauta o ideal e o real, o esperado e o possível, é se distanciar das possíveis resoluções dos problemas. A mudança da modalidade de ensino não só faz pouco em relação aos problemas existentes como cria mais barreiras até a educação libertadora. As desculpas de que o mercado é o responsável por ditar as regras no mundo, a falácia da con-

corrência engole quem não se adapta, e o discurso da meritocracia fazem com que instituições de ensino continuem mentido sobre o que é educação, reduzindo-a a um certificado de horas dispensadas dentro de uma instituição e criando um ambiente de segregação e impossibilidade de movimentação humana.”

*Raquel Vieira Gomes*

Tendo escutado a voz da aluna da cidade de São Luiz de Montes belos, ainda no estado de Goiás, ouve-se outra aluna mas, da cidade de Jataí, ainda no primeiro período do curso de pedagogia da UFJ, Maria Eduarda Santos, também foi ouvida e escutada, essa universitária participou apenas de duas semanas de aulas presenciais,

“ Eu que sempre tive a rotina muito corrida, me senti extremamente improdutiva, não aguentava mais ficar em casa sem fazer nada, acordava aguardando ansiosamente o momento ou hora de ir dormir por simplesmente não aguentar mais o tédio. Procurei dentre os meus livros algum, que eu nunca tinha lido ou relido e não encontrei nenhum. Resolvi falar com meu professor/orientador para saber se a faculdade estava com a biblioteca aberta, eu precisava de leitura, ocupar minha cabeça, aprender algo novo. Foi então que ele me disse que podia me emprestar alguns livros, o que me salvou do tédio, me devolveu o hábito da leitura que eu estava perdendo.”

*Maria Eduarda Santos*

Após escutar as duas universitárias do estado goiano, o barquinho dirigiu-se para ouvir um universitário do estado do Rio de Janeiro. Enquanto o barquinho pairava nas ondas do mar de Copacabana, fomos até a Universidade Federal do Rio de Janeiro e, prontamente a voz foi escutada,

“Meu nome é Pedro Jardim Penna e faço parte do corpo docente da Faculdade Nacional de Direito da UFRJ. A situação pandêmica que o mundo enfrenta em 2020 tem produzido resultados extremamente traumáticos para a sociedade em um aspecto geral. No caso brasileiro, a situação se mostra ainda mais grave, muito por conta da péssima gestão de crise das autoridades competentes. Nesse contexto, podemos analisar a atuação das faculdades públicas em alguns prismas. De imediato, é imprescindível destacar a produção científica destas, cujas pesquisas nos trouxeram diversos avanços no que tange ao combate do Covid-19, tais como o mapeamento do genoma do vírus, a fabricação em massa de respiradores com custo reduzido, a criação de sistemas de acompanhamento operacional dos hospitais e leitos disponíveis... A universidade pública consegue, mesmo com os frequentes cortes de verba e contingenciamentos, se fixar como um antro de resistência brasileiro, oferecendo soluções e alternativas à falta de ação dos governantes. Por outro lado, a situação educação no âmbito virtual decorrente da impossibilidade do contato presencial, nos mostra uma cruel faceta do contexto brasileiro, sua latente desigualdade. Ainda que as universidades tenham proporcionado auxílios estruturais aos estudantes, esses se mostram insuficientes frente ao abismo da desigualdade. Muitos alunos simplesmente terão o direito à educação negado, pois os requisitos básicos para uma educação virtual não chegam até eles - aqui podemos falar de conexão estável com Internet, aparelhos tecnológicos, entre outros. Assim, a universidade pública, que cada vez mais caminhava para ser um polo de arrefecimento das desigualdades (vide as políticas de cotas), volta a ser um ambiente excludente e desigual. Contudo, é leviano culpar somente as universidades

por tal déficit. Ao olhar somente pela perspectiva destas, a alternativa seria, então, suspender as atividades por prazo indeterminado, causando uma bola de neve no sistema de educação superior, já que um gargalo seria formado por conta dos novos ingressantes (àqueles que terminariam o ensino médio nessa situação de crise). Pode-se concluir, portanto, que as universidades, por mais que resistam, são reféns dos quereres dos governos federais, já que estes controlam ativamente a quantidade de recursos disponíveis. Em um mundo ideal, poderíamos estar falando sobre como a lógica virtual pode acrescentar na experiência do ensino superior. Entretanto, com a trágica situação de desigualdade brasileira, esse mundo ainda nos é distante.”

*Pedro Jardim Penna*

Deixar a praia de Copacabana não foi fácil, as velas e o mastro já tinham direção certa, o barquinho navegou para as águas dos rios de Goiás, o vento era forte, entretanto, três vozes das ciências da saúde soaram como campainha em três cidades distintas, Rio Verde, Goiânia e Jataí, a de uma enfermeira e doutoranda na UFG, um professor do curso de enfermagem da Universidade Federal de Jataí e um profissional de educação física, que também é subcoordenador regional de apoio à educação permanente - Regional de Saúde Sudoeste da Secretaria de Estado da Saúde de Goiás (SES-GO),

“ É fato que o aparecimento, na China, da síndrome respiratória aguda grave, coronavírus 2 (SARS-CoV-2), primeiramente chamada de novo coronavírus e, atualmente, Covid-19, provocou uma grande pandemia em vários países. Nesse sentido, o impacto dessa doença leva-nos a refletir a respeito dos aspectos da formação dos professores brasileiros em meio

a esse momento pandêmico vivido no ano de 2020. Diante disso, este trata-se de um estudo reflexivo, baseado em experiências pertinentes ao tema, considerando a educação nos três níveis e a formação dos professores que atuarão nessa área, bem como o uso das tecnologias remotas. Assim, foram considerados abaixo dois aspectos em relação às aulas ministradas no ensino remoto: Aspecto Desfavorável: Primeiramente, uma das principais questões apontadas pelos professores é: a sobrecarga de tarefas com o serviço remoto. Além de sentirem-se expostos em seus próprios domicílios, já que o emprego foi deslocado para suas casas, os profissionais também enfrentam dificuldades no gerenciamento de multitarefas, a fim de que não ocorra confusão nas incumbências domiciliares e profissionais. Ademais, nota-se que os professores passaram a ter acesso à diversas plataformas, anteriormente ausentes em seu cotidiano, e precisaram entender o funcionamento dessas ferramentas mesmo sem formação pedagógica prévia, o que exigiu ainda mais desses profissionais. Nesse viés, percebe-se, atualmente, professores gravando aulas, vídeos e enviando tarefas, de maneira que muitos deparam-se com problemas de acesso à Internet, problema que se estende ao aluno, pois nesse momento o aluno que não participa ou seja, não entra na aula *online* pode ter ou pode alegar problemas de conexão. É uma situação extremamente cansativa para ambos os pares, pois como dito anteriormente o professor não tem a certeza se o estudante está realmente assistindo a aula em tempo real, pois eles desligam a câmera e o microfone, alguns chegam a ficar tímidos diante à exposição e preferem desligar. Esses fatores, há de se convir, são desestimulante para o professor, além de quê, não há garantias de que o ensino seja efetivo. Nesse novo modelo, o professor tem ficado a disposição do

aluno para além do período de aula para tirar as dúvidas. No ensino superior as instituições se deparam com um outro aspecto inoportuno que é a falta das aulas práticas, tendo que focar o ensino em exercícios e situações de campo. Então podemos nos perguntar: e a avaliação? Bom, nesta configuração tem sido no mínimo horrível para muitos professores, alunos e pais de alunos. Não dá para saber se ele estudou e se foi ele mesmo quem fez a avaliação, os bastidores são difíceis pois não receberam nenhuma formação, nenhum apoio para trabalhar com essas ferramentas disponíveis para levar informação disponíveis, principalmente os professores do interior do Brasil. A problemática de participação é a mais difícil. Neste viés, o estado aplica um perfil muito diferente do que é aplicado nos municípios, pois há uma diferença grande entre as plataformas disponibilizadas, e o professor que tem mais de um vínculo sofre para se adequar com suas limitações, buscando e aprendendo para ensinar, de maneira corrida, e com pouco retorno, realidades diferentes, sofrimento, e superação. Os pais sofrem muito, pois agora têm que ter contato direto com os filhos principalmente alunos de séries iniciais. O setor de gestão deve alcançar 100 por cento dos estudantes, mas isso não tem sido possível por conta de fatores sociais. Um dos aspectos preponderantes é a necessidade que o aluno tem de se relacionar, a carência, a falta do contato com a escola, eles devem se atentar aos aspectos psicológicos que o isolamento traz principalmente para crianças e adolescentes, o prejuízo cognitivo é indiscutível. É um dilema, pois os alunos são uma geração de estudantes ‘pluriestimulados’, mas nem todos têm computador e celular, usam o celular dos pais que ficam trabalhando o dia todo e o aluno tem que fazer as atividades à noite e em muitos casos, não é acompanhado pelos pais. O

aluno precisa ser mediado pelo processo, querendo ou não o professor precisa por meio do aluno aproximar o sujeito do objeto, na aula isso é possível. Existe uma cobrança incessante dos professores das atividades. Sabe-se que grande parte das famílias não têm condição de dar apoio, e acompanhar os alunos. Pais reclamam do volume de atividades, o que na verdade não mudou, o que mudou é que antes as tarefas eram feitas na escola, e agora realizadas em casa. Com base na experiência, os professores estão trabalhando muito mais que antes da pandemia. Situações tumultuadas e conflituosas, os pais não respeitam horário dos professores, mandam mensagens fora de horário de expediente do professor, exigindo respostas rápidas. Ponto auspicioso, nem tudo é desfavorável, cada situação traz também seus efeitos. Podemos considerar por exemplo o fato de os professores poderem convidar professores de outros lugares, estados e países para poderem interagir no curso onde o mesmo leciona, ou na aula ao vivo. Esse convite torna enriquecedor o momento, e traz mais ‘empolgação’ aos alunos para a aula remota. Os professores brasileiros tiveram contato com ferramentas que nunca haviam conhecido e tiveram que desenvolver suas aulas e suas habilidades para conseguir se manter ativo no processo de aula remota. As experiências permitem dizer que as aulas remotas têm dois formatos: Instituições com aula *online* e aula ao vivo, professor interagindo em tempo real com alunos, e outro formato com apenas o envio de atividades. Os pais começam a perceber a diferença do ensino domiciliar, e nesse aspecto, haverá uma mudança na humanidade, que nunca mais será a mesma. A reflexão pretendida conduziu-nos a considerar que as aulas em momento de pandemia devem ser levadas em consideração pelas três esferas de governo em

unísson, cogitando zona urbana e zona rural. As escolas privadas trabalham dentro da sua realidade, o estado aplica perfil diferente do município, mas os alunos da zona rural têm que se deslocar diariamente, para baixar os conteúdos, organizar e voltar no local onde tem o sinal de conexão de rede de Internet. O governo não disponibilizou os mecanismos de acesso para professores e alunos. Em suma, o professor tem que reaprender sobre sua prática e formação, pois a maioria dos alunos brasileiros não foram preparados para modalidades de aula remotas, pois esse formato exige disciplina, considerando que ‘nós’ ainda somos fruto das notas (avaliação).”

*Reila Campos G. de Araújo  
Gleydson Alves Silva  
Cácia Régia de Paula*

Ainda nas águas do estado goiano, o barquinho novamente pairou no lago JK, na cidade de Jataí, e da UFJ, uma voz veio do plano universitário e administrativo, a do colega de trabalho, Naasson Lemos, pertencente ao quadro técnico-administrativo, também foi ouvida e escutada com atenção,

“ As aulas remotas, nesse contexto de pandemia/calamidade, têm suas características positivas. Mas é claro que também têm suas desvantagens. Porém, parado, inerte, inativo, em posição remota, não se pode continuar. Ficar parado, imóvel é a pior opção. O lado positivo das aulas remotas é a possibilidade de continuar com as atividades, a fim de não se perder totalmente o ano letivo. Nesse ponto, com o uso adequado da tecnologia é totalmente possível continuar com as aulas de forma remota, pelo menos a parte teórica. Desde que os desafios, tanto humano quanto tecnológico, sejam supridos, é

totalmente possível desempenhar atividades *online* com qualidade. Se os recursos funcionarem bem, didática recorrer ao mundo do coerente, por exemplo, as vantagens são enormes. Portanto, há vantagens e desafios. Mas, em minha opinião, vale muito a pena ter coragem para programar as aulas *online* na UFJ.”

*Naasson Lemos*

Do administrativo da Universidade Federal de Jataí, o barquinho veleja para outro espaço, o do administrativo da Universidade Federal de Goiás. Estando no recinto da Universidade Federal de Goiás, na biblioteca do Câmpus Samambaia, Prédio da Reitoria, uma voz ressoa em trabalho remoto,

“ Em conversas com colegas que são mães e pais e acompanhando pela mídia, esse momento desafiador pelo qual estamos passando, vejo que tanto as mães/pais quanto as crianças estão se desdobrando para se adaptarem ao novo normal. Todos fomos pegos de surpresa - as mães/pais que não estavam preparados para serem professores, muitos professores que não tinham habilidades para ministrar aulas *online* e nem tampouco as crianças para ficarem horas e horas estudando na frente de um computador. Vimos e ouvimos as queixas dos três lados. Esta situação está gerando traumas entre as famílias, seja porque a mãe/pai não possui os equipamentos necessários ou porquê não conhecem a matéria e se desesperam ao não poder ajudar. Por sua vez a criança muitas vezes não entende por que ela não pode ir à escola. Em minha opinião o distanciamento social não é salutar. Antes até tinha a falsa percepção de que trabalhar em casa, mesmo que fosse por alguns dias na semana, seria bom. Agora depois de trabalhar 167 dias em casa, tenho certeza de que não é mesmo, salutar.

Precisamos de nosso tempo de trabalho na instituição, do espaço que ocupamos, de nossos colegas, dos diálogos, e até dos desentendimentos. Agora temos que conciliar os trabalhos da casa com os da instituição, ‘em casa’, e a atenção aos nossos familiares, nem sempre é tão simples. São muitas as questões que envolvem a minha insatisfação com o trabalho remoto, por exemplo, o espaço e equipamentos inadequados, assistência e agilidade para resolver as questões, liberdade de ir e vir, a falta de contato presencial com as pessoas, só para citar alguns. Enfim, tem gente que até está pedindo demissão, por não suportar a situação. O que me motiva é pensar que logo teremos uma vacina, e assim poderemos retomar nossa liberdade, mesmo que tudo seja diferente, daqui para frente.”

*Cláudia Moura*

Saindo da capital goiana, o barquinho atravessa as fronteiras do estado de Goiás. Uma voz amiga é reconhecida, a da professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Sílvia Adriana Rodrigues.

“ No mês de abril fomos tomados de assalto com a exigência da universidade para ministrar aulas remotas. Desde então, professores/as e acadêmicos/a se desdobram como estudiosos na tentativa de garantir a coerência mínima entre uma proposta de ensino, democrática, de qualidade positiva e o contexto concreto que tem se apresentado nos desafiando de muitas formas. No campus e cursos que trabalho pode-se afirmar que, a realidades e disparidades foram reveladas: são acadêmicos assentados e/ou da zona rural de forma geral, indígenas, de cidades circunvizinhas, etc., que não têm acesso a comunicação via Internet ou a tem de forma acentuadamente precária. Há também os/as estudantes que até tem

acesso à Internet, mas não sabem lidar com as ferramentas tecnológicas. Soma-se a este quadro os professores/as (em sua maioria) que não estavam (e ainda não estão) habilitados de forma suficientemente satisfatória para trabalhar com o ensino remoto, para usar ambientes virtuais de aprendizagens e outras ferramentas digitais. É assim que foi o primeiro e também que se inicia o segundo semestre letivo de 2020.”

*Sílvia Adriana Rodrigues*

Do estado do Mato Grosso do Sul, o barquinho navega sem parar, move em direção às correntes dos rios equatoriais do norte do país, precisamente, curiosamente, mais uma vez, na capital mais chuvosa do Brasil. Acostumado e regado pelas chuvinhas equatoriais, escutamos de Belém, Weverton de Paula Castro, brasileiro, casado, nascido no município do Acará-PA, bacharel em teologia e filosofia (FADBA) também mestre em ciências da religião (UEPA) e doutorando em educação religiosa (Andrews University), também solta sua voz, ele é professor da Faculdade Adventista da Amazônia,

“ Lecionando no bacharelado em teologia na Faculdade Adventista da Amazônia, no início do ano 2020, me preparei para seguir o planejamento, conforme havia descrito na ementa do curso. No documento eu detalhava como as aulas seriam, o material usado, a forma de avaliação... Porém, a pandemia chegou e rapidamente as aulas presenciais foram canceladas. Alunos e professores precisaram se adaptar rapidamente. E, no meu caso, como já tinha familiaridade com a tecnologia, em algum sentido, parece que subestimei o porvir. Aliado ao trabalho de professores, também precisei desenvolver as habilidades de *youtuber*! E logo, de fato, compreendi que não era apenas a questão do conteúdo que deveria ser considerada,

toda a estética da coisa me atormentou. Logo fui tomado pela realidade contemporânea de que vídeos gravados e postados na Internet são informações que não se apagam mais, as quais têm um potencial de propagação desconhecido pelo emissor. E longe de enxergar tal possibilidade pelo ângulo positivo, confesso que me assustei diante dos perigos de tal exposição. Além de edição de vídeo, fui pesquisar sobre iluminação, enquadramento, ângulos... eu realmente queria preparar algo que fosse interessante para os alunos, mas ao mesmo tempo, tal dedicação também era fruto do medo da exposição social excessiva. Quantos memes já surgiram de profissionais no contexto da pandemia! Quantos famosos surgiram de um momento de descuido diante das câmeras! Então, surgiram as primeiras produções. Alguns vídeos foram gravados e regravados, até serem aprovados pela minha crítica pessoal. Me lembro que era comum me assistir mais de uma vez para me assegurar de que o material estava bom. Diferente do que muitos imaginaram, neste período, como professor, não trabalhei menos por estar em casa. O tempo de preparar e apresentar uma aula aumentou consideravelmente. Porém, agora era um trabalho mais invisível. Ninguém sabia dos bastidores das aulas remotas. Assim como um filme (guardadas as devidas proporções) que se exige uma grande estrutura por detrás das câmeras, cada hora de aula gravada era fruto de horas de preparação, gravação, edição e avaliação. No fim, foi um momento de aprendizado. Ao me assistir dando aula me enxerguei pela ótica do aluno. Foi um exercício de autoavaliação. Diante do computador pude perceber qualidades que eu não via, mas também fraquezas que podem ser consertadas.”

*Weverton de Paula Castro*

De volta do estado do Pará, o barquinho mais uma vez paira nas águas termais da cidade do sudoeste goiano, Jataí, a voz serena de mais um professor não deve ser confundida,

“ Caríssimos, meu nome, Wendel Paulo Oliveira, sou professor, formado em licenciatura plena em pedagogia no ano de 2019. Fui convidado para discorrer sobre o ensino remoto: estamos vivendo um momento único na contemporaneidade, não estávamos preparados psicologicamente, financeiramente, socialmente ou ainda profissionalmente para lidarmos com os desafios de uma pandemia. O ensino brasileiro não poderia ficar à parte de tudo isso. Nos primeiros dias de pandemia foi necessário um isolamento e também, uma pausa nas atividades escolares. A preocupação com o nosso estado de saúde é fatal, a comunidade escolar sabia disso. Como continuar com um cenário pandêmico? Após inúmeras reflexões ou ainda por uma solução mais rápida, as instituições escolares de nível municipal, estadual e federal resolveram retomar suas atividades dentro de suas expectativas e proporções. Infelizmente por não termos ainda passado pela pandemia, foi escolhido um retorno remoto, *online* ou como alguns dizem alguns, EaD. Desta forma, da noite para o dia, as comunidades escolares em todos os níveis precisaram se readequar. O professor precisa aprender a planejar virtualmente, reunir pedagogicamente, estar *online*, criar estratégias e materiais que atendessem não a uma sala de aula, mas sim, aplicativos e plataformas que seriam canais de transmissão. Os alunos e as alunas precisaram adquirir, atualizar e criar espaços que pudessem manter o mínimo de ambientação e logística para seu aprendizado, os familiares tornaram-se monitores educacionais. Desde modo, tudo precisou ser reinventado, mas será que a nossa educação foi reinventada? Será que nosso objetivo em ensinar foi atin-

gido? Será que os nossos professores conseguiram mudar seu plano de curso, criar uma nova didática, elaborar diferentes planejamentos ou ainda ter acesso a equipamentos tecnológicos que permitissem estar em contato com o/a discente? Nossos alunos e nossas alunas será que possuem material tecnológico para acessar estas aulas? Têm ambiente apropriado para o seu estudo? Ou ainda, têm preparação psicológica para tal ‘aventura’? Contudo, pode-se expressar, de fato, foi oferecido um ensino, mas, talvez, ninguém tenha refletido que o ensino seria um dia dessa forma. A meta principal da educação em seu sentido amplo é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram como pensou Jean Piaget.”

*Wendel Paulo Oliveira*

Saindo da cidade de Jataí de Goiás, o barco alcança a cidade de Curitiba no Paraná, daí navega no curso do rio Paraná. De lá, duas vozes ecoam, a primeira, a de uma professora, a segunda, a de um aluno. As vozes são recebidas numa fatídica tarde de domingo. A voz da professora ressoa, carinhosamente, gentilmente e, docemente, por um segundo, afasta-se de seu luto, sua mãe já não está mas conosco, mas sua voz continua na voz da filha, de magistério para magistério, a voz é recebida com muito carinho,

“ Sou Munira Gottardello De Rocha, professora de Filosofia e atuei no ensino superior por quase dez anos. Venho de uma família de professores, todos bons professores e comprometidos com a educação. Talvez por isso eu tenha relutado tanto em assumir esse ofício. Só perto dos meus 40 anos decidi que deveria me dedicar à Filosofia, ainda que fosse desejo antigo. Inicialmente, não tinha a pretensão em

assumir uma sala de aula, mas não teve jeito, um dia isso aconteceu e percebi que ali era minha casa. Estar com os alunos, ensinar e aprender, desafiar e ser desafiada, era motivador. Atuei em quatro instituições de ensino superior privado, em cada uma, uma experiência nova. Novos desafios, perfis diferentes, métodos diferentes, tempos e espaços diferentes, mas a vivacidade de um espaço de ensino/aprendizagem não mudava. Os encontros eram vida pulsante. Cada início de trabalho com uma nova turma era como o primeiro encontro dos músicos de uma orquestra, o tempo de aprendizagem em conjunto se fazia necessário, íamos nos conhecendo, nos reconhecendo no outro, descobrindo talentos, fazendo ajustes, acertando e errando, para que ao final, em harmonia, estivéssemos prontos para continuar a jornada. Por motivos pessoais, fui diminuindo a carga horária de trabalho em sala de aula e nos últimos três semestres, fiquei dedicada, quase que exclusivamente, a uma turma apenas do curso de Filosofia. E que turma... Garotos e garotas inteligentíssimos, sagazes, audaciosos, barulhentos, trilhando já o caminho da Filosofia não aceitavam facilmente qualquer argumento. As aulas eram, quase sempre, um embate de ideias, de pensamentos, argumentações elaboradas com precisão cirúrgica... penso que nunca chegamos a um consenso, a uma unanimidade de pensamento. Que bênção! Com esse entusiasmo, iniciamos o primeiro semestre de 2020. Foram apenas três encontros e veio a ordem de suspensão das aulas presenciais em função do novo coronavírus. Não preciso comentar sobre as incertezas, dúvidas e angústias pelas quais passamos. O que seria, a princípio, uma suspensão de 15 dias, já dura seis meses e, ao que tudo indica, deve se manter até o final do ano. Qual a solução encontrada? Recorrer aos aparelhos tecnológicos,

tão presentes em nossos dias e afazeres. Transformamos espaços de casa em salas de aula, mediados por computadores ou *smartphones*. Precisamos nos adaptar, diziam. É o novo normal, ainda dizem. Se a Covid-19 tirou a vida de tantas pessoas em todo o mundo, também tirou o vigor, a força, a alegria, o ânimo e, por que não dizer, a vida viva que só os encontros presenciais podem nos dar. Vi em meus alunos a apatia e o silêncio. Foi um desafio que não consegui vencer. A coordenação do curso organizou alguns eventos virtuais, com temas específicos, como os ‘Cafés Filosóficos’ que fazíamos de tempo em tempo. Foi uma experiência salutar, conseguimos alguns bons resultados, mas me fez perceber que eu sou da turma do quadro e giz. Assim, optei por deixar as aulas, pelo menos temporariamente. Mas temo que esse modelo esteja fincando raízes... o novo normal, lembram-se? O que teremos pela frente? Só o tempo poderá nos dizer, mas pensar que transferir a sala de aula para ambientes de videoconferências, com alguns ajustes e adaptações, é perda de tempo e de qualidade. Muito há para ser mudado para que algum sucesso seja alcançado. Espero que bons ventos soprem e soprem boas inspirações.”

*Munira Gottardello De Rocha*

A segunda voz é do aluno Jonas Santos da professora de filosofia Munira Gottardello, essa voz conta sobre a experiência das aulas remotas no contexto da Covid-19,

“ Dia 30/08/2020, eu Jonas de Castro Santos estudante de filosofia no curso presencial da instituição de ensino Padre João Bagozzi, localizada em Curitiba, declaro que de boa fé escrevo o que penso sobre a situação educacional no Brasil

em tempo de pandemia. Século XXI, sabemos que as pessoas possuem virtude e autonomia suficiente para dedicar-se ao próprio progresso intelectual, visto a situação atual acredito que devemos investir no autoconhecimento, está impossibilidade de estudarmos presencialmente trouxe-me novos desafios onde desenvolvi métodos didáticos que modificaram o meu entendimento do que vem a ser limitações. Vejo dificuldades, mas também solução, acompanho de perto o progresso educacional de um estudante de doze anos, e percebo que este momento trouxe uma nova percepção de aprendizado, vontade de conhecer, acostumar-se com uma nova vertente de capacitação, prontidão à inovação, resolução e resiliência, originalidade, aprender com a dificuldade e transformá-la em motivação, meios de progredir em meio a todo este transtorno pandêmico. Este período trouxe-me novos horizontes, tive a oportunidade de observar como deve ser uma liderança através da ótica de Leandro Karnal, e de Heloisa Helena Trajano, aproveitei o tempo com mais qualidade, pude ouvir Beethoven e ler ‘As Sátiras de Horácio’, assistir a execução das pinturas de Michelangelo através da sétima arte em ‘Agonia e êxtase’. Dessa forma, confesso que ao meu ponto de vista o conhecimento está ao alcance de quem o procura, e tem ‘amor ao conhecimento’, ‘Filosofia’. (Dedicado a minha querida professora Munira Gottardello)<sup>39</sup>

*Jonas de Castro Santos*

Voltando do rio Paraná o barquinho entra no curso do rio Claro no sudoeste goiano e para nas águas do lago JK, em Jataí, nova voz desponta no cenário e, é ouvida, a da professora do CEDUCE/GO, Celeni Miranda, doutoranda em geografia na UFJ, também gradu-

ada em direito com pós-graduação em direito e processo do trabalho, direito público, saúde e segurança do trabalho, e também licenciada em história,

“ Com esse cenário que a todos surpreendeu se não bastasse muitas preocupações com os protocolos para manter vivo, para além, os números de óbitos, esse conjunto de acontecimentos têm transtornado qualquer indivíduo em suas perfeitas faculdades mentais. Se não bastasse todo esse transtorno, tivemos que nos deparar com aulas não presenciais. No início foi um Deus nos acuda, primeiro com a enxurrada de informações, em todos os meios de comunicação disponíveis, aulas, vídeos, e-mails, Google Classroom, vídeos, conferências, nossa casa, celular e nossa rotina repentinamente transformaram-se em salas de aula, que antes, o contato era apenas com a comunidade escolar. Com essa nova realidade ficamos expostos demais, vulneráveis demais e sem privacidade. Nossos finais de semana, feriados e descanso deixaram de existir. Fomos obrigados a ler, estudar o dobro que antes e fazer tutoriais pelos recursos tecnológicos para aprender a lidar com todos os programas necessários para aulas não presenciais. Nós professoras/es para além de sermos obrigados a contratar Internet de ponta em casa e pagar caro por esse recurso, ainda fizemos de nosso celular e computador aparelhos públicos, sem nenhuma ajuda de custo do Estado ou quaisquer recurso financeiro para custear nossas despesas para manter essas tecnologias. Quanto a aprendizagem, os professores estão se desdobrando na elaboração de planos de aulas eficazes para a aprendizagem e o único apoio que os alunos dispõem na sua realidade de quarentena são os pais que precisaram aprender a aprender para ensinar os filhos ou acompanhá-los nessa árdua missão. Acredito que o ano de

2020 está irrecuperável nesse sentido, exceto se transferirem o mesmo para o próximo. De certa forma, a aprendizagem está imensuravelmente comprometida. Os professores que antes eram os protagonistas no ensino/aprendizagem, nestes novos tempos se transformaram nos algozes da educação. Para além das cobranças e exigências, ainda estamos sofrendo ataques. É como se o ensino fosse o vilão da história. Por outro lado, temos nesse tempo, uma classe de profissionais, em certo sentido, doente e, com sinais e transtornos visíveis psicológicos. Quero acreditar que, assim como todas as épocas de horror na humanidade passaram, esta também passará e que tenhamos representantes políticos altamente comprometidos com a educação em sentido amplo, que abracem de fato as instituições de ensino, para uma população mais consciente de suas ações.”

*Celeni Miranda*

Novamente o barco volta a cidade de Curitiba e outra vez navega no rio Paraná, dali escuta nova voz, a de um outro aluno que cursa filosofia numa instituição privada, sua voz fica rouca, ela está de luto pelo caos que o vírus instaurou na vida de milhões de pessoas,

“ Sou estudante de filosofia em uma instituição privada na cidade de Curitiba, PR, e o texto que se segue é minha visão de como essa instituição tem lidado com o ensino em período de pandemia. O ensino remoto surgiu como a grande solução para o problema do isolamento social trazido pelo coronavírus, e assim como uma visita indesejada que chega sem ser convidada, que come toda sua comida, apodera-se de seu sofá e fica até tarde na sua casa, o ensino remoto chegou até nós, sua falta de noção e bom senso apenas escancaram

o quão incômodo é a sua estadia. Essa visita que tarda a ir embora se encontra em minha casa há uns seis meses. Queria poder dizer que, apesar dos pesares, esse período foi de grande aprendizado. Contudo, seu eu o fizer estou indo contra meu compromisso filosófico com a verdade, logo essa permanência está sendo, sem dúvidas, um pesar dos mais difícil possíveis, o fedor de sua falta de empatia ao sofrimento pelo qual a humanidade passa é a pior parte, para ele a situação de calamidade não existe e se ocupa de perturbar a minha vida até nos momentos mais delicados. Sua preguiça é um incômodo para quem ele obriga à convivência, a sujeira que ele deixa para trás é horrível e como um bom egocêntrico, ele acredita que temos que limpar sua bagunça no tempo que ele exige. Dormir se tornou algo impossível com sua presença, todas as noites ele me impede de ir me deitar me obrigando a ficar de olho nele, quando enfim consigo dormir, logo ele me acorda pois sua desordem é tanta e logo tem outra coisa a se fazer. Ser babá de algo tão atroz é extremamente doloroso, sua necessidade de se comportar como um senhor na vida alheia obriga-me todos os dias a sentar na frente do computador para falar com outras pessoas para que ele se sinta bem, seus abusos são vistos pelas ‘pessoas de poder’ como algo extremamente benéfico e assim, semana após semana, ele renova seu contrato para continuar em minha casa. Meu sonho é de um dia voltar a ter minha casa para eu poder enfim ficar triste e em luto pelo caos que o vírus instaurou na vida de milhões de pessoas. Desejo por fim poder voltar a ser humano e não um servo do inumano que tem habitado o meu lar.”

*Guilherme R. Barbosa*

Pela segunda ou terceira vez somos obrigados pelo vento a velejar no rio Paraná até abarcar o rio Claro em Goiás. A viagem prossegue nas águas termais de Jataí, entretanto, mais cinco vozes são ouvidas, de quatro universitárias e de um universitário do curso de pedagogia.

A primeira,

“ Silvio, eu não sei me posicionar sobre aula remota. Há alunos que têm ‘condição’ de acompanhar, porque têm acesso à *net*, têm computador, têm uma pessoa da família que pode auxiliar quando têm alguma dúvida. Mas outros, podem até ter, acesso a *net*, computador, porém não têm uma pessoa pra auxiliar, então ela pode não compreender o conteúdo, pois pode haver dúvidas/dificuldades. E além desses dois tipos, têm aqueles que não possuem acesso a nada. Todos alunos terão prejuízos, porque educação vai muito além de ensinar a ler e escrever, tem a questão do contato, a relação entre o professor e os/as colegas.”

*Lyrian Martins*

A segunda,

“ Eu Beatriz de Paula, matriculada em licenciatura em pedagogia, penso que devemos, antes de tudo, auto avaliarmos a própria fala com cautela e atenção, aos nossos discursos que tendem, pelo hábito, natureza ou construção social, apropriar-se de tendências radicais, egoístas e, ao caráter inábil. O processo da desconstrução de paradigmas individuais requer busca, engajamento e aceitação das possíveis novas realidades. Com o ensino remoto EaD das universidades federais prestes a ocorrer, quando enquetes, votações de cursos das faculdades públicas brasileiras apontavam discordância para aulas *online*. A preocupação é, sobretudo, na falsa ideia de democracia em

conjunto às práticas dominantes da elite, onde ramifica-se para sociedade coletiva o pensamento individual na regulação e implementação dos mecanismos estatais em favorecimento à burguesia. Conseguem fazer de tal maneira que até acreditamos no poder da cidadania, o voto; foi o caso da enquete do governo para prova de vestibular ENEM 2020. Líderes desonestos autoritários colocam a população brasileira em total vulnerabilidade, essencialmente pobres, pretos, aldeias e tribos indígenas são reflexos do sofrimento danoso causados ao povo. A reflexão sobre coisas que transcendem a mim, para alcance do bem estar social, são atos políticos necessários à justiça global.”

*Beatriz de Paula*

A terceira,

“Olá, meu nome é Katley Tamires Ferreira Dos Santos, sou aluna do oitavo período do curso de pedagogia e estudo na Universidade Federal de Jataí. As aulas remotas em minha opinião não são eficazes como as aulas presenciais, os alunos não aprendem tanto, há uma grande falta de atenção e interesse por parte dos alunos, pois, esse ensino em EaD praticamente obriga os alunos a estudarem, por ser um longo prazo de estudo gera muito desinteresse e com isso acaba sobrecarregando os alunos e gerando uma grande pressão psicológica tanto dos alunos quanto dos seus responsáveis. Nem todos os alunos têm condições sociais de participarem desse ensino virtual, e nem todas as crianças têm ajuda dos seus responsáveis com essas atividades. É um assunto bem complicado esse, que envolve a educação de milhares de estu-

dantes, e sempre vai sair alguém prejudicado por meio desse ensino virtual. Deveriam cancelar o ano letivo, e retornar somente quando fosse possível com as aulas presenciais.”

*Katley Tamires*

A quarta,

“ Professor Sil, eu graduanda em processo de conclusão do curso de pedagogia, percebo que essa é uma realidade inadequada para momento, a nossa situação é bastante parecida com as embarcações de caravela, não vamos atravessar o oceano sem mortes. Justifico o meu posicionamento tendo como base as desigualdades sociais que permeiam o espaço acadêmico. Não são todos os alunos que possuem computadores e uma Internet de qualidade. Nem todos os acadêmicos residem em moradias as quais oferecem um espaço calmo e silencioso para que os estudos ocorram de forma qualitativa. Além disso, estamos em meio a um período repleto de incertezas, não sabemos até quando a pandemia irá se estender. Não descarto a possibilidade de convivemos anos com picos de contágio de Covid-19, assim como o contexto da gripe espanhola, que por sua vez, teve duração de três anos. E se não houver uma solução para curto prazo? Iremos nos acovardar e ficar sem aulas até quando? Infelizmente, não tenho esperanças de que isso passe tão cedo! Ficaremos meses e até anos sem aulas? Sabemos que o ensino a distância não oferece o mesmo suporte que o presencial para a formação plena acadêmica. Não podemos nos acovardar, afinal, não sabemos até quando. O não retorno das aulas presenciais trará pre-

juízos gigantescos para a educação escolarizada e acadêmica. É preciso coragem para seguir a rotina de estudos de forma normalizada. Os alunos precisam voltar para a universidade!<sup>33</sup>

*Ana Paula Vilela*

A quinta voz é de um universitário do estado do Maranhão,

“ Eu, Manoel Messias Rodrigues Lopes, do estado do Maranhão, discente do curso de pedagogia, 5º período, na Universidade Federal de Jataí, analiso o ensino remoto com muita cautela. Em um primeiro momento, sob as pressões externas, pode-nos parecer uma saída viável, mas, a médio e longo prazo, podem causar danos incalculáveis para a educação, como o desmonte do ensino público superior, a defasagem da nossa formação e a exclusão dos jovens oriundos das classes minoritárias da sociedade, ou seja, a perda de conquistas advindas com lutas e resistência de séculos. A universidade tem que fazer valer a sua autonomia, respeitar as diversidades socioeconômicas de seus/as discentes (condições e recursos para acesso, situações sociais de calamidades, etc.), e não ser complacente com o eminente desmonte do Ensino Público Superior ao ceder pressões externas que visam a perpetuação do poder em poucas mãos. Esse ensino remoto seria apenas o primeiro passo para o declínio da universidade, podendo ser usada a médio/ longo prazo como escusa para uma reforma que culminará com o declínio do ensino superior. Vejo como uma espécie de testagem para futuros ataques contra as universidades. O momento é atípico e complexo para a sociedade, esse vírus veio para mudar nossa ideia de normalidade, o cenário é de tragédia e causa medos e receios na sociedade o que contribui para doenças psicológicas que impossibilitam

um bom desempenho em uma possível retomada dessas atividades. Tem ainda a saúde física, nossos colegas alunos/as estão submetido em uma sociedade negacionista que diminui o efeito do vírus, muitos estão trabalhando uma vez que os empresários capitalistas não aceitam a gravidade da situação e são relutantes ao isolamento mantendo-se abertos e submetendo seus funcionários ao risco e a situação desumana. Esse é o cenário de muitos/as alunos/as nesse momento, não só deles/as mais de seus entes (pais, irmãos, tios, etc.). Como manter a produtividade para esses/as alunos/as que terão em uma atividade remota? O momento é sério e a vida vem sempre em primeiro lugar, manter a saúde física e mental dos/as alunos/as deveria ser a posição da universidade.”

*Manoel Rodrigues Lopes*

O barquinho tem novo horizonte, o vento sopra para o Distrito Federal, exatamente paira no lago Paranoá, o músico e cantor Osvaldo Montenegro poetizou sobre essas águas, a voz do cantor eternizou ‘Num submarino do lado do Paranoá’, ‘quem quiser que faça o velho jogo da política, na sifilítica maneira de pensar’, e dali, desse Paranoá, um bom amigo solta sua voz de boa, e nós agradecemos,

“ Sou Gleiser Mateus Ferreira Valério, professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília. O momento de pandemia em que nos encontramos mostrou como o sistema educacional é frágil diante de uma realidade na qual os meios digitais se apresentam como a única forma possível de continuidade das aulas. O que poderia ser um avanço na prática docente (aulas virtuais, uso de recursos mais interessantes e adequados à realidade atual dos jovens, multiplicidade nas

estratégias de ensino) acaba se tornando problemático. Vivemos em um país marcado por uma grande desigualdade e em que grande parte de sua população se encontra em situação de vulnerabilidade social. De tal maneira, pensar aulas *online* exclui boa parte dessas pessoas que não possuem acesso à Internet, ou esse acontece de forma precária. Somamos a pouca experiência dos professores ao utilizar plataformas virtuais, além de uma educação precarizada nos últimos anos pelos governos e com poucos recursos financeiros e materiais. Os sistemas educacionais não estavam preparados para administrar esse formato de ensino, realizando-o de forma pouco efetiva. Futuramente, boa parte da aprendizagem dos professores e alunos poderá servir para dinamizar e diversificar as aulas, contudo inserir tal prática da forma que tem ocorrido não resolve a questão educacional na pandemia.”

*Gleiser Mateus Ferreira Valério*

Do lago Paranoá, direto para o lago JK, nas águas termais da cidade de Jataí uma voz é ouvida com carinho, a de uma estudante de ensino médio.

“ Sou Anyelle Silva de Assis, do Instituto Presbiteriano Samuel Graham, da rede privada de ensino. As aulas remotas em minha opinião seriam eficazes se estivéssemos falando de um curto período de tempo, mas considerando que a pandemia está durando quase um ano, pondero que as mesmas, para os alunos que ainda não começaram, deveriam ser canceladas e eles deveriam repetir o ano. Infelizmente, não tem opção justa nesse caso, levando em conta que os alunos de escola privada passarão pra o próximo ano porque estariam tendo as aulas remotas. Mas, na minha opinião, é melhor refazer o

ano ao invés de passar de série sem saber nada. Poderia ser aplicado um teste com o conteúdo da série (teste presencial) para ver os alunos que estariam preparados para o próximo ano. Em relação ao que tange as aulas *online* em si, os alunos não tem nem metade da aprendizagem que teriam com aula presencial; é difícil se concentrar, depende da Internet, a qualidade de ensino é péssima e além de tudo já ser mais difícil e ninguém estar aguentando e acompanhando o ritmo das aulas *online*, os professores (pelo menos na minha escola) fazem questão de tornar tudo mais difícil passando um monte de tarefas para a gente. E falando por mim mesma, eu aprenderia mais estudando sozinha do que pela EaD, o que falei para a coordenação, mas não tive permissão para fazer isso. Leve em conta que, 3/4 dos alunos inclusive eu mesma pelo motivo que já citei, não prestam atenção nas aulas; o que é compreensível levando em conta a má qualidade delas. Enfim, é um assunto complicado de dar opinião, porque não existe uma solução justa, sempre alguém vai ficar mais prejudicado que o outro. Mas certamente eu não apoio EaD e acho que seria melhor para muitos alunos refazer o ano.”

*Anyelle Silva de Assis*

Da cidade de Jataí em Goiás saindo colégio do ensino médio de uma instituição privada, o barquinho navega em direção à outra instituição privada, entretanto, de nível superior. Mais uma voz de um aluno brota e, ela é filosófica, trata-se do ensino filosófico a distância, intitulado como, Filósofo Internauta,

“ Não é fácil ser, muito menos ser filósofo, em um país sem ministro da educação, ou ministério de cultura. O PROUNI, que garante que jovens frequentem os corredores da academia, para por aí – por isso muitos bolsistas desistem: tem a

vaga, mas não (muitas vezes) a passagem do ônibus. A instituição, por sua vez, sempre deixa clara a instabilidade financeira do ensino superior brasileiro, em que decisões imprevisíveis tomadas nas salas de RH afetam, sem grandes preocupações, aqueles que na juventude (inocente por inexperiência) querem se educar. Sou Adriano Felix, estudante-bolsista de Filosofia em uma instituição privada em Curitiba, capital do Paraná. Não só no Paraná, mas em todo o mundo, a peste exigiu a paralisação das interações físicas. As reformas tecnológicas que vinham sendo adubadas receberam uma dose cavalgar de anabolizantes e o ensino a distância floresce para o futuro. É preciso chamar a atenção: esta nova modalidade de ensino perpetua e intensifica os problemas já vividos em sala de aula, em especial a desatenção das mentes e as inevitáveis confusões de linguagem. É essencial para uma tese filosófica a vaidade do filósofo. O pensador precisa acreditar em sua própria tese, a ponto de defendê-la como verdade. Poucos são mais vaidosos que os filósofos, superados somente por artistas e claro, estudantes veteranos de filosofia. Na reta final todos estão com a monografia embaixo do braço, com seus filósofos a postos para um debate (como *pokémons* prontos para batalhar). Trancar 20 desses seres numa sala de aula é viver pensamentos interessados, divergências (geralmente) respeitadas, debates entusiasmados, com argumentos dramatizados e réplicas mediadas pelo professor que, em geral, sabe mediar. A filosofia ocidental é caracterizada pela interação dialética entre indivíduos discordantes, o que faz de toda sala de aula (mas principalmente a de filosofia) um caldeirão borbulhando sínteses. Esse fogo forte não existe em casa, no sofá com o professor falante no *headphone*. As *lives* são impessoais, desinteressantes e regrediram a didática em quase um século,

por seguirem o modelo do professor que discursa e os alunos que ficam de microfone fechado (sem nenhuma energia da vontade [ou motivação pessoal] para ligar). Esse desconforto cria uma tensão social entre os estudantes: falar demais é ruim, porque estende o tempo da aula; por isso se limitam a responder, apenas com solicitação nominal. Daí decorre um pega-pega de perguntas e respostas entre professor e aluno. A filosofia, além de servir para comungar ideias, é uma atividade solitária de conhecimento e contato introspectivo, a máxima: conhece a ti mesmo. E sinto, enquanto agente filosofante que investiga a si próprio, que o ensino a distância reforça o aspecto individualizador. A imposição de isolamento e estudos (praticamente) autônomos inevitavelmente colaboram para o autoconhecimento; professores mais sagazes sabem disso, e se esforçam para dar a seus tutelados referências multimídias que podem (ou não) serem apreciadas; e se dispõem a acolher todas as perguntas que sejam corajosas o suficiente para serem perguntadas. Sem recorrer a menções mais drásticas, como toda a mesquinha da lógica capitalista das instituições de ensino superior privado e elitismo intelectual dos doutores em Educação (que não vivem no Brasil de Paulo Freire), questiono: estamos prontos para a revolução 4.0 se não resolvemos os problemas do 0.1? O ensino *online* é valioso, mas nasce no solo adoecido. Se os aspectos anteriores à modernização não forem revistos os empreendimentos EaD serão totalmente inúteis.”

*Adriano Felix*

Mais uma vez o barquinho direciona para o Estado de Goiás e nas águas dos rios goianos, o barquinho direciona para os lagos da cidade de Jataí. Dali, ouvimos mais uma voz, a do professor Thiago Carreo, coordenador geral de inovação tecnológica da Universidade Federal de Jataí,

“ Levando-se em conta que, segundo Jorge Ben Jor, moramos ‘num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza’, mas que, principalmente, tem dimensões continentais, a educação remota sempre se fez extremamente importante (e necessária), ao mesmo tempo em que nunca esteve tão acessível. Sim, nunca esteve tão acessível! Hoje é fundamental que educadores ajudem seus alunos a desenvolverem a capacidade de aprender a aprender, de conquistar mais autonomia na aquisição do conhecimento e da própria formação, mantendo assim a capacidade de renovação e adaptação frente às constantes mudanças. Com a nova economia, baseada no conhecimento, os educadores passaram a serem vetores (e protagonistas) do processo de desenvolvimento econômico e social da sociedade onde estão inseridos. Desde o século XV, quando Guttenberg, inventou a imprensa e viabilizou a impressão de livros em grandes quantidades, não se experimenta uma transformação tão grande na área da educação como a que vivemos hoje. Diferente de um passado muito recente, hoje não há mais limitações tecnológicas que possam inviabilizar a adoção do ensino remoto com uso de tecnologias *online* de aprendizagem. Ao contrário, hoje, os grandes ‘muros’ a serem transpassados são construídos pelos próprios educadores e gestores públicos ainda resistentes às mudanças, pois, a prática do ensino remoto com uso de tecnologias *online* de aprendizagem carrega consigo algo assustador: a inovação disruptiva, ou seja, aquela que interrompe ou poderá causar

mais danos que efeitos objetivos e racionais. Sim, isso é algo temível, assustador e até ameaçador, pois a adoção de tais práticas, inevitavelmente, demanda o rompimento do *status quo*. Por outro lado, independentemente de quaisquer resistências às mudanças, o ensino remoto com uso de tecnologias *online* de aprendizagem, gera transformação de cenários com a agregação de valor, seja econômico, social ou pessoal, o que talvez nunca tenha feito tanto sentido quanto agora. Vislumbra-se uma encruzilhada: ou busca-se incorporar inovações no processo de ensino-aprendizagem, ou submete-se aos que as incorporam. Finalmente, apesar dos pesares, mesmo a pandemia se fazendo presente e ‘obrigatória’, valer-se deste cenário para catalisar transformações sociais e econômicas ainda é opcional.”

*Thiago Carreo*

De Jataí para Goiânia, os navegantes escutam a voz que esclarece sobre o nome do vírus, o descaso e o aproveitamento político da situação, e relembra-nos que o acesso à Internet no país, tão necessário no momento e para o futuro de nossos estudantes, é questão socioeconômica antiga, de inclusão social e digital.

“ Meu nome é Simone Gomes Firmino, natural de Goiânia, Goiás, professora de biologia do Instituto Federal Goiano, Campus Ceres, e atualmente estou cursando doutorado no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Goiás. Aproveito para agradecer a oportunidade de expor minhas percepções sobre a realidade pandêmica que nos acomete e desnuda questões problemáticas em todos os setores do país, sobretudo na educação. A pandemia causada pelo novo coronavírus, SARS-CoV-2, causa a doença intitulada Covid-19, nome dado por

médicos e cientistas, como protocolo para classificar biologicamente o vírus após sua descoberta. O nome dado cientificamente também é importante para neutralizar denominações indevidas e discriminatórias para novas doenças, como por exemplo, a ‘doença de Wuhan’, no caso do novo coronavírus. Contudo, ainda é possível perceber que denominações e acusações injustas circulam mundo afora, as quais acusam a China de ser responsável pelo surgimento e disseminação do novo vírus. Este tipo de atitude se configura xenofóbica, além de ser uma estratégia política, na qual há a tentativa por parte de determinados países em prejudicar economicamente a China, subvertendo a situação e criando discursos preconceituosos contra o tipo de regime político-econômico adotado pelos chineses.

Uma pandemia é algo muito sério para ser usada como palanque político, econômico ou ideológico por diferentes líderes, porém, tal uso se transformou na realidade de alguns desses líderes, que estão se aproveitando da situação pandêmica para prejudicar seus opositores e possíveis concorrentes econômicos. O Brasil é um exemplo clássico disso. O próprio presidente, que lê uma cartilha com as cores vermelho, branco e azul, adentrou num jogo de imitação das ações impelidas pelo mandachuva da terra da águia-de-cabeça-branca, que vem dificultando o enfrentamento à pandemia. Esse tipo de jogo de imitação prejudica especialmente a população brasileira, que segue por mais de um semestre sem acesso à medidas concretas e eficazes no combate à Covid-19 por parte do governo federal. O negacionismo, a priorização da economia em detrimento de vidas, o movimento anti-ciência, a corrupção de agentes públicos e parlamentares no desvio de verba que seria destinada ao enfrentamento da pandemia, tudo isso se

junta à falta de articulação entre os poderes da federação, tornando a situação mais caótica, e, o mais grave, produzindo uma insegurança coletiva que afetará as próximas gerações.

A situação se complica em todos os setores do país, o Meio Ambiente sendo destruído pela criminosa irresponsabilidade ministerial, a Economia em uma derrocada espantosa, mas é na Saúde e Educação que a incompetência do atual governo se materializa devastadora. A saúde e educação públicas nunca foram prioridade para esse tipo de governo, que nega ao povo direitos que são constitucionais. Como professora e estudante (e por isso não poderia deixar de fazê-lo) venho me questionando desde o início da pandemia: como pensadores de outras épocas descreveriam essa situação? Como filósofos que servem de base para nossos estudos explicariam a realidade de hoje? Como pensadores da educação que inspiraram várias gerações de professores e estudantes, e que ainda o fazem, interpretariam a conjuntura presente nesse contexto educacional? Enxergo que as respostas para estas questões estejam na prática social, na realidade objetiva, mas, especialmente, nas lições deixadas por pensadores que assumiram no passado a responsabilidade filosófica de sempre questionar e expor problemáticas, sejam elas sobre fenômenos naturais ou sociais, materiais ou espirituais (pensamento/consciência). Com efeito, não podemos perder de vista estas lições, pois são elas que motivam e podem transformar o mundo à nossa volta.

A realidade do hoje acomete o mundo como um todo. Cada recorte dessa realidade se constitui fundamental para a interpretação desse todo. Mas, o recorte que procuro provocar é a situação da educação no Brasil, que desde março preocupa professores e estudantes. Meu lugar de fala é, prin-

cipalmente, o de estudante, pois me encontro afastada das atividades docentes em virtude de licença capacitação para conclusão do doutoramento. Contudo, na minha percepção, não é possível separar a professora da estudante Simone. Portanto, olhar hoje para o que profissionais e estudantes estão vivenciando na dinâmica atípica em seus contextos de ensino e aprendizagem, se torna um exercício necessário do ponto de vista crítico, seja no ensino de ciências, na educação, nas ciências sociais ou em qualquer outra área do conhecimento. Professores que tentam se adequar a todo custo às aulas em meios digitais, buscando estabelecer um ambiente propício para garantir o mínimo de uma aula de qualidade, mas que ao fim acabam enfrentando uma série de desafios, precisam ter voz. Estudantes que entram em ambientes virtuais para assistirem às aulas e se vêem desestimulados, quando não conseguem acompanhar por motivos de uma conexão ruim, por não terem aparato tecnológico adequado ou ainda por alguma interrupção no local em que se encontram, precisam ser ouvidos. Nesse sentido, é perceptível que o acesso à Internet se iguala ao acesso a bens materiais, de consumo e de propriedade no Brasil. Isto significa que o acesso a uma Internet de qualidade, de última geração, pertence à classe social elitizada, restando às demais classes sociais o acesso médio, baixo e inexistente (sem sinal). Com efeito, esta é uma realidade ligada à perversidade capitalista, que encontra no Estado seu fiel escudeiro, o afastando de sua essencial condição de *sociedade política*.

A problemática do acesso se torna velada pela celeridade com que algumas instituições de ensino buscam resolver a situação do ensino e da aprendizagem no contexto pandêmico. Evidente que a situação requer agilidade para solucionar pro-

blemas, especialmente, em contexto tão atípico, porém, não levar em consideração a realidade socioeconômica de algumas populações, configura negligência criminosa. Desde o início da pandemia temos recebido, enquanto professores e estudantes, vários questionários das instituições às quais somos vinculados, que versam sobre questões socioeconômicas, ensino e aprendizagem nas aulas *online*. Em um desses questionários recebidos, o qual o objetivo de envio era solicitar contribuições dos docentes em sua elaboração, o documento trazia questões sobre vários tópicos, e um deles era o acesso à Internet. A primeira questão era bem direta: ‘Você tem acesso à Internet?’ Sim e Não apareciam como proposições de respostas. As questões na sequência pediam informações referentes apenas à resposta ‘Sim’, e nenhuma outra questão tratava sobre o tipo de acesso ou se esse acesso era contínuo ou de qualidade suficiente para acompanhamento das aulas. Minha contribuição foi argumentar o quão necessário e urgente é compreender que apenas o acesso à Internet não garante continuidade no acompanhamento das atividades remotas, seja pelo estudante ou professor. Pude presenciar em vários momentos de aulas remotas nos últimos meses e dias, professores não conseguirem dar continuidade em suas aulas devido ao sinal ruim de sua Internet, ou colegas de turma que não conseguem acompanhar as atividades remotas por terem um sinal inconstante. Passei por isso várias vezes também. Segundo relatos de colegas que trabalham em escolas públicas estaduais e municipais, a situação da falta de acesso à Internet se complexifica ainda mais. Professores que sem acesso buscam locais diversos e até mesmo permanecem na escola para conseguirem cumprir suas atividades, são os mesmos que

percebendo que muitos de seus estudantes também não têm acesso de qualidade, se deslocam até suas casas para levarem as atividades escolares.

Esta realidade vem se arrastando desde o início da pandemia, onde professores e estudantes fazem o possível e o impossível para terem acesso não apenas à Internet, mas acesso ao trabalho educacional e à educação. E o que o poder público está fazendo? Pouco ou quase nada. Até o momento nenhuma das medidas emergenciais voltadas para a situação da educação foram concretas, tampouco eficazes no que se refere à garantia de acesso à Internet e à educação de forma geral. Na possibilidade de retorno às aulas no chamado sistema de ensino híbrido, com aulas presenciais e remotas ao mesmo tempo, a questão do acesso à internet de qualidade não está sendo levada em consideração e as pautas sempre são sobre quando e como retornar às aulas presenciais. Isso porque na prática, profissionais, estudantes e pais de estudantes, já estão percebendo há meses que somente o acesso não é suficiente, pois é necessário que haja qualidade nesse acesso, para garantir a continuidade do ensino e da aprendizagem. As autoridades públicas e as instituições educacionais parecem estar esquecendo ou mesmo, não se importando, com o fato de que muitos estudantes e professores não têm acesso de qualidade para acompanhar as aulas, desconsiderando ainda que ao retornar às atividades presenciais o risco de contaminação será dobrado. Não precisamos ir longe, basta ligar a TV em telejornais que noticiem a situação pandêmica para vermos que países e até estados brasileiros que retornaram às aulas presenciais tiveram que fechar novamente as portas, devido ao crescimento do número de novos casos de Covid-19. Portanto, enquanto estivermos nessa realidade, sem vacina e em

um isolamento vertical ineficaz, a questão central não deve ser a data e os protocolos de segurança para retorno às aulas, mas sim, como garantir acesso à Internet de qualidade e aparatos tecnológicos à população para que esta realize suas atividades docentes, de estudos e de trabalho em geral.

A questão do acesso à educação e à Internet é histórica, e faz parte da problemática da inclusão social e digital no Brasil há décadas. Logo, soluções para esta questão não podem estar separadas de soluções para a desigualdade social, para o racismo estrutural presente no país ou qualquer que seja o problema de cunho socioeconômico, cultural e societário. Com isso, considero o que muitos pensadores, especialmente, os materialistas dialéticos vêm considerando a mais de um século: a história é luta de classes. E, enquanto o desenvolvimento de uma consciência igualitária não for a realidade objetiva de toda a humanidade, o movimento real que pode abolir o estado de coisas existentes também permanecerá prejudicado pelos próximos séculos.”

*Simone Gomes Firmino*

De Goiânia, o barquinho paira nos lagos da cidade de Jataí no estado de Goiás, sem ou com impulso do vento, retorna novamente para a cidade maravilhosa, da Baixada Fluminense, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, uma voz, decididamente compromissada e determinada com a escola, com política governamental e com os protagonistas da educação, brota numa tonalidade singular:

“ Meu nome é André Luiz C. Vicente, sou graduando em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, universidade esta localizada na Baixada Fluminense e, historicamente, marcada por uma relação de margem e de precariedade político-social e econômica com relação ao centro

do Rio de Janeiro. O curso de Pedagogia na instituição é relativamente novo, se comparado à instituição centenária e, como se espera, o desenho do curso foi feito para formar Pedagogos/Pedagogos que tenham instrumentos – além daqueles preconizados como comuns para todos os cursos de Pedagogia - para lidar com as demandas do território da Baixada, bem como de sua zona de influência. Partindo deste lugar para pensar o Ensino Remoto (ou qualquer outra nomenclatura utilizada para designar o ensino-aprendizagem em ambiente formativo diferente da sala de aula de um curso presencial) no contexto pandêmico, é impossível não pensar nas pressões exercidas sobre a Universidade Pública. De um lado, um apelo para o retorno às atividades de ensino (mesmo que tenhamos plena consciência de que as atividades de pesquisa e extensão não pararam), de outro a pressão feita por aqueles que prezam pela manutenção do ensino presencial, buscando não precarizar mais ainda o serviço e a educação pública – pelo uso de recursos da tecnologia apenas por uma parcela ínfima da comunidade discente, bem como o não conhecimento sobre como lidar com estes recursos – nem criar uma sobrecarga em discentes e docentes. Nunca fomos ensinados a usar tais recursos e, de fato, nunca paramos pois, as atividades de pesquisa extensão, como dito anteriormente, assim como as inúmeras reuniões não pararam. Inclusive, abro um parêntese para advogar que é justamente nestas instituições públicas, onde as pesquisas e parcerias para lidarem com o Covid-19 são desenvolvidas, a despeito de um governo, tanto estadual como federal, que demonstra não dispor de capacidade para governar um país em crise. Isso tudo em meio aos cortes de bolsas – que sustentam os alunos nas pesquisas -, cortes no orçamento para a educação e tantas outras mazelas.

Desse modo, não podemos nos esquecer, a luta pública, é pela equidade social e por um acesso e permanência de alunos no Ensino Superior, logo, pensando nas características nacionais, de um país de capitalismo tardio e dependente, sem investimentos em políticas de acesso à tecnologia, onde milhares de alunos – e até professores – não dispõem de instrumentos para acessar com qualidade conteúdos online, como garantir este acesso e permanência à Educação? Pressão política também pode ser observada nos embates em torno da volta às aulas nas instituições de Educação Básica. A pergunta que deve circular aqui é a mesma feita anteriormente: de que forma irá garantir acesso, permanência e qualidade à educação de meninas e meninos? Essa é uma realidade, como é o caso de muitas localidades no Rio de Janeiro, ou seja, em alguns locais nunca tiveram acesso à internet. Minhas considerações sobre o ensino, o ‘volta às aulas’, são justamente estes questionamentos, essas provocações: de um lado a necessidade do retorno das atividades de ensino, de outro uma desigualdade social, econômica e tecnológica a cada dia mais evidente e profunda. Atravessando estes dois temos o direito universal à educação e todo o embate sócio-político. A única consideração que posso chegar é que o trabalho docente, bem como a formação e a prática destes, está passando e vai passar por profundas transformações em face das novas dinâmicas trazidas por esta crise epidemiológica. No estabelecimento de diretrizes para a volta das atividades de ensino devemos estar efetivamente atentos às peculiaridades de cada universidade, curso, aluno. De outra forma, as ações apenas servirão para aprofundamento das desigualdades sociais e educacionais.”

*André Luiz C. Vicente*

Do estado do Rio de Janeiro voltamos para o estado de Goiás. E, aqui também se afoga e morre nos lagos e nas águas termais da mesma cidade. Para ilustrar a situação da pandemia e o novo normal nas instituições de ensino, outra voz é ouvida, disse a voz, ‘virei estatística’, as águas cobriram o barquinho, entretanto, giroscópio e o GPS, o mantiveram no curso das águas.

“ Meu nome é Caio Vilela Azevedo, tenho 30 anos, sou servidor da Universidade Federal de Jataí e trabalho como Assistente Administrativo da Pró-Reitoria de Administração e Finanças. Fui convidado para abordar sobre um tema, que de certa forma, virei estatística, pois, perdi minha mãe com apenas 56 anos por causa da Covid-19 e faço parte das mais de 100 mil famílias no Brasil, que estão sofrendo pela perda de algum ente querido, causada pelo coronavírus. Não bastando a dor do luto, também temos que conviver com as mudanças que foram impostas nesse ‘novo normal’ que atingiu nossas vidas. A pandemia nos trouxe lições duras, passamos a navegar em águas profundas, mas quem sobreviver a esse difícil momento, vai ver que tudo isso nos trará aprendizados e assim daremos o devido valor ao que realmente importa, para que possamos melhorar em alguns aspectos sociais. No âmbito da educação não é diferente, há muitos desafios a serem trabalhados durante a pandemia, novas formas de aplicação das aulas, adaptações de ensino, pesquisa e no desenvolvimento feito por professores, acadêmicos e demais profissionais da educação. A pandemia pegou muitos profissionais desprevenidos, pude acompanhar de perto a aflição no olhar de médicos e enfermeiros da linha de frente dos hospitais que tratam pacientes com coronavírus, ver nos noticiários cientistas mostrando que o desenvolvimento de uma vacina gera muito estudo e não nasce num passe de mágica e ob-

servar políticos revelando seus interesses particulares acima dos interesses públicos, além é claro da população brasileira, que em alguns casos se nega a respeitar regras de prevenção ao coronavírus, como o uso de máscara e o distanciamento social, mas adoram promover aglomerações clandestinas sem culpa e sem medo de pegar o vírus. Mas por que essas atitudes da população? Talvez para inflar o próprio ego e mostrar que uma simples ‘gripezinha’ não os atingirão, mas se esquecem que seus pais e entes mais frágeis são os que pagarão com suas próprias vidas por causa da ignorância de seres tão estúpidos, que acabam influenciando a massa e assim nos resta entoar com um ‘viva o coronavírus!’, como diria um nobre fazendeiro das terras do Pequi. Ninguém imaginava que um vírus tão agressivo pudesse afetar a saúde de milhares, mas como também mudar a vida de milhões. E não se trata somente de uma questão de saúde, também há uma emergência por adaptações econômicas e sociais para poder evitar problemas que já eram recorrentes no Brasil e que foram potencializados com a pandemia, que é o caso do desemprego, a fome e as desigualdades sociais. Tais desigualdades foram escancaradas por conta do isolamento social, afinal ‘quem tem mais compra tudo e quem tem menos fica sem nada’, essa é a triste realidade humana. Na educação, em seu sentido ‘escola’, a solução encontrada para suprir as necessidades foi adaptar-se ao estudo em casa, o famoso *home office* ou aula remota. São medidas que deram para resolver neste momento, mas que pode abrir uma lacuna grande entre os indivíduos, pois nem todos possuem um nível de vida aceitável, que possa ter um ambiente aconchegante em casa, ter um computador e Internet desejáveis para acompanhar esse ‘novo normal’ na educação. Além disso, há particularidades no aprendizado de

cada estudante, nem sempre o desenvolvimento de um será o mesmo do outro, cada indivíduo tem seu nível de atenção e aprendizagem de acordo com o ambiente em que vive, que passa até por momentos psicológicos da convivência com a pandemia, até por problemas casuais. É por isso que será sempre necessário ter a inclusão de políticas sociais que abracem os mais necessitados, para que a educação de qualidade que vai chegar aos mais privilegiados, também seja absorvida pelos que são menos favorecidos. A Educação terá um papel importante para evitar esse contraste, para que todos na sociedade tenham a oportunidade de aprender e vencer de maneira igual. Mas nem tudo é perfeito, há muito a aprender para vencer nossas diferenças e melhorarmos como pessoas, logo, como sociedade. Minha esperança é que ‘não precisemos’ de outra pandemia para isso acontecer, afinal, a vacina contra a ignorância já existe, basta uma boa dose de educação.”

*Caio Vilela Azevedo*

O barquinho continua a navegar, agora em águas paranaenses. De lá, ouve-se a voz de um garoto, de 17 anos. Ele fez a seguinte pergunta: as aulas remotas ajudam ou sucateiam?

“ Com a pandemia do coronavírus atingindo o Brasil, o sistema de Educação Nacional teve que buscar uma maneira de dar sequência ao ano letivo escolar. Com a proibição dos órgãos de saúde para o prosseguimento das aulas presenciais, os órgãos de educação decidiram adotar as aulas remotas via Internet como solução. Essa decisão gerou discussões principalmente entre os alunos que estão no último ano do ensino médio, devido aos vestibulares. Pontos positivos do ensino a distância: um dos argumentos de defesa mais usados

pelas pessoas simpatizantes ao ensino a distância é em relação a liberdade de horários. Sem precisar ter que parar sempre no mesmo horário para estudar, as pessoas se sentem livres de encaixar o estudo em um horário mais conveniente para elas. Pontos negativos ao ensino a distância: entre as pessoas que criticam as aulas remotas assim como eu, estão reclamações como a dificuldade de aprender por ensino a distância, a insatisfação de qualidade com as aulas, e especificamente, no meu caso, a falta de acessibilidade auditiva para deficientes visuais. Algumas pessoas aprovam as aulas remotas, outras não. Creio que o adiamento do ano letivo seria a melhor solução, pois nesse formato, acho que a educação brasileira está sendo sucateada.”

*Jackson Lima dos Santos*

O barquinho, invento da civilização ocidental, continua a navegar, olhando ou não a bússola, com ou sem a mão no leme, sem ou com ampulheta, o tempo continua sem medida...

# 3

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É visível, ninguém está contente e nem poderia, a névoa, a neblina, a escuridão brota de todos os lados, a nebulosidade subtrai a clareza. Ninguém deseja dormir numa cama de campanha, talvez, por descuidos. A síndrome respiratória aguda grave do vírus (SARS-CoV-2) continua a matar. Entretanto, todos nós torcemos muito para uma boa nova andar nos mares, ares e terras. Nós queremos ver brotar uma nova nascente. Mas, não basta querer e torcer, não basta sorte e nunca bastou, não adianta e não resolve dizer, – vai dar certo – se quisermos que algo dê realmente certo, procuremos contudo, não repetir os erros do passado. O nosso jeito - estilo de dizer e falar, criar e construir a denominada civilização, parece não ser um jeito agradável.

“ Não encontraremos nunca o sentido de qualquer coisa (fenômeno humano, biológico ou físico), se não conhecermos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que se apropria ou nela se exprime.<sup>22</sup>”

*Gilles Deleuze*

---

<sup>22</sup>DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. por António M Magalhães. Porto: Rés Editora, 1978, p. 8.

## Considerações Finais

Se não descobriremos de fato, histórica, cultural e politicamente, a força – energia que apropria das coisas, dos objetos, dos seres, seja em âmbito biológico ou físico e, contudo, ‘do fenômeno educativo’, jamais encontraremos prazer algum em nossas aulas, no aprendizado, no ensino, na leitura, no processo formativo. Como baratas tontas prosseguiremos nosso zigue-zague. Logo, sem estudo, sem leitura, sem reflexão, sem aprendizagem do pensamento, sem seu empenho e cultivo, o resultado é indesejável. Cultivar o pensamento é aprender a fazer distinções, sobretudo, em tempos de Covid-19. Sem isso, dificilmente alcançaremos a meta, dificilmente encontraremos os conceitos de sentido e de valor.

“ Onde o pensamento não está sujeito à disciplina de uma das ciências organizadas, a primeira tendência – em direção à identificação e à generalização – está pronta a permitir que se abranja um escopo demasiado vasto. O resultado é uma simplificação excessiva. Na sua impaciência para entender, na sua fome e sede de explicações, o intelecto tende a impor maior racionalidade a determinados fatos do que tais fatos podem suportar, tende a descobrir na irracional diversificação dos fenômenos maior unidade do que a realmente neles existente ou, de qualquer modo maior unidade entre os fatos diversos que o homem pode fazer uso dentro dos assuntos práticos da vida.<sup>23</sup>”

*Aldo Huxley*

---

<sup>23</sup>HUXLEY, Aldo. *O despertar do mundo novo*. Trad. por M Judith Martins. São Paulo: Hemus - Livraria Editora Ltda, 1977, p. 18.

## Considerações Finais

O que realmente fizemos não foi exatamente isso? Tomar decisão exatamente pela simples tomada de decisão é, simultaneamente, furar o casco do navio e com ele afundar lentamente. Escutamos nesse finalzinho uma voz de rara beleza, da filósofa alemã de origem judaica, Hannah Arendt,

“ Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva de experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão.<sup>24</sup>”

*Hannah Arendt*

Entretanto, o descaso com o pensamento prolifera, o cuidado com a leitura, desaparece, a reflexão perde seu sentido, o estudo fica à deriva em função do demasiado trabalho, o desleixo das políticas educativas é permanente, a irresponsabilidade de alguns poucos danifica a vida de muitos, aí fica difícil, não teremos como navegar. Estamos atravessando o oceano numa caravela ou num titanic? A primeira embarcação é movida no passado, a segunda, no presente, as duas traduzem fracasso quando os protagonistas dormem na cabine. Uma coisa é certa, estamos com as duas mãos no leme – trabalho – e, com os olhos fora da bússola – leitura. Isso significa que estamos navegando sem rumo. Isso é cruel, diante de uma nascente borbulhante e morrendo de sede, analogicamente, estamos na escola,

---

<sup>24</sup>ARENDETT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. por Mauro H. Barbosa de Almeida. 5.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 223.

## Considerações Finais

mas, o pensamento fora dela. O livro está aberto e não sabemos como decifrar as letras. Cheios de erudição e encobertos pela vaidade, isso não é bom.

Existe uma diferença abismal entre decidir e escolher. No cenário de pandemia, num país descuidado historicamente, com a educação, com a cultura, com o saber e com o conhecimento, o desastre é fatal. As crises foram e são oportunidades certa de reflexão, de estudo, de leitura, de cultivo do pensamento. Em alto escalonamento, as decisões políticas educativas, historicamente foram e são contornadas e condensadas mediante ao autoritarismo, ao abusivo poder de uns poucos e, sobretudo, pela soberba de muitos de nós.

Em tempo de Covid-19, as decisões do processo do ensino e da aprendizagem são gestadas no grito, no desespero, na opinião e na confusão. Se homem desapegado – livre, evidencia termos à dor, o despreparado à aguçã. A realidade nunca foi objeto fácil de entender e, agora nesse horizonte nefasto e cruel, qualquer sombra, encobre gigantes.

Precisamos aprender a ler novamente a realidade, seja ela *online* ou *offline*. Nesse sentido, ainda em 1992, escutamos uma voz derivada de uma versão preliminar de uma exposição realizada no I Encontro Nacional de Colégios de Aplicações das IFES, em Goiânia, nos dias 4 a 6 de novembro de 1992.<sup>25</sup>

“ Mas, ler a realidade não é ordená-la e sistematizá-la, mas compreendê-la em sua complexidade e historicidade, dar conta das mediações que a constituem enquanto tal, vê-la, não como uma coisa, mas como um processo, um fazer-se real; enfim, é assumi-la como um desafio, algo a ser não apenas

---

<sup>25</sup> COELHO, Ildeu Moreira. “A escola fundamental e média, o saber e o ensino aprendizagem”. Em: *Boletim dos Professores. Colégio Aplicação - FE/UFG*. Goiânia - GO, 1992, pp. 1-7.

## *Considerações Finais*

pensado e compreendido, mas modificado, recriado e superado. Ler um texto igualmente não é rememorá-lo, dizê-lo novamente, mas trabalhá-lo, transformá-lo em texto sabido, compreendido. É tomá-lo como objeto de pensamento, desenvolver e aprofundar as sugestões que ele nos oferece, interrogar seu modo próprio de colocar problemas – que são também nossos – e de, quem sabe, nos ajudar a pensar o real, o mundo físico e social, o saber. Ler é penetrar paciente e corajosamente no texto, confrontar-se com ele, pensar seus conceitos, perguntar por sua lógica interna, saber parar numa página quanto tempo for necessário para encontrar seu sentido rigoroso e profundo. Como diz Marilena Chauí, ‘o que é ler se não aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro? Ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa reflexão.’ Ler não é, pois, decodificar sinais e reproduzir informações de forma mecânica, mas constatar, pensar e transformar significados, compreender o texto e recriá-lo. Nesse sentido, a cada leitura o significado de todas as outras anteriores, bem como do próprio real do existir é recolocado e transformado.”

*Ildeu Moreira Coêlho*

Se não pensarmos na esteira deixada pelo pensamento do outro, o que faremos? Não ficaremos à deriva, técnicos/as, gestores/as, pesquisadores/as coordenadores/as, professores/as, alunos/as, reitores/as, secretários/as de ensino? Sem o cuidado como a leitura e absortos/as no mundo do trabalho, continuaremos sem direção. Parece que só o trabalho interessa e, tão somente esse.

## *Considerações Finais*

A voz dos alunos e das alunas tem uma tonalidade ‘sem tom’, nem grave nem aguda, a voz parece não querer sair, o déficit da sonoridade é inaudível. E não resolve o grito. Nada se escuta, além do barulho da correria, da pressa, de um ritmo pesado, desordenado e abafado de um trabalho sem direção. É uma correria louca e desvairada.

Não é muito diferente o clamor da voz dos professores e professoras. Igualmente a dos gestores, técnicos em assuntos educacionais. Quanto às angústias e apreensões a esse modelo de ensino instaurado nesse período de pandemia. A voz é também quase inaudível. Quando aumenta-se o volume do som das vozes, aumenta-se o eco e, esse é confundido com as vozes dos alunos e das alunas.

Uma coisa é certa, se continuarmos nessa mesma toada, sem o devido cuidado com o processo formativo, sem estudo, sem leitura, aliados a esse trabalho desvairado, nessa correria maluca, sem nexos e sem medida, a escuridão da noite apagará de fato, as estrelas, a lua, os astros luminosos. Sem isso e não conseguindo nos orientar em alto mar, não chegaremos salvos do outro lado. Talvez, aos pedaços e, isso não é bom para ninguém.

Esse trabalho formativo executado cotidianamente nas instituições de ensino, muitas vezes sem organização, outras, sem planejamento, algumas desprovidas de direção, em boa medida, sem controle, tudo isso, seja na rede privada ou pública, concomitantemente tem gerado lágrimas nos olhos dos/as protagonistas do ensino. Uma voz foi publicada no dia 25 de julho do ano de 1867, no prefácio da primeira edição do livro *O Capital* de Karl Marx, ouçamos:

“ Além das misérias modernas, oprime-nos toda uma série de misérias herdadas, decorrentes do fato de continuarem vegetando modos de produção arcaicos e ultrapassados, com seu

## Considerações Finais

séquito de relações sociais e políticas anacrônicas. Somos atormentados não só pelos vivos, como também pelos mortos. Le mort saisit 'le vif'.<sup>26</sup>”

*Karl Marx*

Sim, os mortos agarram os vivos e, os vivos aos mortos, nesse ínterim, retomamos literalmente a voz da apresentação do amigo e colega de profissão, Paulo José Lacerda Cabral, ‘Enfatizamos com todo respeito às inúmeras vítimas da Covid, o momento é de reflexão e revolução. [...] Somos pequenos, nos curvamos ao microscópico, ao que tudo indica rompemos com a natureza, herdamos uma doença de outro reino animal pela soberba, intransigência e espírito colonialista’ e, acrescentamos, totalmente capitalista. A nossa geração nunca precisou tanto e tanto de homens e mulheres verdadeiramente humanos. Nesse cenário, a educação em seu sentido sublime não pode ser percebida como coisa, propriedade, terreno, muito menos, ser apropriação de alguns poucos/as privilegiados/as. Estamos prestes a utilizar em poucos anos a automação em sua maior escala. Nessa nova agenda da humanidade, a voz de Noah Harari é inconfundível e incorrigível:

“ A humanidade vai até o banheiro, lava o rosto, examina as rugas diante do espelho, prepara uma xícara de café e abre o jornal. ‘O que será que nos espera hoje?’<sup>27</sup>”

*Yuval Noah Harari*

---

<sup>26</sup>MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1: O processo de produção do capital. Trad. por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 12.

<sup>27</sup>HARARI, *Homo Deus: uma breve história do amanhã*, p. 11.

## Considerações Finais

A revolução industrial está superada. Essa é uma realidade e não um sonho e, exatamente por isso, rebuscamos a voz de um alemão publicada em 1936, ela foi ouvida e escutada em pleno tempo de Covid-19:

“ Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do Homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana.<sup>28</sup>”

*Werner Jaeger*

O universo da educação, da cultura, do saber, do conhecimento, da ciência, da filosofia, do ensino, da aprendizagem da leitura, da escrita, deve ser entendido e praticado com sabedoria, inteligência, criatividade, originalidade, cuidado, profundamente criado e construído com gentileza e atenção, fora disso, essas realidades morrem e, com elas, também o homem. Como no filme, *À Procura de Nemo*, o ‘peixinho palhaço’, exclama a voz da personagem da amiguinha de Nemo, a Dory: ‘continue a nadar’, ‘continue a nadar, a nadar, nadar, nadar’. Em que pesem aos verdadeiros trabalhadores do ensino, entretanto, se continuarmos a trabalhar nesse ritmo acelerado, nessa correria desordenada, nesse movimento atrapalhado, nessa toada bipolar, o resultado será sempre o cansaço, o esgotamento, a debilidade, a tristeza, a depressão, a escuridão, a doença e, conseqüentemente, morte. Como se não bastasse o vírus.

Atenciosos, os navegantes escutaram novamente a mesma voz,

---

<sup>28</sup>JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. por Artur M. Parreira. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 3.

## *Considerações Finais*

“ De tanto olharmos para a escola e seus intermináveis problemas, em geral esquecemos que ela é parte de realidades mais amplas e significativas, de totalidades em movimento, sem as quais ela perde seu sentido e sua razão de ser, torna-se estreita e pobre, em termos de educação, cultura, de formação, de realização da existência humana.<sup>29</sup>”

*Ildeu Moreira Coêlho*

Terminamos a nossa tarefa hoje sabendo que amanhã ela continua. A questão não está intrinsecamente no mundo da qualificação técnica, nem no mundo da informação, da mídia, do desenvolvimento tecnológico, mas na incapacidade de fazer distinções entre, a condição humana e as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Talvez o vírus tenha disso aproveitado!

---

<sup>29</sup>COÊLHO, Ildeu Moreira. *Educação cultura e formação: o olhar da filosofia*. Goiás: PUC Goiás, 2009, p. 16.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Macyra Celly Sousa. “Educação dos profissionais da saúde através da ead: um olhar no Rio Grande do Norte”. Em: *Anais do III Colóquio Nacional de práticas integradoras em educação profissional*. 2014 (ver p. 107).
- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. por Mauro H. Barbosa de Almeida. 5.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 223 (ver p. 155).
- BJORK, Robert A., DUNLOSKY, John e KORNELL, Nate. “Self-Regulated Learning: Beliefs, Techniques, and Illusions”. Em: *Annual Review of Psychology* 64.1 (2013), pp. 417–444. DOI: [10.1146/annurev-psych-113011-143823](https://doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143823) (ver p. xiii).
- BRASIL. *Lei No 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. 1996 (ver p. 106).
- *Decreto no 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. 2005 (ver p. 106).
- CAMÕES, Luis Vaz de. *Os lusíadas*. Belém: Núcleo de Educação a Distância, UNAMA, 2000, p. 45. URL: <http://bit.ly/camoesslu>. Acessado em 09 de setembro de 2020 (ver p. 1).
- CEPEDA, Nicholas J. et al. “Distributed practice in verbal recall tasks: A review and quantitative synthesis.” Em: *Psychological bulletin* 132.3 (2006), pp. 354–380 (ver p. xiii).

## Referências

- COÊLHO, Ildeu Moreira. “A escola fundamental e média, o saber e o ensino aprendizagem”. Em: *Boletim dos Professores. Colégio Aplicação - FE/UFMG*. Goiânia - GO, 1992, pp. 1–7 (ver p. 156).
- *Educação cultura e formação: o olhar da filosofia*. Goiás: PUC Goiás, 2009, p. 16 (ver p. 161).
- CUTOLO, Luiz Roberto Agea. “Modelo Biomédico, reforma sanitária e a educação pediátrica”. Em: *Arquivos Catarinenses de Medicina* 35.4 (2006), pp. 16–24 (ver p. 107).
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. por António M Magalhães. Porto: Rés Editora, 1978, p. 8 (ver p. 153).
- DIAS-TRINDADE, Sara, MILL, Daniel Ribeiro Silva e VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. “Educação, Tecnologias e Inclusão digital”. Em: *Revista Diálogo Educacional* 18.58 (2018), pp. 596–602 (ver p. 100).
- FINK, Steven. *Crisis Management: Planning for the Inevitable*. Lincoln, NE: iUniverse; Authors Guild Backinprint, 2002 (ver p. xi).
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Trad. por António Feliciano de Castilho. Portugal: Universidade de Aveiro, 2003. URL: <http://bit.ly/gothefausto>. Acessado em 15 de setembro de 2020 (ver p. 6).
- HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Trad. por Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (ver pp. 5, 159).
- HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX 1914 – 1991*. Trad. por Marcos Santarrita. 2.ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1995, p. 562 (ver p. 6).
- HUXLEY, Aldo. *O despertar do mundo novo*. Trad. por M Judith Martins. São Paulo: Hemus - Livraria Editora Ltda, 1977, p. 18 (ver p. 154).

## Referências

- JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. por Artur M. Parreira. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 3 (ver p. 160).
- KOSELLECK, Reinhart. “Historia Magistra Vitae”. Em: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006 (ver pp. 99, 101).
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1: O processo de produção do capital. Trad. por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 12 (ver p. 159).
- MITROFF, Ian I. *Crisis Leadership: Planning for the Unthinkable*. John Wiley & Sons Inc, 2004, p. 33 (ver p. xi).
- NÓVOA, António Sampaio da. *III encontro pibid unespar - António Nóvoa - conferência “formar professores para o futuro”*. III Encontro PIBID UNESPAR. 2014. URL: [https://youtu.be/r4Vz\\_nm5QQ](https://youtu.be/r4Vz_nm5QQ). Acessado em 09 de setembro de 2020 (ver p. xvi).
- REVIEW, Harvard Business. *Crisis Management: Master the Skills to Prevent Disasters*. Harvard Business Press, 2004, p. xvi (ver p. xi).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020, p. 28 (ver p. 7).
- TORREZ, Milta Neide Freire Barron. “Educação a distância e a formação em saúde: nem tanto, nem tão pouco”. Em: *Trabalho, Educação e Saúde* 3.1 (2005), pp. 171–186 (ver pp. 107, 108).
- TURABIK, Tugba e BASKAN, Gulsun Atanur. “The Importance of Motivation Theories in Terms Of Education Systems”. Em: *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 186 (2015), pp. 1055–1063. DOI: [10.1016/j.sbspro.2015.04.006](https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.04.006) (ver p. xii).